

# D

## Diálogos ou Colóquios

COLEÇÃO DIÁLOGOS PORTUGUESES

Francisco de Moraes



**EDIÇÃO**

IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição  
FCSH/NOVA – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
da Universidade Nova de Lisboa  
Coleção DIÁLOGOS PORTUGUESES

**NA CAPA:**

Ilustração de *Speculum Universale*,  
BNP II. 87 vol. 2, fól. 85 (detalhe)

**DESIGN GRÁFICO**

Inês Mateus

**ISBN 978-989-99761-1-5**

Dezembro de 2016

Agradecemos à Biblioteca da Ajuda, Biblioteca Nacional de Portugal e Biblioteca Pública Municipal do Porto as autorizações concedidas para utilizar as imagens contidas no presente volume.

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

O IELT é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto UID/ELT/00657/2013

O projeto «Recuperar o Diálogo (edição crítica e estudo)»  
é financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (Processo 139446)

# DIÁLOGOS, OU COLÓQUIOS, DE FRANCISCO DE MORAIS

Edição e estudo de  
ISABEL BARROS DIAS  
ANA SOFIA LARANJINHA  
MARGARIDA SANTOS ALPALHÃO



# Apresentação

O projeto *Diálogos Portugueses*, sediado no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IELT, FCSH/NOVA), tem como principal objetivo estudar e editar textos portugueses, ou de autores portugueses, em diálogo, independentemente do assunto que versem.

A presente obra é publicada no âmbito do Projeto «Recuperar o Diálogo (edição Crítica e Estudo)», apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (Processo 139446), e desenvolvido pelo grupo de trabalho sobre *Diálogos Portugueses*. O conjunto de obras em publicação neste quadro concreto visa dar a conhecer uma pequena parcela deste vasto Património Nacional esquecido até há pouco.



# *Diálogos, ou Colóquios*, de Francisco de Morais

## 1. O autor e a obra

Francisco de Morais (ou Moraes, tal como assinava) terá nascido em 1500 e falecido, muito provavelmente, em 1573. A primeira data não é confirmável por informação coeva. Com segurança documental, sabe-se que, a ter nascido em Bragança, se terá instalado em Lisboa entre 1526 e 1530, quando reside com a esposa no vale de Xabregas. Foi «cryado» de D. António de Noronha e viveu na corte de D. João III. Acompanhou D. Francisco de Noronha à corte francesa de Francisco I (1540-1548, com eventual interregno entre 1543 e 1547) e a Ceuta e Sevilha (1551?). Assistiu ao «Torneio do Príncipe», em Xabregas (Lisboa), no qual participaram o infante D. João e outros nobres portugueses (1552). Foi arrendatário de um olival em Chelas (1558), Almojarife em Évora (1559-60 e 1573) e Recebedor do Almojarifado de Évora (1564-1567). Casou com Bárbara Madeira, de quem teve vários filhos, designadamente Gregório de Morais, seu herdeiro. A data do óbito é deduzida das Cartas de Quitação de Almojarife do Almojarifado de Évora relativas aos anos de 1565 a 1567 e 1573.

Da sua obra literária destaca-se o afamado livro de cavalarias *Palmeirim de Inglaterra*, do qual se conhecem várias continuações por autores diversos. Morais escreveu ainda outros textos curtos, de géneros variados, que chegaram até nós: cartas, relatos, poemas e diálogos.

Em 1624, Manoel Carvalho reúne uma boa parte da obra breve de Francisco de Morais<sup>1</sup>, integrando, inclusivamente, uma carta, que não é sua, mas de D. Inácio de Noronha, dirigida a D. João III, tendo-a Morais anotado, na qualidade de secretário da casa de Linhares. Para além deste texto, a compilação integra ainda

---

<sup>1</sup> Os textos publicados por Manoel Carvalho, em 1624 são os seguintes: «Soneto ao lecenceado Luis Soarez de Oliveira», os três diálogos de Francisco de Morais, a «carta de Dom Inacio para el Rey Dom João terceiro...» e a «Desculpa de uns amores que tinha em Paris...» (Morais 1624). Esta edição está disponível na Biblioteca Nacional Digital, <http://purl.pt/14873>.

a relação «hum desengano de Amor», ou «Desculpa de uns amores que tinha em Paris...», considerada autobiográfica e que terá servido de preparação, ou estudo, para o episódio das Quatro Damas Francesas em *Palmeirim de Inglaterra*.

Aos textos editados em 1624, acrescem ainda a primeira descrição do castelo de Chambord, em França; o relato das exéquias de Francisco I de França, a notícia do Torneio de Xabregas em que participou o infante D. João e a «1ª Rel. do N.», catalogada em 1793, mas cuja localização atualmente se desconhece.

Para além desta última obra, também é dado como perdido o *Livro de todos os uzos das cortes dos outros Reinos, assi politicos, & dos fieis e catholicos, como dos infieis e bárbaros*, que Morais redigia à época do seu falecimento. Por último, as terceira e quarta partes do seu *Palmeirim de Inglaterra*, ou *Crónica do Segundo D. Duardos* são, igualmente, obras de que temos notícia, mas de que, até ao momento, não foram encontrados exemplares (Alpalhão 2009: 47-54).

De Morais, conservamos ainda duas cartas autógrafas — dirigidas ao Conde de Linhares (10-12-1541) e a Fernão de Álvares (3-3-1542) — além de outras duas, conhecidas por cópias tardias — dirigidas ao Conde de Linhares (27-6-1541) e a D. Leonor de Áustria, rainha de França (?-?-1552). Sabe-se da existência de, pelo menos, outras duas possivelmente desaparecidas (referidas nas cartas autógrafas). Possuímos ainda algumas composições poéticas da sua autoria, dispersas por diferentes livros, caso do *Palmeirim de Inglaterra* (o vilancete «Triste vida se me ordena», posteriormente glosado por Luís de Camões, recolhido no *Cancioneiro de Luís Franco Correa*), e da *Desculpa de uns amores*.

## 2. Os três Colóquios, ou Diálogos, de Francisco de Morais

Os três colóquios que editamos neste volume constituem o espólio dialogal conhecido de Francisco de Morais. Estes textos apresentam entre si diferenças significativas, não só ao nível do conteúdo, mas também ao nível da sua transmissão manuscrita, pois, para além das inevitáveis variantes, que sempre existem nas transmissões textuais, nem todos os testemunhos sobreviventes conservam os três textos.

A primeira edição impressa dos *Dialogos de Francisco de Moraes* data de 1624. Trata-se de uma edição póstuma, pouco cuidada e, em algumas passagens, divergente do que consideramos que foi o texto original, tal devendo-se, muito provavelmente, à ação da censura vigente na época, um assunto que será abordado em maior detalhe no ponto 9.

As variantes existentes na transmissão manuscrita, a manipulação censória que terá marcado a primeira impressão destes *Dialogos* e influenciado as edições posteriores, a par da descoberta recente de dois novos testemunhos (na Biblioteca Pública



Municipal do Porto e na Biblioteca da Ajuda), agora estudados, constituem argumentos de peso que nos estimularam a revisitar e a reeditar estas obras<sup>2</sup>. Acresce o facto de estes três diálogos fazerem parte do Património Literário Nacional menos conhecido, uma lacuna que considerámos importante colmatar uma vez que os quadros sociais, políticos e satíricos que Morais esquissa são elementos preciosos para melhorar o nosso conhecimento da época de quinhentos, sendo neste aspeto comparáveis aos testemunhos de outros autores bastante mais divulgados, como Gil Vicente.

O «Dialogo primeiro» coloca frente a frente um Fidalgo e um Escudeiro. Personagens sem nome próprio, revelam-se, desde logo, tipos sociais que jogam com a inversão de papéis em determinados momentos do texto: o início e o final. Entretanto, vão comentando hábitos sociais, práticas quotidianas, opiniões sobre o estatuto social de cada um, acompanhando esta conversação, ficcional, mas bastante verosímil, com exemplos e referências a figuras que o leitor contemporâneo conheceria e identificaria melhor que o leitor do século XXI. Durante a conversa surgem vários comentários à leitura e à escrita, bem como ao vestuário usado por cada um destes corpos sociais, pois tanto o Fidalgo como o Escudeiro apontam defeitos de classe ao seu interlocutor.

Morais interpela a sociedade com os argumentos que seriam usados na discussão de uma questão que, à época, seria candente. A História permite-nos verificar como estas preocupações estavam presentes no quotidiano português do século XVI. Assim o atesta Joaquim Romero de Magalhães (1993: 490): «O fidalgo era nobre. Nem todo o nobre era fidalgo.» E continua: «nobre é aquele que mostra qualidades de nobreza, que sabe agir de um modo honroso e socialmente prestigiante». Também João Pereira (1998: 282) refere que «o estrato dos escudeiros aparecia como a grande divisória entre a gente nobre e a gente baixa, “que a pé ande”, nos finais da Idade Média em Portugal» e separa claramente «Grandes, Fidalgos, Cavaleiros» de «Escudeiros, Outra gente limpa» e estes de «Oficiais mecânicos e semelhantes e outra gente baixa, Lavradores, criadores de gado e outra gente semelhante». Estas observações vão precisamente contra a opinião expressa pelo Escudeiro do «Dialogo primeiro», que parece querer diluir a hierarquia entre cavaleiros e escudeiros. Porém, tanto as *Ordenações Manuelinas* quanto as *Leis Extravagantes* de D. Sebastião, além de algumas leis avulsas, mencionavam deveres e proibições nesse âmbito, tendo como objetivo marcar uma hierarquia no interior da nobreza. Assim, nos títulos 37

---

<sup>2</sup> Para a presente edição, além da edição impressa, considerámos dois manuscritos atualmente conservados na Biblioteca Nacional de Portugal (o COD. 3563 e o PBA 147), um manuscrito existente na Biblioteca Pública Municipal do Porto (o FA 63) e outro existente na Biblioteca da Ajuda (o 52-VIII-38). Apresentá-los-emos todos em maior detalhe nos pontos 3 e 4.

e 38 do segundo livro das *Ordenações Manuelinas* (2006: 197 e 204), por exemplo, são referidas as «penas que aueram os que trouxeram armas, que lhe nam pertencem [...]. E dos que se nomeam por Fidalguos nom o sendo» e «que os Caualeiros nom guozem dos priuilegios da Caualaria, sem terem caualos e armas, e confirmaçam de sua Caualaria». Perante este panorama, podemos perguntar-nos até que ponto o diálogo de Morais não poderá ser uma reação a estas leis? Com efeito, o autor poderá estar a dar voz a quantos criticavam a falta de nobreza moral de alguns fidalgos.

No «Dialogo segundo» contendem um Doutor e um Cavaleiro, personagens que representam, mais uma vez, grupos sociais bem definidos e realisticamente representados, com os traços e aspirações que os caracterizavam no tempo da escrita. Os argumentos avançados por cada uma das partes sugerem que o Doutor defende o ponto de vista dos que administram a justiça independentemente da sua posição na hierarquia (dos altos funcionários da corte aos que zelam pela aplicação das leis em todos os lugares do reino), enquanto o Cavaleiro se bate pela honra da nobreza no seu conjunto. Desde o início do diálogo, o Doutor está sem dúvida em posição de superioridade, tanto no que podemos inferir da hierarquia social em que se inserem as duas personagens, como no que diz respeito ao campo em que se enfrentam: a oratória. No entanto, o Cavaleiro acaba por sair vencedor do debate, não apenas porque dá mostras de manejar na perfeição as armas do adversário, mostrando-se tão ou mais hábil do que ele nas referências literárias e históricas, mas também porque são dele as mais vívidas descrições do que sofrem na guerra os que «por deffensa da Pátria e serviço do seu Principe, offerecem as vidas á morte» (cf. p.88). Assim, Morais aplica, com muito espírito, à sociedade do seu tempo o velho debate entre as armas e as letras: critica a importância crescente que os letrados da corte, beneficiando da centralização e burocratização do poder, vinham conquistando desde o final do séc. XV, e condena o abandono a que eram votados os cavaleiros e os fidalgos que tentavam manter as praças africanas a salvo das investidas dos mouros.

O «Dialogo terceiro» distingue-se tematicamente dos dois outros, uma vez que não aborda um tema social especialmente sério ou candente na época<sup>3</sup>. O texto apresenta-nos uma situação relativamente banal, o encontro de dois antigos apaixonados, no caso um Moço «da estribeira» e uma Regateira, que trocam recordações e memórias num tom, ora saudoso, ora brejeiro a raiar o obscuro. A conversa entre estes dois interlocutores retrata uma época e dois exemplares de um tipo humano

---

<sup>3</sup> Apesar de um dos assuntos abordados neste diálogo, o casamento (em oposição ao concubinato), ser, como recorda Ivone Leal (1986: 776), uma das questões da ortodoxia católica que mereceram ser debatidas e regulamentadas aquando do Concílio de Trento (1545-1563).

bastante específico, mas também bastante comum: duas pessoas de classe baixa e de costumes duvidosos que, num diálogo simultaneamente de rememoração do passado e de sedução presente, procuram exibir-se e se elogiam mutuamente como pessoas bonitas, interessantes, de bom gosto, diligentes e virtuosas. No entanto, e apesar dos seus esforços, não conseguem encobrir, nem a sua condição, nem o seu carácter.

Os três diálogos são diversos na temática, mas une-os a pena crítica do seu autor, aliada à sua sagaz observação de hábitos e costumes. Já o revelara em *Palmeirim de Inglaterra*, reitera-o nestas obras. Com Francisco de Morais, o diálogo quinhentista afasta-se da matriz clássica, pois são questões prementes da sociedade do seu tempo que o motivam, como regista Isabel Almeida (2011: 611): «A sua matriz é o colóquio tal como Erasmo o cultivara: não o colóquio que, para atingir metas pedagógicas, assenta na óbvia e simples destrinça da autoridade dos intervenientes (mestrediscípulo, pai-filho...), mas o colóquio apostado em evidenciar problemas.».

### 3. Testemunhos e edições

Os Diálogos, ou Colóquios, de Francisco de Morais não se diferenciam só no âmbito temático. Importa registar, também, as oscilações existentes na sua transmissão textual. Assim, passamos a apresentar os testemunhos e edições de que temos conhecimento, salientando as suas particularidades mais notórias. A ordem da sua apresentação procura ser cronológica, salvaguardando-se, no entanto, que, relativamente aos três primeiros testemunhos, não podemos precisar com total segurança qual é o mais antigo uma vez que, em termos linguísticos, o cotejo dos manuscritos revela dados por vezes contraditórios, como detalhamos no ponto 5.

O manuscrito 63 do Fundo Azevedo (a que atribuímos a letra A) pertence à Biblioteca Pública Municipal do Porto (FA 63)<sup>4</sup>. O seu compilador foi Diogo Esteves da Veiga (1551-1635), segundo o próprio filho registou no interior da capa do volume: «Este cartapacio he de meu pai o sor D<sup>o</sup> Esteues da veiga hescrito de sua letra». Trata-se de um códice atualmente com 158 fólios, dos quais alguns se encontram em mau estado. Em três textos faltam fólios, o que é denunciado pelos reclamos e pela foliação que está manuscrita até ao algarismo 174. Todo o manuscrito apresenta caligrafia da mesma mão, ainda que contenha alguns acrescentos de outra, possivelmente a do filho do seu primeiro possuidor. O volume contém textos de temática e tipologia variada, do que resulta a sua natureza miscelânea.

---

<sup>4</sup> Agradecemos a Filipe Alves Moreira as inestimáveis indicações que nos forneceu sobre este testemunho.

Este testemunho contém apenas o primeiro colóquio de Morais e parte do segundo, nos fólhos 159 rosto a 166 verso, segundo a numeração do canto superior direito (o que corresponde aos fls. 147 rosto a 154 verso neste momento efetivamente existentes no volume). O volume não contém o terceiro colóquio do mesmo autor. Para além dos diálogos mencionados, integra outras obras variadas: um léxico, trovas, umas «Regras que ensinão a man<sup>a</sup> de escrever, e orthographia da lingua Portuguesa», «treslados» de cartas várias, o «testam<sup>to</sup> e ultima vontade de Luis de Saldanha», algumas relações, composições poéticas, algumas delas em castelhano, e vários «avisos» (parágrafos breves) sobre assuntos diversos. Apesar da datação que consta em alguns destes textos (entre 1578 e 1582), a ortografia denuncia vários traços característicos de finais do século XVI. Este volume, compilado por Diogo Esteves da Veiga, pertenceu ainda ao Barão de Prime, Luís de Loureiro Queirós Cardoso do Couto Leitão (1785-1853), antes de integrar o fundo Azevedo na Biblioteca Pública Municipal do Porto.

O segundo testemunho, que inclui os três diálogos, consiste num códice factício, restaurado, pertencente à coleção Pombalina da Biblioteca Nacional de Portugal (PBA 147), e a que atribuímos, como designação, a letra P. Este fundo, adquirido por esta instituição em leilão, é composto pela biblioteca particular do estadista e outras obras. No que se refere ao volume que aqui nos interessa, ainda que a sua produção material seja do século XVII, algumas marcas lexicais denotam um texto da centúria anterior e, seguramente, de momento anterior ao testemunho impresso, pois alterna formas de português ainda médio com formas de português clássico.

O volume não se encontra dividido em capítulos, embora inclua textos de épocas variadas e seja constituído por duas partes assaz diferentes. Na primeira parte (fólhos 154r-261r) encontram-se transcrições de obras de D. Duarte (esta parte começa sob o título «Obras d ElRej Dom Duarte» e agrupa, de forma bastante desordenada, vários textos do *Livro dos Conselhos*, alguns capítulos do *Leal Conselheiro* e outros textos relacionados com a vida e obra do monarca) e de D. Pedro. A segunda parte, copiada por várias mãos, é uma miscelânea constituída, maioritariamente, por cartas (27), ao que se somam listas de autores (12), títulos de obras (5), listas de conventos e igrejas (3), determinações (2), sentenças (2), instituições (2), avisos (1) e regimentos (1). É nesta segunda parte do códice, de características materiais diferentes da primeira, que, entre a «Desculpa de huns amores»<sup>5</sup> e as «Prophecias do Theologo D<sup>or</sup>. Antonio Chiado», se encontram os três diálogos de Francisco de Morais (fólhos 294 a 302).

---

<sup>5</sup> Este códice integra as mesmas obras breves de Francisco de Morais que a versão impressa por Manoel Carvalho.

Segundo a base de dados Philobiblon (BITAGAP, manid 1704) este códice é do séc. XVIII, porém, a letra que encontramos no documento já se verifica no séc. XVII<sup>6</sup>. Esta última possibilidade de datação parece-nos ser a mais ajustada também em virtude de um argumento contextual, uma vez que a primeira parte do códice apresenta a data de 1613. Infelizmente, os Diálogos, ou Colóquios, de Morais integram a segunda parte do livro, o que quer dizer que, exclusivamente com base neste argumento, não podemos atribuir-lhe com segurança a mesma data que encontramos na primeira.

O Códice 3563 da Biblioteca Nacional de Portugal (a que atribuímos a letra G), compilação da autoria de Gil Nunes de Leão (finalizada cerca de 1620), apenas inclui dois diálogos. Desconhecemos os motivos que levaram o organizador a ignorar o terceiro colóquio de Francisco de Morais. Poderemos conjecturar que não dispôs do texto, como dos dois restantes, para o transcrever; ou que o mesmo poderia ter sido transcrito em outro volume, ainda não identificado; ou ainda, o que parece mais ajustado, que o diálogo em causa não tinha cabimento na sua compilação, seja pelo tipo de linguagem, seja pelas classes sociais envolvidas naquele terceiro diálogo. O códice inclui diversos textos breves de carácter variado como «Cartas em prosa», «fallas», «trovas de toda a sorte», «Mottes com suas grosas» e «sonetos». Em nenhum dos textos transcritos notámos alusões brejeiras semelhantes às que se verificam no «Dialogo terceiro». Perante a diversidade de textos de autoria variada, o códice assume um carácter antológico. Apresenta textos datados dos primeiros anos do século XVII, e a folha de rosto afirma expressamente «aduertindo se ã nada disto anda ãpresso», o que coloca a recolha com a data de 1624 como *terminus ad quem*, ou seja, trata-se de um testemunho anterior à impressão de Évora. A aposentação de Gil Nunes de Leão em 1627 (Gama 2002: 28) poderá ser outro argumento a favor do estabelecimento deste limite.

Uma segunda questão que se coloca é a de saber por que razão, neste livro, os dois diálogos não são transcritos juntos, em sequência. A cópia de Gil Nunes de Leão apresenta, inclusivamente, uma ordenação diferente da que encontramos nos restantes testemunhos pois o primeiro colóquio surge nos fólhos 47 rosto a 52 verso e o segundo nos fólhos 1 rosto a 4 verso. Acresce o facto de não constar qualquer indicação quanto ao seu autor. Estes indícios levam-nos a crer que os vários colóquios poderão ter circulado autonomamente, em folhas volantes e sem indicação de autor. A ser assim, podemos conjecturar que Gil Nunes de Leão poderá ter tido acesso aos diálogos enquanto textos anónimos, situação que pode explicar, não só a inexistência

---

<sup>6</sup> Agradecemos aos colegas da «Oficina de Edições», da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a ajuda dada na datação da letra deste manuscrito.

do nome do autor, mas também a sua disposição nesta coletânea e ainda a ausência do terceiro colóquio.

Assim, face às evidências textuais e às questões que elas colocam, consideramos que Gil Nunes de Leão provavelmente não terá tido conhecimento de que os dois diálogos que transcreveu eram obra de um mesmo autor, desconhecendo ainda quem era esse autor. No entanto, ter-lhes-á reconhecido alguma identidade genológica e temática, o que o terá levado à sua colocação no mesmo capítulo da sua coletânea. Com efeito, apesar de Gil Nunes de Leão separar os dois textos de Moraes, encontram-se ambos na mesma secção da antologia sob o título capitular «tratados varios em prosa»<sup>7</sup>. Partindo do índice do códice, verificamos a diversidade dos textos que aí são integrados. O total de 28 peças subdivide-se em 3 textos que se intitulam «tractado», ao que acrescem sentenças, de dois tipos distintos (2+2), relações (3), «letrado» de sepulturas (2), «colloquio» (2) — os diálogos que aqui nos interessam — e, com apenas um exemplar de cada, «Pratica», «Oraçam», «escriptura», «avisos», «lembranças», «formas dos cartazes», «Graças e mercês», «Juizo», «Contemplaçam», «ditos», «torneio», «Mandado», «testamento» e «Parlamento».

O quarto testemunho, impresso, datado de 1624, saiu do prelo de Manoel Carvalho, em Évora, e foi dedicado a Manuel Faria Severim (atribuímos-lhe a letra E). Corresponde a um in-8.<sup>o</sup> de que se conhecem, atualmente, apenas três exemplares, dois dos quais fora de Portugal — um em Londres (British Library) e o outro no Rio de Janeiro (Biblioteca Nacional), conforme noticiámos oportunamente no âmbito do projeto *Diálogos Quinhentistas*. A obra, censurada, como se pode confirmar pelas licenças que acompanham a edição, é composta pelos três diálogos e outras obras breves<sup>8</sup>.

O quinto testemunho<sup>9</sup> apenas apresenta uma versão reduzida do «Diálogo primeiro», derivada da versão de Gil Nunes de Leão (bastaria o cotejo da primeira fala do Fidalgo para o perceber, mas outros trechos o comprovam). Este testemunho corresponde ao segundo documento incluso num códice factício da Biblioteca da Ajuda, atualmente com a cota 52-VIII-38 (atribuímos-lhe, como designação, a letra C). O volume é composto por doze textos, 2 dos quais tabelas, o último dos quais com ortografia de mão diferente. Algumas das peças apresentam datas dos séculos XVI e XVII: um «sumario dos papas q̄ foram desde s. pedro ate esta nossa

---

<sup>7</sup> Rafael Bluteau (1721: 257b) define «tratado» como «Dissertação, lançada em papel sobre alguma materia».

<sup>8</sup> Ver nota 1.

<sup>9</sup> Agradecemos a Irene Freire Nunes e Filipe Alves Moreira as indicações que nos forneceram sobre este testemunho.

ydade», concluído em 1571; um «Breue sumario E memorial dos reis que foram de Portugal», que termina em 1598 registando o falecimento de D. Filipe I e uma «Lembrança das primeiras carauelas q̃ foram de socorro a Parnãobuco», feita em 1625. A redação do texto dialogado é pouco cuidada e apresenta alguns erros de leitura. A redução do texto de Morais pode atribuir-se ao copista ou compilador, tendo em conta a menção manuscrita, recente, na folha de rosto do volume: «Colecção de Noticias pelo Marques de Colares», D. Jerónimo de Ataíde, conde de Castro d’Aire e da Castanheira, titulado Marquês por D. Filipe II de Espanha, e que morreu em 1669. O teor geral da miscelânea de textos ali reunidos (que, em boa parte, incide sobre assuntos relacionados com cavaleiros e fidalgos<sup>10</sup>) justificará a presença de apenas um texto moraisiano, anónimo e inesperadamente intitulado, «Pratica q̃ ten hũ fidalgo com su escudeiro».

Existe ainda um manuscrito, na biblioteca de D. Manuel II, no Paço de Vila Viçosa (BDM II Ms. LXXXI), que corresponde ao texto preparatório da edição de 1786. Dado que foi realizado a partir do texto publicado em 1624, este manuscrito não aduz qualquer elemento significativo para o objetivo deste trabalho e por isso não foi tido em consideração para o presente estudo.

As edições posteriores dos diálogos de Morais seguiram a edição eborense, atualizando a ortografia. Encontram-se neste caso a edição de 1786 (Morais 1786: 7-41), organizada por Agostinho José da Costa Macedo (Silva 1859: 16); a edição de 1852, da responsabilidade do Escriptorio da Bibliotheca Portugueza (Morais 1852: 7-35); e ainda uma edição brasileira, de 1946, realizada por Geraldo Cintra (Morais 1946: 367-378). Desde então, e até recentemente, foram feitas apenas edições individuais do «Dialogo primeiro». Também nestes casos apenas se verifica a atualização ortográfica de impresso anterior (Morais 1947: 71-83 e Morais 1978: 499-505).

Fogem a este paradigma as edições mais recentes, como a realizada por Elze Mathias (1980: 511-519), que transcreve o «Dialogo primeiro», com base no testemunho do Códice 3563 da BNP (aqui designado G). Os dois outros diálogos moraisianos foram também revisitados graças a duas iniciativas de publicação paralelas do conjunto dos três diálogos. Por um lado, Aurélio Vargas Díaz-Toledo publicou edições críticas dos três textos em três momentos diferentes (Morais 2012a), (Morais

---

<sup>10</sup> O volume contém doze documentos distintos, entre os quais a «Forma de lançar o Abito aos CavaL<sup>ros</sup> da ordem de N. S. I H. S. CHPO»; o «Sumario dos papas q̃ foraõ desde s. pedro ate esta nossa ydade ...»; um conjunto de máximas, ou ditos, «Seleção do côde do vimiozo»; a «Lembrança das primeiras carauelas q̃ foraõ de socorro a Parnaõbuco antes da partida da Armada»; a «Relação dos fidalgos q̃ vao embarcados na Armada»; além de listas dos Reis portugueses, desenhos diversos e tabelas.



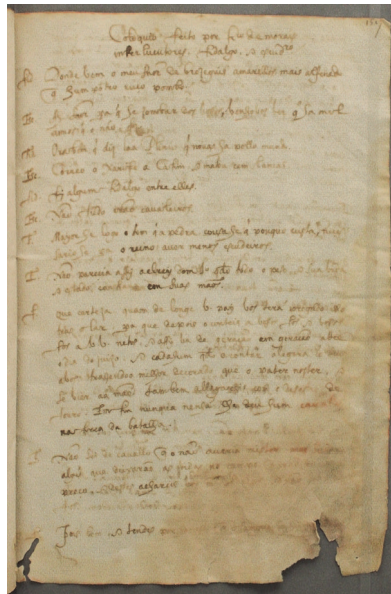
2012b) e (Morais 2013). Por outro lado, em janeiro de 2013 foram disponibilizadas em linha transcrições do testemunho P, no âmbito do Projeto *Diálogos Quinhentistas* (2010-13) desenvolvido inicialmente no CEIL, Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário da FCSH/NOVA, atualmente integrado no IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, da mesma Faculdade. Esta transcrição, realizada pelas autoras da presente edição crítica, constitui a base do trabalho que agora se publica.

## 4. Descrição codicológica dos testemunhos

### O testemunho A

O testemunho A encontra-se no códice 63 do Fundo Azevedo da BPMP, como mencionado no ponto 3. Este códice é composto hoje por 158 fólios — faltando-lhe alguns, pois a numeração vai até 174 —, aparados. Em vários fólios verificam-se rasgões e em alguns outros manchas (de humidade?), ambos afetando o texto. A mancha gráfica é variável também em função da tipologia de texto (verso ou prosa). A encadernação é de pergaminho e papel, e a lombada apresenta vinheta autocolante com a inscrição «F. A | 63».

Do fólio 159 rosto ao fólio 166 verso encontramos os diálogos de Francisco de Moraes. O volume não apresenta, nem índice inicial de matérias, nem folha de rosto.



© BPMP, Ms. F.A. 63, fólio 159



## O testemunho P

O testemunho P encontra-se no códice PBA 147 da Biblioteca Nacional de Portugal. O volume, recentemente restaurado, é composto por duas partes distintas. O conjunto apresenta numeração continuada, iniciando-se no fólho 152 e prolongando-se até ao 352. No fólho 153, a lápis, caligrafia recente registou: «Obras varias | (Sec. XV-XVI)». O códice apresenta folhas de guarda iniciais e finais (3+3). A primeira parte, toda da mesma mão, é constituída por 127 fólhos de papel com 285 x 200 mm e apresenta no verso do último a indicação de que a obra contém 278 fólhos numerados sem erros. A segunda parte, com caligrafia menos cuidada, de papel com menor dimensão, é composta por 73 fólhos de papel com 264 x 185 mm. Está numerada do fólho 279 ao 352. O papel das duas partes apresenta marcas d'água distintas. Na primeira parte, a marca d'água consiste numa esfera cortada no seu interior por um X, e ostentando duas hastes com um trevo, uma em cima e outra em baixo. Esta marca foi usada desde os anos 80 do séc. XVI até inícios do séc. XVII<sup>11</sup>. Na segunda parte (a que aqui nos interessa por ser aquela onde se encontram os diálogos de Morais), alguns fólhos apresentam como marca d'água uma mão ou luva com folhos no punho e um P no seu interior, encimada por uma coroa com um trevo, em uso pela mesma época, ou seja, desde os anos 80 do séc. XVI até ao primeiro decénio do séc. XVII<sup>12</sup>, o que nos confirma a proximidade epocal das duas partes deste códice.

Também a mancha gráfica é variável nas duas partes: entre 140 x 268 mm e 174 x 240 mm, na primeira e entre 158 x 230 mm e 145 x 235 mm na segunda. As folhas da segunda parte apresentam reclamos em quase todos os fólhos, com dezasete exceções. A encadernação (século XVII?), também restaurada, é de pergaminho,

---

<sup>11</sup> Briquet (tomo IV, 1923) diz-nos que esta marca d'água foi usada em Itália e em França. Da análise do seu catálogo de imagens, as figuras que mais se aproximam do que encontramos na primeira parte do Códice PBA 147 têm o n.º 14034 (registada em Saumur, 1585) e o n.º 14048 (Mathé 1583-89, Angoulême, 1589, Quimperlé, 1592). Já Heawood (1950) regista esferas que atribui a Lisboa, mas que diferem das que encontramos no nosso códice PBA 147: as imagens n.º 3808-10 (Lisboa 1613) diferenciam-se porque não têm o seu interior cortado com um X e por serem ladeadas pelas iniciais F L, P V e V P. A imagem n.º 3812 (Lisboa, 1608-9) diferencia-se porque a esfera, no seu interior, em vez do X tem as iniciais DM. Simmons & Ginneken-van de Kastele (1994) registam uma esfera semelhante, de 1587.

<sup>12</sup> Segundo Briquet (tomo III, 1923), a mão, ou luva é uma das marcas d'água mais comuns e com mais variantes. Neste catálogo, as imagens que mais se assemelham às que encontramos no Códice PBA147 são as n.º 11046 (Carcassonne, 1586) e n.º 11047 (Bayonne, 1592). Heawood (1950) regista uma mão semelhante, também encimada por uma coroa com um trevo de 3 folhas ao meio, mas sem o P e diferindo igualmente nos folhos inferiores, a imagem n. 2571 (de Lisboa 1608-9). Simmons & Ginneken-van de Kastele (1994) registam mãos semelhantes, encimadas por coroa, com P dentro e com folhos em baixo, com datas entre 1564 e 1567.

com atilhos, nada mencionando na lombada. O volume apresenta índice de matérias nas duas partes: fólhos 266v-267v e 268-270v, respetivamente.

Entre os fólhos 291 e 302, sob o título «OBRAS de Francisco de Moraes», encontram-se os diálogos em apreço. O conjunto das obras do autor ocupa os fólhos 294-302. Na folha de rosto pode ler-se:

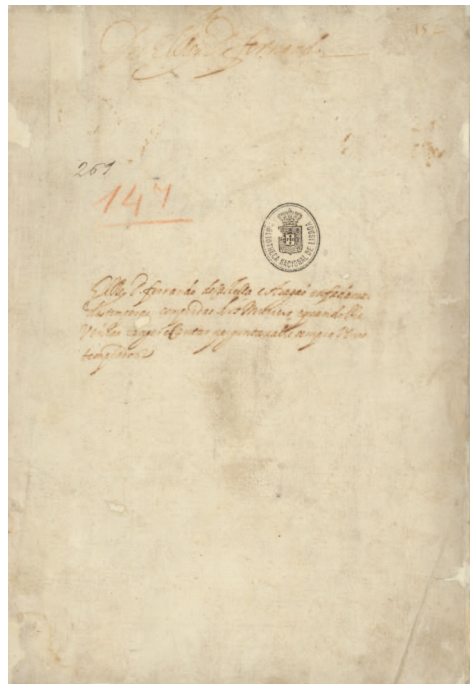
De ElRey D Fernando| 152

269 [a negro]

147 [a vermelho]

[carimbo da BNL]

ElRey D. Fernando de Castella e Aragaõ enfadauaze |  
das temperas compridas dos musicos, equandolhe  
vinhaõ tanger eCantar perguntualhe sempre vens  
temprados



© BNP, PBA 147, folha de rosto.

## O testemunho G

O testemunho G encontra-se incluso no códice 3563 da Biblioteca Nacional de Portugal, como mencionado. Este códice é composto por 352 fólhos de papel com 197x150 mm de tamanho, aparados. A mancha gráfica é variável (128 x 184 mm – 121x178mm) e, em muitos casos, apresenta uma cercadura de traço simples a delimitá-la. A encadernação é de cartão vestido a couro castanho (século XVIII?), e a lombada, com seis nervos, apresenta a inscrição «OBRAS VARIAS».

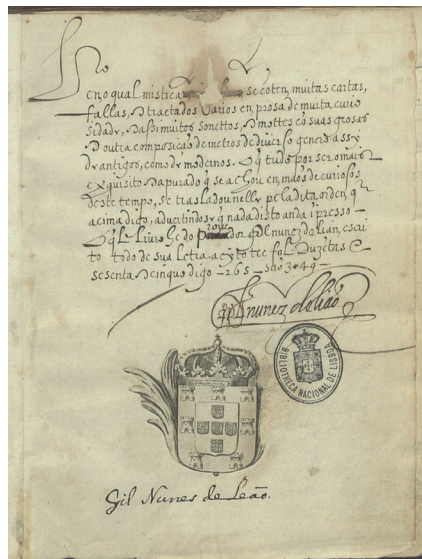
Entre os fólhos 1 e 4v e os fólhos 47 e 52v encontram-se dois diálogos (primeiro e segundo) do autor em apreço. O volume apresenta índice de matérias inicial. Na folha de rosto pode ler-se:

L<sup>RO</sup> en no qual mistica<sup>te</sup> [papel rasgado, recuperado] se co'tem muitas cartas, | fallas,  
E tractados varios em prosa de muita curio| sidade, E assi muitos sonettos, E mottes co'  
suas grosas | E outra composiça'o de metro de diuerso genero assy |de antigos, como  
de modernos. O q' tudo por ser o mais |exquisito E apurado q' se achou em mao's de  
curiosos | deste tempo, se tresladou nelle pela dita ordem q̄ | acima digo, aduertindose  
q' nada disto anda i'presso | O q'l Liuro he do prouedor gil nunez do liam, escri | to  
todo de sua letra a eyto tee fol. Duze'tas E | sesenta E cinco digo – 265 – são 349 –.

gil nunez de lião

[armas portuguesas (escudo)]

Gil Nunes de Leão



© BNP, COD. 3563, folha de rosto.

## O testemunho E

O testemunho E, o impresso saído do prelo de Manoel Carvalho, em Évora, é um in-8.<sup>o</sup> de 4+47 fólios numerados com caracteres árabes no canto superior direito.

O exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal (RES. 352//2) encontra-se encadernado juntamente com um exemplar da edição de 1592 de *Palmeirim de Inglaterra*. A folha de rosto deste volume é factícia. Além disto, porque as folhas que continham o livro de cavalaria eram maiores (in-fólio) do que as das obras breves de Francisco de Moraes (in-8.<sup>o</sup>), estas últimas foram restauradas, tendo as suas dimensões sido aumentadas por forma a que o conjunto pudesse ser encadernado sem discrepâncias notórias ao nível do tamanho das páginas. Em consequência desta intervenção, não é possível determinar com rigor os cadernos (A-E<sup>8</sup>, F<sup>7</sup>) que correspondem à edição dos *Dialogos*. Entre os fólios 1 e 33 encontra-se a versão impressa dos diálogos de Francisco de Moraes. As quatro folhas iniciais contêm o rosto, as licenças, a dedicatória a Gaspar de Faria Severim, executor-mor do Reino e um soneto de Luis Soarez de Oliveira.

Os fólios restantes (33v-47) são dedicados a uma carta copiada por Moraes (dirigida a D. João III por D. Inácio [de Noronha]); ao relato «Desculpa de huns amores que tinha em Paris ...» e a uma «Cantiga».

O facto de este testemunho se encontrar em linha, na Biblioteca Nacional Digital (BNP, <http://purl.pt/14873>), dispensa a inclusão do fac-símile do rosto.

## O testemunho C

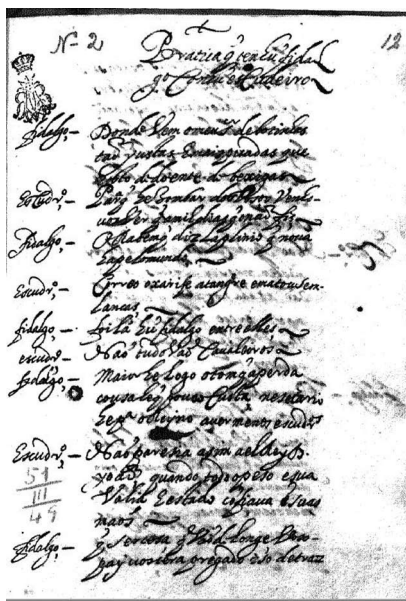
O testemunho C é um códice factício da Biblioteca da Ajuda (atualmente com a cota 52-VIII-38), composto por três partes distintas, resultantes da junção de dois manuscritos anteriores (cotas 51-III-49 e 52-VIII-38). A este conjunto foi atribuído o título genérico de «Colecção de Noticias pelo Marques de Colares». O códice tem um total de 74 fólios, com numeração árabe, recente, a lápis. A primeira parte, com 8 fólios de papel de 200 x 135 mm, apresenta uma mancha gráfica de 195 x 105 mm. A segunda é composta por 44 fólios, 10 a 54, em papel com 180 x 130 mm. O fólio 54 verso apresenta a seguinte inscrição, a vermelho: 51-III-49, correspondente à cota do manuscrito integrado. A sua mancha gráfica tem, aproximadamente, 160 x 95 mm. A terceira e última parte inclui vinte fólios, 55 a 74, com 190 x 135 mm. Apresenta no interior da capa e no fólio 74 verso a inscrição, a vermelho, da cota 52-VIII-38. Também no interior da capa se lê 51-III-49 riscado. A mesma cota encontra-se na margem interior do fólio 8. Várias folhas estão carimbadas por um mesmo carimbo,

o da Real Biblioteca<sup>13</sup>. A encadernação (do século XX) é cartonada, revestida a papel. Não apresenta índice de matérias.

Entre os vários documentos do volume, o primeiro colóquio de Francisco de Moraes, em versão reduzida, ocupa os fólios 12 a 20, sob o título «Pratica q̄ ten hũ fidal | go con su escudeiro».

Na folha de guarda pode ler-se a seguinte inscrição recente, a azul:

Coleccção de Noticias pelo | Marques de Colares



© BA, 52-VIII-38, folha 12.

## 5. Texto-base, variantes e manipulações

Os Diálogos, ou Colóquios, de Francisco de Moraes chegaram até nós em diferentes testemunhos com versões razoavelmente distintas. Como veremos em maior detalhe no ponto 9, a edição de Évora apresenta um texto assumidamente censurado pelo Santo Ofício. Já os três manuscritos mais antigos poderão refletir uma versão não

<sup>13</sup> Agradecemos à Dra. Margarida Cerqueira, da Biblioteca da Ajuda, a informação prestada sobre os carimbos da Real Biblioteca.

censurada dos textos, salvaguardando-se o facto de também poder ter havido intervenções dos copistas, nomeadamente em G, por parte de Gil Nunes de Leão<sup>14</sup>. Em todo o caso, tanto este testemunho, como os manuscritos da coleção Pombalina e do fundo Azevedo poderão ser considerados como «marginais» relativamente às edições impressas da obra. Pouco conhecidos, ou mesmo desconhecidos, estes manuscritos mantiveram-se num espaço de sombra, de onde ultimamente se têm resgatado vários documentos. Não obstante, são exatamente estes testemunhos que nos permitem questionar a tradição impressa destas obras de Francisco de Morais.

Apresentámos, nos pontos 3 e 4, os cinco testemunhos usados nesta edição crítica, de acordo com aquela que consideramos ser a sua cronologia material:

1) O testemunho A, que aparenta ter sido copiado no final do século XVI, mas cuja forma linguística revela, em vários vocábulos, alguma evolução face às formas do testemunho seguinte. Foi copiado antes da edição feita em Évora.

2) O testemunho P, seguramente copiado de exemplar quinhentista, cujo estado da língua o coloca já no português clássico e que foi também copiado antes da impressão eborense dos *Dialogos* de Morais.

3) O testemunho G, que é indubitavelmente anterior a 1624, e cujo estado linguístico o torna também num dos mais antigos testemunhos dos diálogos moraisianos, quase a par de A e P.

4) O impresso de 1624, da responsabilidade de Manoel Carvalho, dado à estampa em Évora.

5) O testemunho C, compósito, alterado pelo compilador que se serviu de uma versão também ela alterada, torna-se, por este motivo, pouco relevante para o estudo de variantes. Tendo em conta o estado da língua, alguns dados materiais e de posse do volume (vid. p. 14-15), é sem dúvida o menos antigo dos testemunhos em termos materiais e linguísticos.

Ainda que o conjunto dos dados materiais sugira a ordenação que acabamos de referir, o estado da língua dos quatro primeiros testemunhos aponta para uma cronologia ligeiramente diferente (embora muito próxima), a saber: G, A, P e E. Com efeito, dos três manuscritos (A, P e G), em termos linguísticos, o testemunho mais antigo será, provavelmente, a compilação de Gil Nunes de Leão, porquanto apresenta um conjunto alargado de traços do português médio que desaparecem quase totalmente em A e completamente nos três outros textos. Vejam-se os seguintes exemplos (o número romano remete para o número do colóquio respetivo):

---

<sup>14</sup> A possibilidade de Gil Nunes de Leão ter optado por não transcrever o terceiro diálogo por motivos morais permite-nos conjecturar que também possa ter tido uma postura «interventiva» nos textos que transcreveu.

<b>Testemunho G</b>	<b>Testemunho A</b>	<b>Testemunho P</b>	<b>Testemunho E</b>
eram (I)	erão	Erão	erão
atee (I)	attee	Até	atê
aa mam (I)	aa mão	á mão	á maõ
huũs (I)	hũs	Hũs	huns
tençam (I)	tenção	tenção	tenção
galardam (I)	galardão	galardão	galardaõ
queriam (I)	querião	querião	queriaõ
daraa (I)	dara	Dará	dara
vaa (I)	vao	uao	vao
tam (I)	tam	tão	taõ
alguãa (I)	algũa	algũa	algũa
aa gínetá (I)	aa gínetá	á gínetá	â Gínetá
soo (I)	soo	só	sô
imigo (I)	immigo	inimigo	inimigo
quaa (II)	qua	quá	qua
despois (II)	despois	depois	depois
não no (II)	não o	não o	não o
daa (II)	da	Dá	dâ
cuidaraa (II)	cuidara	cuidará	cudara [sic]
cooradas (II)	coradas	córadas	côradas
feez (II)	féz	Féz	Fez
poer (II)	por	por	por
victoria (II)	†	vítoria	vítoria
huũs (II)	†	hũs	hũs
imigos (II)	†	imigos	inimigos

Quadro 1

Assim, no que se refere ao estado da língua, verifica-se que o manuscrito da Biblioteca Pública Municipal do Porto (A) apresenta algum vocabulário mais arcaico do que o existente no códice da Biblioteca Nacional de Portugal (P), embora estas formas mais antigas coexistam com vocabulário mais moderno. No entanto, P é o único testemunho que apresenta marcas autorais, conforme registamos adiante.

É possível que quem transcreveu A tenha optado por atualizar alguns termos, tendo deixado outros na sua forma anterior, talvez para manter alguma cor epocal.

Note-se ainda que o argumento linguístico nem sempre permite considerar o testemunho P anterior a E, visto atualizar termos do português médio que E ainda contém:

<b>Testemunho P</b>	<b>Testemunho E</b>
pé (III)	pee
nacer (III)	nacer
guarda (III)	guoarda

Quadro 2

Há que registar, no entanto, que os testemunhos apresentam oscilações que nem sempre confirmam os dados anotados no quadro 2, como acontece com o termo *assim*:

<b>Testemunho G</b>	<b>Testemunho A</b>	<b>Testemunho P</b>	<b>Testemunho E</b>
assi /assy (I)	Assy	assi / asi / assim (1x)	assim
— (III)	—	assim	assi

Quadro 3

Mas o conjunto de termos seguintes, mais vasto, já remete para a anterioridade de P relativamente a E.

<b>Testemunho G</b>	<b>Testemunho A</b>	<b>Testemunho P</b>	<b>Testemunho E</b>
spiritos (I)	spiritus	spiritos	esperitos
baxo (I)	baixo	baxo	baixo
dâte mam (I)	dante mão	d'antemão	de ante maõ
nenhũ / nenhum (I)	nenhũ / nenhum	nenhũ / nenhum	nenhum
— (III)	—	bejo	beijo

Quadro 4



Em síntese, ainda que não de modo homogéneo, linguisticamente, a anterioridade de G é de regra. O testemunho A, apresentando alguns traços também existentes em G, revela evoluções da língua que o colocam em momento posterior àquele. Ambos apresentam conformidades com características linguísticas de final do século XVI. P e, sobretudo, E são testemunhos de estado da língua posterior a G e A. Dadas as oscilações linguísticas existentes entre os testemunhos P e E, pode concluir-se que ambos terão sido registados em data próxima: o início do século XVII, o que de resto a data de impressão de E confirma. O testemunho P foi ainda revisto e atualizado após a impressão de E, dado o cancelamento do termo «colóquio» e sua substituição por «diálogo», como referimos no ponto 6.

Assim, estes quatro testemunhos, linguisticamente, são de data bastante próxima — G e A eventualmente de finais do século XVI e P e E de início do século XVII, mesmo que materialmente a datação possa ser diversa — e terão sido copiados de um original quinhentista, ou de cópias desse original. O quinto testemunho, C, deriva de G, conforme referido no ponto 3. O manuscrito P, tanto pelas marcas linguísticas do autor, como pela proximidade com G e A (salvaguardadas as variantes ortográficas mencionadas), e apesar de apresentar titulação corrigida com base no impresso (questão que aprofundamos a seguir, no ponto 6), reserva-nos um texto mais próximo do original que este, sobretudo porque E foi adulterado pela censura.

Estamos pois perante um conjunto de testemunhos que convergem cronologicamente para datas muito próximas, pouco antes ou no início do século XVII, conforme os casos. Esta proximidade é ainda acentuada se pensarmos que uma pessoa de idade mais avançada pode escrever de modo «mais antigo» no mesmo momento em que um jovem escreveria de forma «mais moderna». Em todo o caso, o facto de o estudo do estado da língua nos remeter para uma ordenação que não é totalmente coincidente com as informações que nos são dadas pela análise e datação das letras e do papel usado e por algumas datas existentes nos manuscritos impede a apresentação de uma ordenação rígida e indubitável dos testemunhos. Por isso, limitamo-nos a apresentar as hipóteses possíveis, sem optar taxativamente por uma delas.

O testemunho que foi por nós escolhido como texto-base para a presente edição crítica foi P. Esta opção, a que não foi alheio o facto de este testemunho ser o único dos manuscritos a conter os três diálogos moraisianos, decorreu ainda de vários outros elementos, a seguir discriminados.

Com efeito, outro dos motivos que, desde logo, nos guiou no sentido da escolha de P como texto-base consistiu no facto de, apesar de não se tratar do manuscrito mais antigo, em termos textuais, este testemunho se apresentar como uma versão que não terá sido significativamente atualizada ou modernizada. A comparação entre

os manuscritos G, A e P, no que às oscilações textuais se refere, revela que estas se situam sobretudo ao nível do estilo, nomeadamente na escolha de vocabulário e de expressões alternativas e ao nível da possibilidade de erros de leitura ou de distrações de copista. Há, por outro lado, um curioso esforço de atualização em G, que elimina ou substitui referências que não seriam já compreendidas pelos seus leitores. Deste modo, no primeiro colóquio, Safim (praça abandonada pelos portugueses em 1541) é substituído por Tânger (que se conservaria sob domínio português até 1661). Também uma referência a Tunes é ali eliminada («E agora porque de Tunes vierão quatro trosquiados quiseste lo ser todos» p. 66-67), talvez porque estivesse implícito um feito muito recente para o autor do diálogo (a conquista de Tunes, em 1535, por Carlos V, auxiliado nesta empresa por vinte e três navios portugueses), mas já longínquo para o compilador seiscentista. Finalmente, Tulio (nome por que era conhecido Cícero) é substituído por outro autor, mais atual à época, Garcilaso de la Vega. No segundo colóquio, o antropónimo «Mulei Abrahé» dá lugar à expressão mais geral «os mouros», provavelmente para se adaptar a um público que já não poderia identificar esta figura histórica desaparecida em 1539. Não obstante, a coincidência de Fernão da Silveira em G e A face a Simão da Silveira em P, surge como exceção.

Para além do já referido, as especificidades mais notórias do manuscrito G situam-se no âmbito do vocabulário referente ao vestuário, o que nos leva a pensar que também aqui a intenção do compilador seria atualizar. Eis um elenco das variantes do primeiro colóquio (a maiúscula inicial corresponde aos testemunhos):

G – **botinhas tam justas & mais picadas** ã hum **rosto doente de bexigas** (fl. 47r)

A – **brozeguis amarelos, mais alfenado** ã hum **pótro ruço pombo**. (fl. 159r)

P – **borzeguins amarelos mais alfanados** ã hum **potro ruço póbo** (fl. 294r)

G – calças **de raxa, imperiais**, capa aberta, **espada ate esta**, passear no terreiro. (fl. 49r)

A – calças **de malinas**, capa aberta, **cabelo louro e crespo**, passear no terreiro. (fl. 160v)

P – calças **de malinas**, capa aberta, **cabello louro e crespo**, passear no terreiro? (fl. 295r)

G – mas hum tempo trazeis capello no toutisso, outro tẽpo **pelos hombros**, hũs dias quereis  
**ã vos dem os cabos da espada no giolho, outros dias trazeila tam cozida com vosco ã  
parece ã lhe quereis dar de mamar. & porã estes dias passados as traziam aqui em hũs  
ganchos que pareciam das egoas castas do jffante, não auja ja quem trouxesse  
talabartes**. (fl. 49r-v)

A – mas hum tempo trazeis o capello no toutiço, e outro tempo **nos quadris**: hũs dias quereis  
**o cabelo copado e corredio outros louro e crespo**. (fl. 160v-161r)

P – mas hũ tempo trazeis capello no toutiço, outro tempo **nos quadris**; hũs dias quereis **o cabelo copado e corredio outros dias louro e crespo**. (fl. 295r)

G – se fazeis a barba **aa marquesota** fazemna da mesma sorte (fl. 49v)

A – Se trazeis a barba **á carualha** fazéa da mesma sorte (fl. 162r)

P – Se fazeis a barba **á carualha** fazemna da mesma sorte (fl. 296r)

Por estes exemplos, verifica-se claramente que, no que se refere a estas atualizações e modificações, G se distancia de P e A.

Os vários testemunhos apresentam um número considerável de alterações de vocábulos, como é visível nas notas de aparato existentes na presente edição crítica. Em geral trata-se de alterações de detalhe, sem muitas consequências ao nível do sentido global do texto. Algumas destas alterações poderão eventualmente decorrer da tentativa de atenuar alguma afirmação, ou torná-la menos agressiva para a figura mencionada, ou ainda de erro do copista. Assim, no primeiro colóquio:

G – O marquez (fl. 50r)

A – o marquezado de vilhena (fl. 164r)

P – o Marquesado de Vilhena (fl. 297v)

Tanto no primeiro como no segundo colóquios, há erros evidentes em P (e na edição de 1624), alguns dos quais casos de salto do mesmo ao mesmo:

G – no campo auja capas & pelotes **curtos, trazeilos muito mais curtos** de sorte ã descobrjs quanto tendes. (I, fl. 49v)

A – no campo auia capas, e pelotes curtos [†] curtos de sorte ã descobris quãto ten[†] (fl. 160v)

P – no campo auia capas e pelotes **curtos**, de sorte ã descobris quanto tendes (fl. 295r)

G – o perigo certo e a **passagem** duvidosa (fl. 2r)

A – o perigo certo e a **passagem** duvidosa (fl. 166v)

P – o perigo certo e a **batalha** duvidosa (fl. 298v)

Veja-se ainda a anotação seguinte, do primeiro colóquio, onde provavelmente ocorreram dois lapsos em G, tendo o copista dado conta do segundo a tempo de o emendar:

G –A outro dizeis *que* falla **mais digo** bem porem ã he mais eloquẽte ã discreto (fl. 51r)

A – Outro dizeis ã fala bem, por ã he mais elloquentẽ ã discreto (fl. 163r)

P – Outro dizeis *que* falla bem porem ã hé mais eloquente ã discreto. (fl. 296v)

Em termos gerais, podemos dizer que entre os manuscritos G, A e P existe um número considerável de oscilações, sobretudo de detalhe. Porém, como já dissémos, estas não são, na sua maioria, especialmente significativas, na medida em que não trazem alterações de fundo ao conteúdo geral do texto. O mesmo já não se verifica com as alterações que encontramos na versão impressa dos *Diálogos*, atribuíveis à censura da Inquisição, e que se revelam muito menos frequentes em número, mas muito mais significativas em termos de sentido e conteúdo.

Para além da pouca intervenção do copista de P no texto (o que a colação nos permitiu verificar — designadamente quando cotejado com G, tal como apresentado), acresceu ainda em favor da opção de P como texto-base, a deslocação, no «Dialogo terceiro» de E, de um pedaço considerável de texto de extensão suficiente para preencher uma página de pequena dimensão. Como este diálogo não existe nem em G, nem em A, não podemos contar com estes termos de comparação. No entanto, a comparação entre P e o impresso parece-nos eloquente. Apesar de não haver uma total incompatibilidade com o local em que o trecho se encontra no impresso, é muito mais adequado, em termos de sentido e de sequência lógica do discurso, o momento em que o manuscrito P nos apresenta o excerto<sup>15</sup>. Esta discrepância é compatível com uma eventual confusão entre as páginas do original que teria servido de base à realização do impresso, confusão esta que não «contagiou» quem redigiu a cópia existente no manuscrito da Biblioteca Pombalina.

Testemunho E	Testemunho P
<p>Regat. Mano não me tenhais vós por tal, a vós só amo, a vós só quero, a vos só tenho na vôtade, &amp; ainda está por nacer a quem eu desse lenço de Bretanha de setenta reaes a vara, laurado pelos cantos, cõ molhos de setas de verde, &amp; encarnado, como dei a vós, &amp; no /31v/ meo o meu coração atrauessedo cõ muitas, que assi trazia eu o meu, &amp; <b>toalha de oláda para alimpardes o</b></p>	<p>R. Mano não me tennais uos por tal a uos só amo a uos só quero a uos só tenho na uontade e ainda esta por nacer a quem eu desse lenço de Bretanha de setenta r's a uara. lauarado q̃ pellos cantos com molhos de sétas de uerde e <del>encarnado pelo meo</del> encarnado como dei a uós e no meio o meu coração atrauessedo com m<sup>tas</sup> q̃ assi trazia eu o meu. (fl. 301r)</p>

<sup>15</sup> O excerto em questão consiste numa descrição que a Regateira faz dos preparativos e dos arranjos realizados na sua casa para receber o Moço. No impresso, o trecho é colocado no meio de duas falas que remetem para uma trova, alusão esta que não foi entendida pelos vários editores do impresso, verosimilmente em consequência da quebra que a inserção do excerto provoca. No manuscrito, pelo contrário, surge na sequência de uma descrição de teor semelhante, com a qual se articula harmoniosamente.

rosto, q̄ como determinaua receberuos por marido, me esmeraua ã tudo; tẽdo minha cãtareira alua como a neuue, & talhas vermelhas como sangue postas nella: pucaro de estremos pedrado por dentro cõ serpinha no meo, feita do mesmo barro, & porq̄ era antigo deilhe hũa cẽrada parecia casi nouo, e tudo cuberto cõ seus mãdis de Guine listrados de muitas cores por a mor do po, pratelleiro espanado com seus bacios vidrados, & Malega de Flandres penduradas per cordel, da outra parte redoma azul chea de agoa de frol /32/ para vos borifar a cabeceira da cama, papel de São Antonio, & ramo de palma bento entre elle, & a parede por vos não dar olhado (fl. 31r-32r)

(Regat.) [...] fuime para casa, caeia comecei a concertalla assentar cada cousa em seu lugar, porque me chamasseis de recado, fuy â cama, lancey cobertor de papa nouo da peça, de trezentos & sesẽta reaes, assi me valha a verdade com treueseiro laurado de vermelho, almofadinha de frouxel, porque vi que ereis mimoso, enxergão de palha debaixo, para ficar mais molle, & para dormirdes a sesta, tanho de Santarem, com almofadinhas de guadamecim, porque he fria, então minha escuinha dependurada em seu prego. Rabo de boy com pentem metido nelle espelho da ou/33/tra parte [cf. **passagem deslocada**] para vos verdes, & então agoa de louro para os pees, cortiça para debaixo pelos não pordes no chão, decoada para a cabeça, & rapei as vnhas por vos não fazer mal quãdo volla lauasse, carapuça de emprensar, laurada de pontinhos perfumada com alecrim, açucareiro vidrado com alfazema, caixa de

R. [...] Fuime pera casa caeia, comecei a concertalla, assentar cada cousa em seu lugar porque me chamasseis de recado; fis a cama lancei cobertor de papa nouo da peça q̄ de tresentos e sessenta r̄s assi ualha a uerdade, com trauisseiro laurado de uermelho, almofadinha de frouxel, por q̄ ui q̄ éreis mimoso, enxergão de palha de baxo pera ficar mais molle, e pera dormirdes a sesta, tanho de Santarem com almofadinha de guadameci, porq̄ hé fria. Então minha escouinha dependurada em seu prego, rabo de boi com pentem metido nelle, espelho da outra parte **cõ toalha de redor p<sup>a</sup> alimpardes o rosto. Minha cantareira alua como a neuue e toalhas vermelhas como sangue postas nellas, pucaro de Estremõs pedrado por dentro com serpinha no meo feita do mesmo barro e porq̄ era antigo deilhe huã cenrada, parecia quasi nouo e tudo cuberto por cima cõ seus mandis de Guiné, listrados de m<sup>tas</sup> cores, por amor do pó, prateleiro espanado, com seus bacios uidrados e malega de Flandres pendurados por cordel. da outra parte redoma azul chea de agua de flor p.<sup>a</sup> uos borrifar. Á cabeceira**

marmelada de medronhos para polas manhãs, & tudo a pôto para q̃ a nada pudesseis por tacha (fl 32v-33r)

**da cama papel de S. Antonio e ramo de palma bento, entre elle e a parede por uos não dar olhado.** então agua de louro p<sup>a</sup> os pés, cortiça p<sup>a</sup> debaxo pellos não pordes no chão decoada p<sup>a</sup> a cabeça; e rapei as unhas por uos não fazer mal quando uola lauasse, carapussa de emprensar, laurada de pontinhos, perfumada cõ alecrim, açucareiro uidrado cõ alfazema, caixa de memalada de modronhos p<sup>a</sup> pellas menhãs e tudo a ponto porá á nada pudesseis por tacha. (fl. 301v.)

Por conseguinte, podemos concluir que quem transcreveu o testemunho P usou uma fonte prévia à ocorrência da discrepância referida. Esta constatação vai também ao encontro da hipótese colocada abaixo, no ponto 6, quando nos referimos à emenda de colóquio para «diálogo». Assim, tudo indica que quem redigiu P só terá tido conhecimento do impresso depois de ter transcrito o texto. Nessa altura, terá considerado pertinente alterar a designação genérica inicial, mas não terá alterado esta passagem do «Dialogo terceiro», eventualmente por ter reconhecido que se trataria de um lapso.

Um último, mas não menos significativo, argumento a favor da escolha de P para texto-base consiste no facto de este testemunho ser o único que conserva uma marca distintiva atribuível ao autor, Francisco de Moraes. É certo que todos os testemunhos da obra que agora se edita são póstumos. Na ausência de um original autógrafo ou de uma edição *princeps* validada pelo autor, tanto os manuscritos como o impresso adquirem valor documental fundamental. No entanto, P é o único manuscrito que conserva o uso da contração «cos», equivalente a «que os», detalhe igualmente recorrente numa das cartas manuscritas pelo próprio Francisco de Moraes, bem como na primeira edição do *Palmeirim de Inglaterra* (Alpalhão 2009: 117-118).

## 6. Diálogos, ou Colóquios?

Apresentados os testemunhos sobreviventes conhecidos dos três diálogos de Moraes, subsistem algumas questões de fundo que a apreciação dos vários exemplares coloca e que consideramos pertinente referir. Uma delas consiste na hesitação que se verifica na sua designação: «colóquio» ou «diálogo».

Três dos quatro testemunhos manuscritos (A, G e P) apresentam uma particularidade face ao impresso (E): o facto de terem registado «colóquio» para designar os textos de Moraes, embora P conserve também a correção do termo para «dialogo». O quarto manuscrito (C) regista «pratica».

Dois testemunhos, o do fundo Azevedo (A) e o que nos chegou pela mão de Gil Nunes de Leão (G), apresentam o termo «colóquio» a intitular os textos de que vimos falando. O segundo destes dois testemunhos apresenta ainda a mesma designação no índice da compilação. Já no impresso (E), a palavra usada é sempre «dialogo». Finalmente, o testemunho da coleção Pombalina (P) apresenta o vocábulo «dialogo», no índice, mas, no texto, aparece o termo «coloquio» cancelado e encimado pela palavra «dialogo», a tinta de cor diferente, mas certamente pela mesma mão. O último testemunho (C) regista lição variante. Apresentamos a seguir a transcrição dos excertos que descrevemos:

<b>Testemunho G BNP COD 3563</b>	<b>Testemunho A BPMP FA 63</b>	<b>Testemunho P BNP PBA 147</b>
Colloquio q tem hum fidalgo com hum escudeiro (fl. 47r)	Coloquio feito por fr <sup>co</sup> de morais interlucutores. fidalgo e escud <sup>ro</sup> . (fl. 159r)	Dialogo pr <sup>o</sup>   <del>Colloquio</del> Interlucutores Fidalgo e escudeiro (fl. 294r)
Colloquio de hũ caual <sup>ro</sup> cõ hũ doutor em ã disputaõ sobre quaes tem mais merecim <sup>to</sup> , se as armas, se as letras (fl. 1r)	Colloquio feito por fr <sup>co</sup> de morais de hum caualleiro e hũ letrado (fl. 165r)	Dialogo .2. <sup>o</sup> interlocutores <del>Coloquio de</del> Caualeiro e Doutor. <del>Pello mesmo Autor.</del> (fl. 298r)
—	—	Dialogo .3. <sup>o</sup> interlocutores <del>Coloquio Entre</del> hũa Regateira e hum moço da Estribeira (fl. 300r)

<b>Impresso E Évora 1624</b>	<b>Testemunho C BA 52-VIII-38</b>
DIALOGOS   DE FRANCIS   CO	Pratica ã tem hũ fidal   go con su escudeiro
MORAES   DIALOGO PRIMEIRO	
DIALOGO   SEGVNDO	—
DIALOGO   TERCEIRO	—

Dada a coincidência entre a designação e a numeração dos diálogos acrescentadas em P, por um lado, e o impresso de Manoel Carvalho, por outro, podemos colocar a hipótese, muito provável, de este manuscrito ter sido corrigido, depois de copiado, por influência da edição eborense, ou seja, o copista, após ter transcrito os colóquios, terá tido conhecimento do testemunho impresso e, em seguida, rasurou a cópia anterior e alterou os títulos para «diálogo».

Subsiste a questão de percebermos o motivo que terá levado o impresso a adotar a forma «diálogo». Dever-se-á a mudança do vocábulo ao anátema a que estiveram sujeitas as obras de Erasmo de Roterdão, em Portugal, na segunda metade de quinhentos, designadamente os seus *Colloquia*? Esta possibilidade parece-nos verosímil tendo em consideração alguns dados. Em primeiro lugar, a existência da obra erasmiana na corte portuguesa está documentada, pelo menos, desde 1529 (Matos 2001)<sup>16</sup>. Ora, é na corte portuguesa que Francisco de Moraes vive na década de 1530, podendo portanto ter tido acesso à obra daquele autor e escolhido o vocábulo para título dos seus textos. Acresce o facto de a influência da obra do autor holandês ter sido verificada em outros diálogos portugueses, nomeadamente de João de Barros (Martins 1973: 49-61) e de Jorge Ferreira de Vasconcelos (Almeida 2004).

Com base nas informações apresentadas, podemos conjecturar as seguintes fases na transmissão dos *Colóquios*: a versão original de Francisco de Moraes terá usado «colloquio» como título, termo este que terá chegado ao conhecimento dos vários copistas que nos legaram os testemunhos manuscritos identificados. Num momento posterior à produção e às primeiras transcrições dos textos, algum revedor de livros, ou o próprio impressor de 1624, terá alterado a designação para «diálogo», sendo a correção realizada em P reflexo desta intervenção.

Assim, dada a coerência de utilização do termo «colloquio» no testemunho G, a par do que já referimos sobre a correção no testemunho P, ao que se somam as razões que poderão ter motivado a introdução do termo «diálogo» na versão impressa, e ainda a certeza de que esta versão foi objeto de intervenção editorial (alteração esta que é assumida nas licenças da própria obra, como será referido em maior detalhe no ponto 9, dedicado à ação da censura), consideramos que o termo «colóquio» será o que mais se aproxima da designação original dos textos agora editados. Essa designação será, por isso, adotada nesta edição, designadamente na capa e nos separadores internos, ainda que o título inclua também o termo «diálogo» por uma questão de ligação a uma tradição editorial que perdurou até ao presente.

---

<sup>16</sup> Para uma visão mais abrangente desta questão veja-se Roland Bainton (1988).



## 7. A datação dos textos

Os dados de que podemos socorrer-nos para datar os Diálogos, ou Colóquios, de Moraes são escassos e contraditórios. Não sabemos se terão sido compostos em momentos próximos ou distantes entre si, nem se o autor decidiu reuni-los em volume próprio, ou se os foi divulgando faseadamente, e de modo autónomo, como poderá sugerir a diversidade dos testemunhos que os transcrevem. A acreditar na informação, fornecida na dedicatória de 1624, de que os *Dialogos* teriam sido compostos depois de *Palmeirim de Inglaterra*<sup>17</sup>, teríamos à partida, como *terminus a quo*, os anos 1543-44, data a que remontará a primeira edição do romance (Alpalhão 2009: 102 e sg.), e como *terminus ad quem* a data de 1573, ano provável da morte de Moraes, em Évora<sup>18</sup>. O confronto com os textos, porém, provoca mais dúvidas do que certezas relativamente a esta periodização, sobretudo se tivermos em conta os dados fornecidos pelo segundo colóquio (Laranjinha 2013), já que os primeiro e terceiro colóquios veiculam, respetivamente, poucos e nenhuns elementos.

Sabe-se, pelo autor anónimo dos *Dittos Portuguezes Dignos de Memoria*, que Moraes terá acompanhado o Conde de Linhares, D. Francisco de Noronha, quando este foi a Ceuta visitar o seu irmão D. Pedro de Meneses. Dado que este último foi capitão de Ceuta entre 1550 e 1553, datará portanto deste período a viagem referida (Alpalhão 2009: 42). Ora, algumas passagens do segundo colóquio, evocativas da guerra que, nessa época, os portugueses travavam contra os Mouros no Norte de África, parecem revelar um conhecimento direto daquela realidade, o que remeteria a composição deste texto para data posterior a 1553, a menos que Moraes tivesse visitado aquela região numa viagem anterior, não documentada.

Afirma o Cavaleiro que «[os] Africanos [...] gastão seus patrimonios em accudir a qualquer afronta [...]» (cf. p.88). Os Africanos cuja sorte o Cavaleiro lamenta são naturalmente os portugueses estabelecidos nas praças marroquinas, entre os quais se destacavam «fidalgos ou gente nobilitada» (Farinha 1989: 120) que, a partir de 1515, com o desastre de Mamora, e sobretudo depois de 1524, com a conquista de

---

<sup>17</sup> «Depois que Francisco de Moraes cōpos o excellente volume do seu Palmeirim de Inglaterra [...] escreveo algũas obras em Dialogo [...]». (Moraes 1624: fl.3).

<sup>18</sup> Sobre a data da morte de Francisco de Moraes, ver Alpalhão (2009: 43-44). Apesar de João Franco Barreto, no seu terceiro volume da *Biblioteca Lusitana*, ser o primeiro autor a avançar com uma data (1572), Margarida Alpalhão refere documentação que justifica a consideração do ano seguinte, 1573, como sendo a data mais provável deste falecimento. No que diz respeito à data dos diálogos, Maria Teresa Nascimento (2004), considera que estes remontariam a 1572. Roger Friedlin (2005:143) considera-os posteriores a 1550.

Marraquexe pelos xarifes sáidas, se veem numa situação particularmente difícil, forçados a lutar contra tropas aguerridas, acérrimas defensoras do Islão. A violência do senhor sáida, inflexível no seu ódio aos cristãos e incapaz de qualquer negociação, terá ditado o comentário jocosos do Cavaleiro: «digo, *Senhor Doutor, que nunca vistes o Rosto ao Xarife, que se lho virdes meter vos eis num çapato*» (cf. p.94). Bem diferente era a relação dos portugueses com outros chefes muçulmanos, especialmente os que pertenciam às tribos do Norte de Marrocos. Nos *Anais de Arzila*, Bernardo Rodrigues relata as frequentes investidas do alcaide Mulei Abraham, poderoso aliado e cunhado do rei de Fez, contra as praças portuguesas de Arzila e Tânger (Rodrigues 1919: 29, 202-203, 232-3), mas vai dando conta, também, dos acordos que ele firma com os capitães portugueses (Rodrigues 1919: 128)<sup>19</sup>, ao sabor das pequenas vitórias ou derrotas nesta guerra de desgaste em que a motivação era certamente mais económica (Farinha 1989: 113-115) do que ideológica ou religiosa, e elogia a misericórdia e liberalidade do chefe mouro para com os prisioneiros em seu poder (Rodrigues 1919: 15-16, 39-40, 104-107, 256). É precisamente esta relação complexa, em que os momentos de confraternização implicariam provavelmente algumas cedências materiais da parte temporariamente mais enfraquecida, o que terá inspirado a seguinte fala do Cavaleiro: «[os] Africanos [...] gastão seus patrimonios em acudir a qualquer afronta e se o assi não fizessem já o Mulei Abrahé viera jantar com elles mais de dous pares de veses.» (cf. p.88). Ora, sabendo nós que em outubro de 1539, Mulei Abraham estava morto (Rodrigues 1919: 487-488), tal leva-nos a remeter o segundo colóquio para data anterior.

Outra referência digna de nota é aquela que o Cavaleiro faz a uma memorável vitória militar do Conde do Redondo: «O Conde do Redondo com duzentas lanças desbaratou dous mil» (cf. p.88). Descontada a hipérbole que a tradição épica ditava, parece tratar-se de uma referência objetiva a um feito conhecido de ambos os interlocutores e do público coevo, erigida em exemplo de valentia guerreira. Se nos ficarmos pelo cenário magrebino, o mais provável é que se trate do segundo Conde do Redondo, D. João Coutinho, capitão de Arzila entre 1514 e 1524 e depois entre 1529 e 1538 (Rodrigues 1919: 296), o mesmo que combatia, admirando-o, Mulei Abraham e cujos feitos foram celebrados por Bernardo Rodrigues nos seus *Anais de*

---

<sup>19</sup> Note-se que, entre os xerifes sáidas de Marraquexe e os portugueses, o rei de Fez e Mulei Abraham optam sempre pelos cristãos. Cf. «Carta de Mulei Abraem ao conde D. João, capitão de Arzila» (9 de Agosto de 1536) (Rodrigues 1919: 281) e o «Tratado de paz entre el-rei de Portugal e o de Fez, pelo tempo de onze anos, sendo procuradores de uma e outra parte o conde do Redondo, capitão de Arzila, e Mulei Abraem», assinado em 8 de Maio de 1538, pouco tempo antes da morte do segundo e da partida do primeiro para Portugal (Rodrigues 1919: 291-296).

*Arzila*<sup>20</sup>. Curiosamente, embora não relate o feito em si, este autor parece evocá-lo através das palavras que Carlos V, pouco antes de conquistar Tunes aos Turcos, dirige ao Infante D. Luís: «quem nos dera aqui o conde de redondo com suas duzentas lanças» (Rodrigues 1919: 273). Parece, assim, provável que esse feito decisivo para a construção do renome de João Coutinho tivesse tido lugar antes de 1535 (data da conquista de Tunes) e talvez fora do contexto das campanhas de Arzila, já que não é narrado pelo seu escrupuloso cronista.

Os dados até agora adiantados parecem sugerir os anos vinte ou trinta como período de composição do segundo colóquio<sup>21</sup>. Há no entanto uma passagem que, à primeira vista, poderá parecer problemática. Em 1562, o sultão de Marrocos (o chefe sávida que conquistara já todo o Sul de Marrocos) cerca a fortaleza de Mazagão. D. Catarina, que era então regente e defendia o abandono da praça, economicamente inviável, hesita em enviar reforços, mas os cidadãos portugueses, ao que rezam crônicas e documentos coevos, não esperam pela autorização da Rainha para enviar auxílio. Gera-se então um grande entusiasmo que leva muitos homens a embarcar rumo à praça ameaçada (Farinha 1989: 131; Cruz 2006: 93-94), num movimento de solidariedade que o levantamento do cerco, três meses depois, vem premiar. Não é impossível que seja este feito dos portugueses que leva o Cavaleiro a afirmar: «se El Rey de Fez poem cerco a Marzagão, suas leis não o descercão, ainda *que* sejam sustentadas com alvarás da Relação, verificados por todo o Senado da Meza da Suplicação.» (cf. p.87). Manifestando-se a personagem criada por Morais a favor dos que combatem pela defesa do reino, esta memória recente ser-lhe-ia particularmente grata<sup>22</sup>. Nesse caso, esta passagem levar-nos-ia a adiantar para os anos 60 a redação do segundo colóquio, a menos que o texto tivesse sido composto em dois momentos, eventualmente antes e depois da estadia de Morais em França e da publicação de *Palmeirim*<sup>23</sup>. Há, porém, outro problema: quem pôs cerco a Mazagão em 1562 não foi o rei de Fez, mas o sultão de Marrocos, Mawlay Abd Allah al-Galib, por intermédio de seu filho, Mulei Mahamet (Farinha 1989: 131; Cruz

---

<sup>20</sup> Veja-se, por exemplo, o recontro de 13 de Setembro de 1532 contra o próprio Mulei Abraham e seus aliados, relatado em tom épico por Bernardo Rodrigues (1919: 362-371), ou os frequentes comentários laudatórios do narrador de *Anais de Arzila*.

<sup>21</sup> Em 1520, Morais teria cerca de vinte anos (Alpalhão 2009: 45).

<sup>22</sup> Farinha (1989: 131) sublinha o relevo da vitória portuguesa, «celebrada no próprio Concílio de Trento», aos olhos dos contemporâneos.

<sup>23</sup> O sucesso que o romance lhe granjeara poderia ter motivado a divulgação destes escritos de juventude, aos quais o autor teria acrescentado algumas atualizações, tal como também virá a fazer mais tarde Gil Nunes de Leão no seu manuscrito.

2006: 93-93)<sup>24</sup>. Parece mais provável, portanto, que seja um outro episódio o evocado pelo Cavaleiro; um acontecimento secundário se adotarmos a perspetiva do leitor do séc. XXI, mas que poderia estar ainda vivo na memória do público que frequentava a corte nos anos vinte ou trinta do séc. XVI. Segundo Augusto Ferreira do Amaral, em 1525 «o rei de Fez veio cercar Mazagão, mas sem êxito. António Leite [o capitão da praça] resistiu, mesmo sem ter pedido especial socorro a D. João III» (Amaral 2007: 231). Diga-se a favor desta hipótese que, neste cerco, os portugueses saíram vitoriosos, e sem terem de pedir auxílio ao rei, o que reforça a ideia, defendida pelo Cavaleiro, da utilidade dos *bellatores*.

Examinada assim a informação fornecida pelo segundo colóquio — que, como se vê, entra em contradição com a afirmação do editor do séc. XVII —, cremos poder afirmar que este texto terá sido composto antes (ou maioritariamente antes) e não depois da redação do *Palmeirim* e da estadia de Morais em França, onde ele terá permanecido na companhia de D. Francisco de Noronha em 1540-44 e 1547-48 (Vargas Díaz-Toledo 2006: XIX). Também a viagem a Ceuta, cujo registo se conserva, realizada já nos anos 50, teria sido posterior à redação do colóquio, mas nada impede que uma outra viagem, da qual não teriam ficado testemunhos, o tenha conduzido ao Norte de África, a menos que os certamente frequentes e vívidos relatos dos portugueses acabados de regressar do Magrebe lhe tivessem inspirado as pungentes evocações da guerra que constituem o passo mais marcante deste diálogo. Por outro lado, no período que vai de 1525 a 1535, Morais tinha todas as condições para compor este texto que se inspira na vivência da corte, onde se encontrava provavelmente, já que há indicações de que em 1533 seria moço de câmara do Infante D. Duarte, e em 1539 do Cardeal Infante D. Afonso, como o atesta o recibo autógrafo da mercê de 2000 reis que dele se conserva (Alpalhão 2009: 40 e 45).

Finalmente, se alargarmos a investigação aos restantes diálogos, encontraremos apenas uma referência a uma praça africana, no primeiro colóquio. Trata-se de mais um dado que parece confirmar a tese que temos vindo a defender. No manuscrito PBA 147, assim como na edição de 1624 e nas que dela dependem, um escudeiro a quem pedem notícias frescas refere: «Correo o Xarife [a] Çafim e matou cem lanças» (cf. p. 61), enquanto que no códice 3563 (fl. 47r), copiado por Gil Nunes de Leão no séc. XVII, Safim é substituído por Tânger, num claro esforço de atualização, já que a primeira destas praças foi abandonada em 1541, mas a segunda conservou-se em mãos portuguesas até 1661 (Laranjinha 2013). Tendo em consideração estes dados,

---

<sup>24</sup> Note-se, porém, que este monarca já conquistara Fez em 1543, e poderia, eventualmente, ser considerado rei de Fez, embora normalmente este título fosse reservado ao soberano oatácida, o cunhado do já referido Mulei Abraham e aos seus antecessores.

temos de remeter o primeiro colóquio para data anterior a 1541, podendo a composição do segundo colóquio situar-se entre 1525 (data do cerco de Mazagão pelo rei de Fez) e 1539 (data da morte de Mulei Abraham).

## 8. Os interlocutores

Outra questão que consideramos pertinente abordar é o carácter mais ou menos típico e plano das personagens que Francisco de Moraes nos apresenta nos seus Colóquios, o que contrasta com algumas referências a situações e personagens concretas, tal como as apresentadas no ponto anterior.

Os interlocutores do primeiro colóquio representam, seguramente, corpos e estatutos sociais diferentes e abordam literariamente controvérsias que os documentos históricos também espelham. Ora, que melhor forma de lidar com o assunto em contexto ficcional do que o registo irónico ou satírico que a literatura eficazmente veicula? O Escudeiro e o Fidalgo moraisianos iniciam um jogo de papéis e funções, logo nas primeiras falas do texto, quando o Fidalgo apostrofa de «meu senhor» o seu Escudeiro! Nesta inversão do papel social que cada um representaria, sobressai a valorização do escudeiro que não só ganhara importância no reino e na corte de D. João III como poderia possuir nobreza de carácter e fama decorrente de obras imortais. Faltar-lhe-ia, nas palavras do Fidalgo, a linhagem de sangue. Estas duas personagens-tipo espelham, neste diálogo, a fricção social entre nobreza de sangue e nobreza moral.

No segundo colóquio, que contrapõe um Cavaleiro e um Doutor, já não está em causa a forte hierarquização do estamento nobre, mas a degradação do estatuto da nobreza, sobretudo nas suas franjas inferiores, face à ascensão de um grupo social que a centralização do poder régio privilegiava. Na verdade, a abordagem inicial da oposição Cavaleiro / Doutor, em que cada um parecia defender uma categoria social relativamente vasta, acaba por recuar face à contraposição de dois grupos bem mais restritos: a baixa nobreza dependente dos favores do rei, ou antes, os cavaleiros que esperam durante anos a nobilitação ou a sua confirmação, por um lado, e, pelo outro lado, os letrados mais próximos do poder, que, embora de origem frequentemente obscura, têm o privilégio de pertencer à complexa máquina de justiça que apoia o poder central, acabando por ser sepultados «em Aluallade com mais ameaças *que os officiaes da Casa da India*» (cf. p. 94). Para lutar contra este estado de coisas que, manifestamente, considera injusto, Moraes não recorre ao tradicional argumento da superioridade de sangue dos nobres, mas insiste na abnegação e no sacrifício dos que pertencem às franjas inferiores da nobreza, em que ele próprio se inclui.

No caso do terceiro colóquio, as personagens apresentam-se como retratos tipificados de figuras sociais comuns naquela e em outras épocas. Especialmente a Regateira permite uma aproximação a outras figuras-tipo da literatura satírica da época, com destaque para o teatro vicentino e, sobretudo, para o *Auto das Regateiras*, de António Ribeiro Chiado, onde lhe foram dadas honras de protagonismo. Apesar de remeter para figuras-tipo, também é verdade que a conversa mantida pelas personagens de Morais fornece bastantes dados contextuais e pessoais que poderiam referir-se a algum casal específico. É certo que estes dados podem simplesmente não passar de meras âncoras de verosimilhança. Mas também poderiam, no contexto da época, ser significativos. O terceiro colóquio diz-nos que a juventude da Regateira e os primeiros amores com o Moço tiveram lugar em Almeirim e na Ribeira (a localidade mais próxima com esse nome é a Ribeira de Santarém). Sabemos ainda que o Moço tinha acabado de chegar de uma missão de correio à Flandres<sup>25</sup>. Porém, para os censores que autorizaram a impressão de 1624, o «Dialogo terceiro» parece ter colocado questões exclusivamente de ordem moral, como veremos adiante. Depreende-se que não terá suscitado qualquer identificação com um referente concreto, ou, caso o tenha suscitado, seriam figuras que não justificavam a sua supressão. A verificar-se esta última possibilidade, este diálogo aproximar-se-ia um pouco mais dos seus dois congéneres uma vez que os primeiro e segundo colóquios tratam de questões gerais, pondo em cena interlocutores tipo, mas aludindo a figuras concretas da época. Similarmente, o terceiro colóquio poderia partir de referentes concretos para criticar posturas e atitudes gerais.

De um modo geral, as figuras-tipo literárias, de que Morais se socorre nos seus colóquios, bastante em voga na época, permitem uma abordagem crítica da sociedade e da sua estratificação, mas também permitem apontar pessoas sem as nomear. A título de exemplo, note-se, no primeiro colóquio, como alguns «grandes» são claramente identificados e associados ao escudeiro-tipo apontado, numa diatribe que poderá ter sido gravosa para o seu autor, designadamente se tivermos em conta a afirmação de Camilo Castelo Branco sobre a relação existente entre algumas frases do Escudeiro moraisiano e a Casa de Bragança, como adiante se explica.

---

<sup>25</sup> A identificação de uma das personagens referidas no colóquio primeiro, João Esteves, como podendo tratar-se do feitor de D. Afonso V na Flandres em meados do séc. XV (Vid. índice de nomes próprios), sugere-nos a possibilidade do estabelecimento de uma associação entre este elemento, ou alguém que com ele trabalhasse, ou um seu criado, e o moço do terceiro colóquio. Apesar de tentadora, à falta de mais e melhores indícios, esta associação não passa de uma hipótese totalmente conjectural.

## 9. A ação da censura<sup>26</sup>

A censura da Inquisição, em Portugal, foi precoce e cultivada de modo muito ativo e com grande eficiência. O período que vai desde 1536, ano da introdução em Portugal do Santo Ofício da Inquisição, até 1624, data em que foi publicado o «Índice Expurgatório», que se manteve até ao advento da censura pombalina, foi a época em que a censura da Inquisição se formou e estabeleceu as suas rotinas e *modus operandi*<sup>27</sup>. O espaço de tempo que medeia entre as duas últimas décadas da vida de Francisco de Moraes (morre provavelmente em 1573) e a edição de Évora (1624) coincide com o período de maior atividade no que se refere à formação e ao aperfeiçoamento de índices censórios (Sá 1983), até à estabilização com o «Índice Expurgatório», curiosamente, também de 1624<sup>28</sup>. A máquina censória que se formou nesta época era pesada e implicava a passagem por várias instâncias<sup>29</sup>. Este processo deu origem a demoras notórias na publicação de vários inéditos, por certo especialmente aqueles livros que tinham matéria a ser emendada, ou cujos autores não seriam considerados dignos de especial favor. Os *Dialogos* de Francisco de Moraes serão exemplo deste estado de coisas, uma vez que entre a morte do autor e o primeiro impresso há uma distância de pouco mais de cinquenta anos<sup>30</sup>.

---

<sup>26</sup> A parte deste ponto que se refere ao «Dialogo terceiro» retoma e adapta a argumentação apresentada em Dias (2013).

<sup>27</sup> Para uma visão geral da censura em Portugal ver Graça Rodrigues (1980). Para uma visão mais especificamente centrada na censura da Inquisição portuguesa ver Raul Régo (1982). Para um estudo amplo sobre a censura entre 1624 e 1821 ver Maria Teresa Payan Martins (2005).

<sup>28</sup> Os primeiros róis de livros proibidos surgem em 1547 e 1551, seguindo-se a publicação de índices em 1561 e 1581. O primeiro índice romano data só de 1559, sendo posterior às primeiras publicações portuguesas. Segue-se o índice tridentino em 1564 e novo índice romano em 1597. Para mais informações sobre os róis de livros proibidos e outros índices, veja-se Graça Rodrigues (1980: 103-104), e sobretudo Raul Régo (1982) que fornece dados mais detalhados. Estes róis e índices foram publicados por Artur Moreira de Sá (1983).

<sup>29</sup> No que se refere às várias instâncias da censura prévia de livros, havia «três entidades: o Conselho Geral do Santo Ofício (censura papal), o Ordinário da Diocese (censura episcopal) e, a partir de 1576, o Desembargo do Paço (censura real). Por esta lista, podemos aferir a aceitação de que teria de gozar um autor para conseguir passar estes trâmites burocráticos (Rodrigues 1980: 14-15). Sobre as instituições de censura e seus agentes, ver Martins (2005: 11 e seguintes).

<sup>30</sup> Para outros exemplos de grandes demoras na publicação de inéditos veja-se Graça Rodrigues (1980: 38-39). No caso dos *Dialogos* de Francisco de Moraes, as licenças transcritas no Impresso de 1624 e que se referem ao texto já emendado são, as duas primeiras, datadas de 1621 e a terceira de 1624, sendo a ordem de taxa de 1622. Estas datas dão uma pequena ideia do tempo que uma obra, mesmo depois de já expurgada, ainda demorava até obter as licenças e seguir para a impressão.

No que se refere às matérias censuráveis, a mira principal dos censores era a ortodoxia religiosa, questão especialmente fraturante num momento em que a Europa era abalada por movimentos reformistas. A particular atenção dedicada à procura de traços de doutrinas heréticas ou de faltas de respeito em assuntos de religião não terá, no entanto, impedido outras linhas de ação.

Uma destas linhas, de que terá certamente sido vítima o «Dialogo Primeiro», seriam as pressões por parte de poderosos que não apreciariam qualquer observação que os pudesse de algum modo atingir. Já de outra índole terá sido a censura realizada sobre o «Dialogo terceiro». Apesar de menos sublinhado nas regras censórias (talvez por ser considerado especialmente óbvio), o repúdio de trechos que tratavam de «coisas lascivas e desonestas» foi prática corrente e assumida do labor censório quinhentista e seiscentista, tal como é explicitado em alguns Índices<sup>31</sup> e transparece na expressão usada na primeira licença do impresso dos *Dialogos*:

Vi estes Dialogos, na forma que vão não tem cousa que encontre nossa Sante Fee ou bõs costumes: pelo que pòdem imprimirse. Lisboa nesta casa de S. Roque da Companhia de IESV. 25. de Março de 621.

D. Iorge Cabral

Apesar de em alguns índices se fazer alusão também a versões manuscritas, a atenção dos censores ter-se-á naturalmente centrado nas edições impressas, dada a sua superior capacidade de multiplicação e disseminação. O trabalho que terá implicado o controlo de impressores, livreiros e alfândegas terá certamente tido como consequência a menor vigilância da produção manuscrita, inclusivamente porque esta, sempre que ocorresse na esfera privada e ao arrepio dos circuitos comerciais, seria muito mais difícil de controlar. Os colóquios que os manuscritos A, G, P e C nos transmitem poderão ter escapado à «tesoura censória» precisamente graças a uma

---

<sup>31</sup> Ver, nomeadamente, a «sétima regra» do *Index de 1564* citada por Raul Régo (1982: 59-60): «Os livros que de propósito tratam de coisas lascivas e desonestas, ou as contam ou ensinam, totalmente sejam proibidos. Porque não somente havemos de ter conta com a fé, mas também com os bons costumes que, com se lerem tais livros se corrompem e perdem facilmente. Pelo qual os que os tiverem serão castigados pelos bispos com rigor. Mas os antigos, compostos por gentios, permitir-se-ão, pela elegância e propriedade de que usam. Mas de nenhuma maneira consintam que moços os leiam.». Sobre a exortação à abstenção da leitura de livros com «desonestidades ou amores profanos», existente no índice de 1581, ver Rodrigues (1980: 21). Martins (2005: 187 e seguintes) também dedica largas páginas à questão da censura de livros licenciosos. A autora fornece ainda vários exemplos que, no entanto, são posteriores à obra que aqui nos ocupa.



circulação restrita e privada<sup>32</sup>. Esta feliz sobrevivência oferece-nos uma situação privilegiada pois, tal como os estudos sobre a censura lamentam, em boa parte dos casos sabemos que os textos foram cortados, corrigidos e emendados, mas não sabemos ao certo onde e como tais procedimentos se verificaram<sup>33</sup>. Tal não é pois o caso no que diz respeito aos colóquios de Francisco de Morais.

Passando à análise concreta do que terá sido censurado nos *Dialogos* de Francisco de Morais e de como os cortes foram suturados, verificamos que os exemplos existentes são bastante eloquentes.

Começando pelo «Dialogo primeiro», podemos encontrar dois tipos principais de manipulação. Um primeiro tipo consiste em substituições pontuais de pequenos trechos de frase que têm como consequência, na sua maior parte, a atenuação do elogio aos escudeiros (nomeadamente quanto ao seu papel junto do soberano) e a acentuação da sua crítica (a maiúscula inicial corresponde ao testemunho citado; não mencionamos C por se tratar de um testemunho muito alterado):

G – E. não parecia assy a ElRey Dom Joham quando **todo o pezo, & sua vida & estado confiaua em suas mãos.** (fl. 47r)

A – E. Não parecia assy a elrey dom J<sup>o</sup> q̃do **todo o peso e sua vida e estado confiaua em suas mãos.** (fl. 159r)

P – Es. não parecia assi a ElRey D. João quando **todo o pezo de sua vida e estado confiava em suas mãos.** (fl. 294r)

E – (*Escud.*) Não parecia assim a el Rey Dom Ioão, quando **dizia, que sô elles sustentauão este Reyno.** (fl. 1v)

Esta «tomada de partido» por parte da censura inquisitorial atinge o seu ponto mais alto no momento em que o ataque aos fidalgos entra no campo religioso, pois onde os manuscritos registam (com variantes insignificantes no caso) «Ou de Azemeis, ou **christãos novos**» (p. 76), referindo-se às possíveis origens de alguns fidalgos, o impresso emenda: «Ou de azemeis ou **doutras piores raças**» (fl. 14r).

O segundo procedimento que encontramos no «Dialogo primeiro» consiste no corte total de passagens consideradas menos convenientes. Este tipo de manipulação ocorre nos quatro blocos textuais seguintes:

---

<sup>32</sup> Sobre obras clandestinas e estratégias de fuga à censura, ver Martins (2005: 105-107) e, sobretudo, as páginas 541 e seguintes. Sobre quem arriscava a transgressão (sendo aqui de salientar a ocasional colaboração de alguns censores), a autora apresenta um capítulo ilustrado com vários exemplos.

<sup>33</sup> Esta questão é levantada por Rêgo (1982: 65 e seguintes), que também refere alguns casos em que foi possível identificar o modo como a ação da censura operou, caso da *Crónica de D. Manuel* de Damião de Góis.

1. – Quando no ms. P lemos, numa fala do Escudeiro:

Achai q̄ a guerra cõ França seria proueitosa, e necessaria, e que a desuia quem a teme,  
**assi tratais hũs com outros da governança do Reyno como se fosseis partes n'elle.**  
**Reolveis todos os Estados, quereis correr o Mundo cuidando que sois gente** (fl. 296v)

O Impresso limita-se a referir: «Achais que a guerra com França seria proueitosa, & necessaria, & que a desuia quem a teme» (fl. 12r-12v), faltando todo o resto da frase.

2. – Completamente truncada em E é também a seguinte frase que encontramos em P:

**Fi. Nem se auia de sofrer q̄ as chronicas onde se as Obras Reaes imprimem se escreuessem de uossas mãos e ainda vos digo q̄ os Chronistas huião de ser de sangue tão apurado que nenhũa raça lhe ficasse de Escudr<sup>o</sup>, que d'aqui uem escreuerem em seu fauor.**  
(fl. 297r)

3. – E, na sequência deste início, na mesma fala, os cortes persistem com severidade pois onde P refere:

E se por caso alem, ou na guerra de Castella **lhe fezerão fazer algum feito, gastão n'elle todo hum quaderno, como na Chronica d'elRey dom A<sup>o</sup> o do Sallado; está hum Gonçalo Roiz Ribeiro e outro Foão que em Castella uenceo os torneos na Corte, e matou o Lusão de Foão, que entre os Castelhanos, tinha o cume das armas. E isto com mais brosladuras que hum caparazão, ornandoo com taes palauras que por força o fazem ficar grande.**  
Então (fl. 297r)

O impresso afirma simplesmente «E se por caso **algum escudeiro âlem**, ou na guerra de Castella **fez algum feito sinalado gastais com elle todo o tempo.** & então» (fl. 14)

4. – Um pouco adiante, já perto do final do diálogo, mas ainda na mesma fala do Fidalgo, o texto é ainda objeto de cortes significativos:

**Até o Conde Dom Nuno alueres q̄ deixou o Estado de Bragança, quereis q̄ tiuesse hum quarto disso. e dais por proua d'isso a capella dos Coruos q̄ está em Euoramonte, feita por João glz Barbadão seu auo. E que por esta razão há hy muitos q̄ se desprezão de Pereiras. Então daqui prouais q̄ a mais da Fidalguia procede de Escudr<sup>os</sup>, e amenos de Reys e não uos lembra que tem isto outros descontos q̄ uos eu não quero dár por não gastar mal o tempo. Sei uos dizer q̄ se uos não tirarem o le q̄ não auerá quem uos sofra, e se pera regimento da Republica hé forçado q̄ algũs escreuão, consinto q̄ p<sup>a</sup> tabaliães os dexem aprender.** (fl. 297v)

A este trecho corresponde o seguinte no impresso (E):

**e não parais aqui, que ate neste Reyno pondez tacha a algũas casas illustres delle,**  
(fl. 15v).

Verifica-se assim que as alterações de detalhe e, sobretudo, os cortes mais extensos são ideologicamente muito claros, defendendo o grupo dos fidalgos de alguns dos ataques mais ferozes, sendo de destacar o trincar das passagens concretas que têm como alvo a família dos duques de Bragança, descendentes da união do filho bastardo de D. João I com a filha do condestável D. Nuno Álvares Pereira, família poderosíssima na época<sup>34</sup> e que certamente não teria apreciado as invetivas que Morais terá ousado escrever neste primeiro colóquio.

Com efeito, a primeira referência conhecida à morte violenta de Francisco de Morais é a de João Franco Barreto (1600-após 1674) que regista na sua *Bibliotheca Lusitana*: «dizem foi morto, a ferro, em Evora, a Porta do Roçio junto Aorta delRey, estando ali a corte» (Barreto 1674?: fl. 475Av). Posteriormente, Camilo Castelo Branco (1920: 60-61) segue-lhe no encalço, afirmando claramente a relação direta entre esta morte «a ferro» e o seguinte trecho que se encontra no diálogo moraisiano entre o Escudeiro e o Fidalgo: «Até o Conde Dom Nuno Alveres *que* deixou o Estado de Bragança, quereis que tivesse hum quarto disso. E dais por prova d'isso a capella dos Corvos *que* está em Evoramonte, feita por João *Gonçalvez* Barbadão seu avô. E que por esta razão há hy muitos *que* se desprezão de Pereiras» (p.79-80)<sup>35</sup>. Ainda mais grave seria a tradição que apresenta este antepassado da casa de Bragança, o Barbadão, como sendo um sapateiro judeu converso, o que se articula com a alusão a «christãos novos» como ascendentes de alguns fidalgos, passagem que também foi censurada. Com efeito, a possibilidade de ter traços de sangue hebraico nas veias tornou-se cada vez mais estigmatizante à medida que a Inquisição se foi implantando e fortalecendo a sua teia de influência e de ação em Portugal, nos anos que se sucederam à sua entrada no país, no reinado de D. João III. O poder desta estrutura repressiva era capaz de abalar até os fundamentos das famílias nobres mais antigas, razão pela qual a limpeza de sangue e a observância das regras comportamentais católicas foram tão obsessivamente prezadas. Por outro lado, esta importância também justifica a gravidade de qualquer acusação de sangue «menos limpo», bem como o facto de insinuações deste tipo correrem mais ou menos veladamente pela Península,

---

<sup>34</sup> Saliente-se que não só o brasão da Casa de Bragança consta do *Livro do Armeiro-Mor* (1509) como o duque de Bragança é o primeiro dos duques cujo brasão ali aparece. Posteriormente, D. Manuel I mandou também inscrever no teto do seu salão do Paço de Sintra o brasão dos Pereiras.

<sup>35</sup> Veja-se a entrada Barbadão no «Índice de nomes próprios».

como nos descobre a obra de Francisco de Mendonza y Bobadilla (1508-1566), *Memorial* ou *El Tizón de la Nobleza de España*. Francisco de Morais não terá tido conhecimento da obra deste seu contemporâneo, que consistiu num documento privado enviado pelo autor ao rei Filipe II em 1560 e que só foi impresso, pela primeira vez, em 1848. Trata-se, no entanto, de um documento que nos dá o pulsar da época uma vez que recolhe informações sobre as «nódoas de sangue» das mais altas estirpes hispânicas (incluindo a casa de Bragança)<sup>36</sup>, e que foi abafado pelo próprio rei<sup>37</sup>.

No que ao «Dialogo segundo» se refere, não parece ter havido intervenção da censura, exceto na já referida substituição de «Colloquio» por «Dialogo». Fosse porque não se visavam personalidades ou famílias em particular, fosse porque as críticas ao modo de vida dos grupos sociais em questão não atingiam os mais poderosos, a verdade é que as alterações observadas no impresso parecem resultar apenas de atualizações linguísticas ou de erros.

No «Dialogo terceiro», a ação da censura vai incidir especificamente sobre o tom mais brejeiro do texto, que se esforçará por controlar. Apesar das manipulações ocorridas, devemos sublinhar o facto de o «Dialogo terceiro» ter merecido, por parte da censura da Inquisição, a benesse de não ter sido liminarmente recusado, tal como talvez o tenha sido por Gil Nunes de Leão. A ter sido este o caso com o compilador do testemunho G, estaremos perante uma curiosíssima situação, onde o pudor de um indivíduo é mais severo do que a máquina censória institucional.

---

<sup>36</sup> No que se refere à casa de Bragança, é dito o seguinte: «Los Duques de Berganza proceden de Inés Fernández de Esteves, que fue hija de un zapatero convertido de judío en Portugal, y es práctica muy sabida universalmente, que ésta fue abuela de don Fernando de Portugal y Pereira, segundo Duque de Berganza y siendo así fueron bisnietos de la zapatera conversa, don Dionís y don Alvaro de Portugal.» (Mendoza y Bobadilla 1999: 15), o que dá a entender que esta ascendência era do conhecimento comum... Para além da casa de Bragança, o autor refere parentela e origens judias, muçulmanas, bastardas e de baixa extração de muitas linhagens ibéricas, o que inclui algumas das referidas por Morais no primeiro colóquio, como os Pacheco, os Benavente ou os Medina Sidonia. Para uma visão geral sobre a corrente de literatura satírica anti-áulica no Renascimento, ver Martínez Navarro (2012).

<sup>37</sup> No «Discurso de Pedro Gerónimo de Aponte Receptor de la Real Chancillería de Granada sobre la limpieza de los linajes de España. (Mss 3457.h.19)», que também integra a edição do *Tizón* de Mendoza y Bobadilla (1999) podemos ler: «Y habiéndose ajustado por cierta la relación de lo que toca a cada linaje de los contenidos en éste Memorial, luego que el Cardenal don Francisco de Mendoza y Bobadilla le puso en manos del señor Rey don Phelipe Segundo, mandó su Majestad que todos los libros escritos por diferentes sujetos, que trataban del origen de los linajes de estos reinos, que estaban en el archivo de Simancas, y que eran más de cuarenta y seis, se llevasen, como se ejecutó a la librería de San Lorenzo El Real, donde estuviesen con más recato y se obscurecieren las manchas tan reparables que tocan a las Casas contenidas en este discurso el cual no dará al olvido el deseo de descubrir lo más oculto, a que generalmente por naturaleza nos arrebatla la inclinación» (p. 115).

Passando à análise dos exemplos concretos de manipulação textual que a comparação das duas versões do «Dialogo terceiro» permite identificar, o primeiro caso que encontramos refere-se à expressão do desejo feminino, numa fala da regateira onde esta descreve a figura garbosa do moço para seguidamente concluir, em P: «proiãome os pés e mãos **por saltar em uós, depois forsaua o desejo por me não auerdes por desonesta**» (fl.300v). No impresso, o corte do trecho final da frase revela-se de uma infantilidade desconcertante: «proiaõme os pés & mãos **por saltar dalegria**» (fl. 29v).

O segundo caso encontra-se numa fala do Moço, quando este relata como espreitava a sua amada através de um buraco que fizera na tábua que lhe servia de porta. O impresso apresenta-nos um amante embevecido e infeliz, que passa frio, apanha chuva e, mesmo com os pés molhados:

por ali vos olhaua, viauos andar por casa cõcertando as cousas, della, **& nos braços** soma de manilhas de prata, dauaõ hũas nas outras & fazião hũ sã qua fora q̃ mao ãno para quãtos instrumentos musicos ha. Trasiéis hũa mãtilha amarella, q̃ **vos daua muita graça; punheisuos a lauar o rosto fazielo muito bõ**, q̃ isto sã tinheis mão, heiuos de falar verdade. Ora vede quẽ isto uia que tal teria o coração? Fazia frio se o Deos daua no mundo, & eu estar, chouiã, & eu estar, daua mea noute, & eu estar: asi que sempre estaua, te que vos hieis deitar. E às vezes ouuia alguem la dentro, & isto me fazia triste. (fl. 30r-v)

Já o Moço do manuscrito não deixa de apanhar chuva, nem de estar ao relento. Porém, o que vê não o deixa certamente frio:

por alli uos olhaua, uiauos andar por casa concertando as cousas della, **em mangas de camisa, cos braços arrigaçados, pretos e cabelludos (cousa q̃ me não parece mal porq̃ a carne da molher crede q̃ há de ser auelutada**. somma de manilhas de prata **nelles dauã** hũas nas outras e fazião hum som qua fora, q̃ máo áno p<sup>a</sup> **quantas nesparas uem de fora Flandres trazieis hũa mantilha amarella a redor de uos sem outra cousa as mamã soltas e dependuradas tão fermosas e grandes q̃ era p<sup>a</sup> aleijar mil homẽs punheisuos a lauar as pernas com agua de cano e cantauẽis la flor de la mi cara. Se com aquillo lauareis os cabellos farieilos m<sup>to</sup> bons** q̃ isto só tinheis máo. Hei uos de fallar uerdade. hora uede quem isto uia q̃ tal teria o coração? Fazia frio se o Ds daua no mundo e eu estar, chouiã e eu estar, daua mea noite e eu estar assi q̃ sempre estaua té q̃ uos hieis deitar. E às ueses q̃ ouuia alguem lá dentro e isto me fazia triste. (fl. 300v-301r)

O exemplo seguinte toca um sacramento especialmente protegido pela Igreja, o casamento, cujas regras foram sublinhadas no quadro do Concílio de Trento, nomeadamente no que se refere à imprescindibilidade da presença de um padre e de testemunhas para que o casamento seja válido, questão de que o colóquio moraisiano e respetiva censura poderão ser reflexo. A moralização do texto é evidente quando vemos o impresso insistir nas referências à possibilidade de casamento da Regateira, enquanto o manuscrito se limita a aludir a «entregas» e «recebimentos»:

P – Re. [...], ã Dñ sabe quanto sempre trabalhei pella fama e não por mingua de seruidores ã sempre fui requerida de quantos compradores ouue na Corte: Parece ã estaua guardada p<sup>a</sup> uos ã té então ninguem teue tal ditta. (fl. 301r)

E – (R.) [...], que Deos sabe quanto sempre trabalhei pela fama, & não por mingoa de seruidores, que sempre fuy requerida de quantos compradores ouue na corte **para casarem comigo**, parece que estaua guardada para vós, que te então ninguem teue tal ditta (fl. 30v)

P – Mo. Enganado estou eu logo ã me parecia ã **uos não ouuera com toda uossa honra**. (fl. 301r)

E – (Mo.) Enganado estou eu logo, que me parecia **outra cousa**» (fl. 30v)

P – R. hum erro passara iá por mim, ouueme hu homem mas este pr<sup>o</sup> **me recebeo tres ueses e inda assi estiue pera o não uer e assi me recebeo a quarta**. (fl. 301r)

E – (R.) Hum erro passara ja por /31/ mim, houueme hũ homem; mas este primeiro **me prometeo tres vezes de casar comigo, & ainda asi estiue pera o não ver** (fl. 30v-31r)

P – Re. Não me entendeis, digouos, ã **me recebeo** quatro ueses mas eu nunca fui casada, ã depois me engeitou **em Oito, e porã isto foi em dobro** ficou o casamento em uão. (fl. 301r)

E – (.R.) Não me entendeis, digouos, que **mo prometeo** quatro vezes, mas eu nũqua fuy casada, que depois me engeitou, & ficou o casamento em vão. (fl. 31r)

P – R. [...] então **me acabei de entregar** /301v/ Fuime pera casa caeia, comecei a concertalla, [...] (fl. 301r-v)

E – (Regat.) [...] em tam **me acabei de resolver, em casar comvosco**: fuime para casa, caeia comecei a concertalla [...] (fl. 32v)

O último caso encontra-se no final do diálogo, consideravelmente reduzido em E, que termina com a seguinte fala do Moço:

Mo.) Ora minha senhora he tẽpo de recolher, estou cansado, la praticaremos na pousada pois há tanto que vos não vi. (fl.33r).

No manuscrito da coleção Pombalina, a fala do Moço surge-nos bem mais colorida, com a expressão das suas tentações e hesitações, que culminam no que poderemos classificar como a parte mais obscena do diálogo, seguida das explicações da Regateira:

Mo. Pois Eu quando me ui com uosco tremia como uerga, não sabia q̃ fizesse punha os olhos em uos, tornauaos logo a tirar não ousaua de ~~uos~~ uos uer queria trauar da roupa auia medo de de anoiaruos tornauame a arepender: boa uontade tinha eu mas crede q̃ não ousaua /302/ E quis minha boa dita q̃ estando nestes medos lançastes mão te mim e então me despegei

Re. Eu ardia não pude dissimular tanto e uiuos estar medroso, ouue dó de uos não me pareceo bem q̃ ficasseis moço. Ora minha uida hé tempo de recolher, estareis cansado lá praticaremos no passado, uamonos p<sup>a</sup> a pousada passar o tempo em palauras auendo tanto q̃ uos não ui.

Fim (fl.301v-302r)

O contraste entre o testemunho da coleção Pombalina e o impresso de Évora permite-nos verificar algumas características da ação da censura da Inquisição sobre estes *Dialogos*. Uma primeira constatação é a dos dois grandes domínios em que esta se fez sentir: por um lado, a «limpeza» de ataques mais ferozes que sujassem o bom nome da Nobreza e, em especial, da família dos duques de Bragança, o que aponta para a vontade de contrariar qualquer discussão do *status quo*, e que se nota especialmente no «Dialogo primeiro», e, pelo outro lado, a moralização dos trechos mais ousados, patente no caso do «Dialogo terceiro».

No que se refere ao *modus operandi* deste processo, verifica-se que oscilou entre dois tipos de intervenção:

- a) o **corte completo**, suturado com uma frase breve que, frequentemente, deu ao texto um caráter umas vezes desconcertante, outras vezes inocente e mesmo infantil (como no caso da expressão dos desejos da regateira ou do final do «Dialogo terceiro»);
- b) **pequenas alterações** sempre que terá sido considerado que o assunto podia ser contornado sem o recurso ao corte completo. Nestes casos, a opção consistiu na acumulação de pequenas alterações, de caráter mais atenuador no caso do «Dialogo primeiro», mais moralizante no caso do «Dialogo terceiro».

A constatação destes dois tipos de intervenção comprova não só a existência de diferentes atitudes perante os textos censurados, mas também a possibilidade destes

diferentes modos se combinarem num mesmo texto, adaptando-se ao que seria considerado necessário ou mais adequado. De entre os casos em que temos testemunhos da ação da censura inquisitória (e que correspondem só a uma parte do que se terá verificado), há notícia de umas situações em que os censores se limitaram a cortar, sem suturar, e outras em que reescreveram o texto que censuravam<sup>38</sup>. Estas diferentes atitudes decorrem, por certo, de vários fatores, entre os quais será de salientar a atitude de cada censor para com a obra que «trabalha» e, a par, a consideração de si mesmo como alguém com capacidade (e vontade) para intervir no texto ou não. No que se refere à questão da legitimidade para intervir, essa seria um dado adquirido, sancionado pela missão superior da instituição que os inquisidores serviam. O maior ou menor cuidado da intervenção censória, nomeadamente, na sutura dos cortes, decorreria de uma postura, ou mais mecânica, ou, pelo contrário, mais empenhada. No caso dos Diálogos, ou Colóquios, de Francisco de Moraes, estamos perante um censor que não hesita em intervir, mas que, apesar de não ter grande inspiração nem capacidade inventiva, ainda assim tem flexibilidade para adaptar os métodos ao texto.

Isabel Barros Dias, Ana Sofia Laranjinha e Margarida Santos Alpalhão

---

<sup>38</sup> Sobre este assunto ver Anselmo Brancaamp Freire, que, depois de indicar os cortes sofridos pelo *Cancioneiro Geral*, enunciados no Índice de 1624, conclui: «Na censura de 1624 limitou-se o censor inquisitorial a suprimir versos, estâncias, ou até composições inteiras, mas não se atreveu a introduzir modificações nos versos, como fez Fr. Bartolomeu Ferreira às *Obras* de Gil Vicente. Era portanto uma censura mais justa, pois que ela terá o direito de suprimir as passagens ou obras consideradas inconvenientes, mas modificar, deturpar o sentido dado pelo autor à sua composição, não tem autoridade para fazer.» (Freire 1921: 69). Apesar de considerarmos discutível a possibilidade da existência de um sentimento de respeito por parte da censura inquisitória relativamente a autores e obras, cremos que é importante perceber a diversidade de intervenções que podiam ocorrer.



## Bibliografia:

### I. Edições dos *Colóquios*, ou *Diálogos*, de Francisco de Moraes

Moraes (1624)

Moraes, Francisco de, *Dialogos de Francisco de Moraes, autor de Palmeirim de Inglaterra. Com hum desengano de Amor, sobre certos amores, que o Autor teve em França com hu[m]a dama Francesa da Raynha Dona Leanor*, Evora: Manoel Carvalho, 1624.

Moraes (1786)

Moraes, Francisco de, *Cronica de Palmeirim de Inglaterra primeira e segunda parte por Francisco de Moraes a que se ajuntaõ as mais obras do mesmo autor*, in ed. A. J. da C. Macedo, Lisboa: Na Officina de Simaõ Thaddeo Ferreira, 3.º vol., 1786.

Moraes (1852)

Moraes, Francisco de, *Obras*, Lisboa: Bibliotheca Portugueza, 3.º vol., 1852.

Moraes (1946)

Moraes, Francisco de, *Crónica de Palmeirim de Inglaterra, primeira e segunda parte*, ed. G. U. Cintra, 3.º vol., São Paulo: Anchieta, 1946.

Moraes (1947)

Moraes, Francisco de, «Rivalidades de classes», in ed. A. Sérgio, *Prosa Doutrinal de Autores Portugueses*, 2.ª ed., Lisboa: Portugália Editora, s/d. [1968], p. 71-83.

Moraes (1978)

Moraes, Francisco de, «Diálogo entre um Fidalgo e um Escudeiro», in ed. J. H. Saraiva, *A Vida Ignorada de Camões*, 3.ª ed. revista, Mem Martins: Pub. Europa-América, 1994, p. 499-505.

Moraes (1980)

Moraes, Francisco de, «Diálogo Primeiro», in ed. E. M. H. V. Matias, «O “Diálogo Primeiro” de Francisco de Moraes», *Revista da Faculdade de Letras*, IV.ª série, 3 (1979-1980), p. 501-519.

Moraes (2012a)

Moraes, Francisco de, «Diálogo Primeiro», in ed. A. Vargas Díaz-Toledo, «O Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro, de Francisco de Moraes», *eHumanista* 22 (2012), p. 496-510. Disponível em [http://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/volume\\_22/regular/7%20vargas\\_diaz-toledo.pdf](http://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/volume_22/regular/7%20vargas_diaz-toledo.pdf). [cons. em 11/7/2016].

Moraes (2012b)

Moraes, Francisco de, «Diálogo Terceiro», in ed. A. Vargas Díaz-Toledo, «O Diálogo em estilo jocoso entre uma regateira e um moço de estribeira de Francisco de Moraes», *Rivista di Filologia e Letterature Ispaniche* XV (2012), p. 496-510. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/73335/2/100045.pdf> [cons. em 11/7/2016].

Morais (2013)

Moraes, Francisco de, «Diálogo Segundo», in ed. A. Vargas Díaz-Toledo, «O Diálogo entre um cavaleiro e um doutor, de Francisco de Moraes», *Revista de Filología Románica* vol. 30 n.º 1 (2013), p. 196-204. Disponível em [http://dx.doi.org/10.5209/rev\\_RFRM.2013.v30.n1.42609](http://dx.doi.org/10.5209/rev_RFRM.2013.v30.n1.42609) [cons. em 11/7/2016].

## II. Outras Obras

Almeida (2004)

Almeida, Isabel, «Morreram primeiro que nascessem. A propósito de livros perdidos: o caso do *Diálogo da Parvoíce* de Jorge Ferreira de Vasconcelos», *Românica* 13 (2004), p. 64-66.

Almeida (2011)

Almeida, Isabel, «Francisco de Moraes», in V. A. e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide: Editorial Caminho, 2011, p. 607-613.

Amaral (2007)

Amaral, Augusto Ferreira, *Mazagão. A epopeia portuguesa em Marrocos*, Lisboa: Tribuna da História, 2007.

Alpalhão (2009)

Alpalhão, Margarida Santos, *O Amor nos Livros de Cavalarias – O Palmeirim de Inglaterra de Francisco de Moraes: Edição e Estudo*, Lisboa: FCSH-UNL (tese de doutoramento inédita), 2009.

Alpalhão (2013)

Alpalhão, Margarida Santos, «Em torno da censura da obra de Francisco de Moraes: a propósito do seu “Dialogo Primeiro”», in H. Godinho (dir.), M. Alpalhão, C. Carreto e I. B. Dias (orgs.), *Da Letra ao Imaginário. Homenagem à Professora Irene Freire Nunes*, Lisboa: Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário, FCSH-UNL, 2013, p. 475-490.

Bainton (1988)

Bainton, Roland H., *Erasmus na Cristandade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

Barreto (1674?)

Barreto, João Franco, *Bibliotheca Lusitana [Texto Fotocopiado]: Autores Portuguezes*, Fotocópia do original manuscrito existente na Casa dos Duques de Cadaval, vol. 3, BNP, B.A.D. 272 A., fl. 475Av.

Bluteau (1721)

Bluteau, Raphael, *Vocabulário Portuguez & Latino...*, Lisboa: na Officina de Pascoal da Sylva, 1721 (10 tomos).

Branco (1920)

Branco, Camilo Castelo, *Narcóticos*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1920.

Briquet (1923)

Briquet, Charles Moise, *Les Filigranes. Dictionnaire Historique des Marques du Papier. Dès leur apparition vers 1282 jusqu'en 1600*, Leipzig: verlag von Karl W. Hiersemann, 1923 (4 tomos)

Canning (1987)

Canning, Joseph, *The Political Thought of Baldus de Ubaldis*, Cambridge: Cambridge U. Press, 1987.

Cruz (2006)

Cruz, Maria Augusta Lima, *D. Sebastião*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

Dias (2013)

Dias, Isabel Barros, «O “Diálogo Terceiro” de Francisco de Moraes: paródia de costumes e censura», in H. Godinho (dir.), M. Alpalhão, C. Carreto e I. B. Dias (orgs.), *Da Letra ao Imaginário. Homenagem à Professora Irene Freire Nunes*, Lisboa: Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário, FCSH-UNL, 2013, p. 453-463.

Farinha (1989)

Farinha, António Dias, «Características da presença portuguesa em Marrocos» in L. de Albuquerque (dir.), *Portugal no Mundo*, I, Lisboa: Alfa, 1989.

Freire (1921)

Freire, Anselmo Brancaamp, *A Censura e o Cancioneiro Geral*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.

Friedlin (2005)

Friedlin, Roger, «Dialogue der Renaissance in Portugal (1525-1595). Mit einem Ausblick in das 17. Jahrhundert», in R. Friedlin (ed.), *El Diálogo renacentista en la Península Ibérica*, Stuttgart: Steiner Verlag, 2005, p. 141-147.

Gama (2002)

Gama, Orlando, «Duarte Nunes de Leão. Elementos para uma Biografia», in D. N. de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002.

Heawood (1950)

Heawood, Edward, M. A., *Watermarks. Mainly of the 17th and 18th Centuries*, Hilversum: The Paper publications Society, 1950.

Laranjinha (2013)

Laranjinha, Ana Sofia, «O “Diálogo Segundo” de Francisco de Moraes, ou como vencer um debate com armas alheias. Contributo para uma nova proposta de datação», in H. Godinho (dir.), M. Alpalhão, C. Carreto e I. B. Dias (orgs.), *Da Letra ao Imaginário. Homenagem à Professora Irene Freire Nunes*, Lisboa: Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário, FCSH-UNL, 2013, p. 439-451.

Leal (1986)

Leal, Ivone, «A mulher e o amor no século XVI: afectividade, sexualidade, casamento – uma abordagem do tema», *Análise Social*, vol. XXII (92-93), 1986-3.º-4.º, p. 769-778.

*Livro do Armeiro-Mor* (1509)

*Livro do Armeiro-Mor*, s. I. [Lisboa]: Academia Portuguesa de História/Edições INAPA, 2007.  
Magalhães (1993)

Magalhães, Joaquim Romero de, «A Sociedade» in J. Mattoso (dir.), *História de Portugal. No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*, 3.º vol., s/l. [Lisboa]: Círculo de Leitores, 1993.  
Martínez Navarro (2012)

Martínez Navarro, María del Rosario, «Nuevas perspectivas para el estudio de la literatura antiáulica en el Renacimiento español» in N. Fernández Rodríguez e M. Fernández Ferreiro (eds.), *Literatura Medieval y Renacentista en España: Líneas y Pautas*, Salamanca: La Semyr, 2012, p. 711-721.

Martins (1973)

Martins, José V. de Pina, «João de Barros e a tradição erasmiana», in *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do séc. XVI. Estudo e textos*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português, 1973, p. 49-61.

Martins (2005)

Martins, Maria Teresa Payan, *A Censura Literária em Portugal nos Séculos XVII e XVIII*, Lisboa: FCG-FCT, 2005.

Matos (2001)

Matos, Manuel Cadafaz de, «Erasmus e os índices inquisitoriais portugueses no século XVI», in L. Ramos *et al.* (eds.), *Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*, vol. II, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, p. 132-133.

Mendoza y Bobadilla (1999)

Mendoza y Bobadilla, Francisco, *El Tizón de la Nobleza de España* (Introd., versión paleográfica y notas de Armando Mauricio Escobar Olmedo, Prólogo de Fredo Arias de la Canal), México: Frente de Afirmación Hispanista, A. C., 1999.

Nascimento (2004)

Nascimento, Maria Teresa, «Modelos clássicos no diálogo quinhentista português» in *Estudos literários – estudos culturais: actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada* [CD-ROM], Évora: Universidade de Évora, 2004.

*Ordenações Manuelinas* (2006)

*Ordenações Manuelinas. Livro II*, 2.ª ed., fac-simile da edição de 1797, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

Pereira (1998)

Pereira, João Cordeiro, «A estrutura social e o seu dever», in J. Serrão e A. H. Oliveira Marques (dirs.), *Nova História de Portugal. Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, Lisboa: Editorial Presença, 1998.

Philobiblon – BITAGAP [cons. em 13/8/2016]

URL: [http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/bitagap\\_po.html](http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/bitagap_po.html).

Pina (1653)

Pina, Rui de, *Chronica d'El-Rei D. Affonso o Quarto do Nome*, Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1653

Rêgo (1982)

Rêgo, Raul, *Os Índices Expurgatórios e a Cultura Portuguesa*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação e das Universidades, 1982.

Rodrigues (1919)

Rodrigues, Bernardo, *Anais de Arzila. Crónica inédita do séc. XVI*, v. II, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1919. Disponível em: [http://www.archive.org/details/anaisdearzila\\_cr02\\_rodruoft](http://www.archive.org/details/anaisdearzila_cr02_rodruoft). [cons. em 06/06/2011].

Rodrigues (1980)

Rodrigues, Graça Almeida, *Breve História da Censura Literária em Portugal*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação e Ciência, 1980.

Sá (1983)

Sá, Artur Moreira de, *Índices dos livros proibidos em Portugal no século XVI*, Lisboa: INIC, 1983.

Silva (1859)

Silva, Innocencio Francisco da, «Francisco de Moraes», in *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo 3.º, Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

Simmons & Ginneken-van de Kastele (1994)

Simmons, J. S. G. and Ginneken-van de Kastele, Bé van, (eds.), *Likhachev's Watermarks. An English-language version*, Amsterdam: The Paper Publications Society, 1994.

Sousa (1736)

Sousa, António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real, 1735-1749 (12 vols.), vol., II, p. 49.

Vargas Díaz-Toledo (2006)

Vargas Díaz-Toledo, Aurélio, «Introducción», in A. V. Díaz-Toledo (ed.), *Palmerín de Inglaterra*, Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2006. Disponível em: [http://www.centroestudioscervantinos.es/upload/38\\_introduccion.pdf](http://www.centroestudioscervantinos.es/upload/38_introduccion.pdf). [cons. em 02/09/2011]



## Normas de transcrição e aparato crítico

Na transcrição do texto, mantivemos os critérios gerais usados no projeto «Diálogos Portugueses», que também se encontram na página de trabalho, em linha, — <https://sites.google.com/site/dialogosportugueses/criterios-de-transcricao-transcription-criteria>:

— a tendência geral é conservar o texto, com muito poucas mudanças.

— oscilações gráficas da mesma palavra

Mantêm-se, com as exceções seguidamente assinaladas.

Exemplos: mandamento; mandamêto;

    mandamto passa a mandamento;

    mandamto passa a mandam[en]to.

Nota: as letras entrelinhadas descem à linha:

Exemplos: discreto<sup>s</sup> passa a discretos;

    anterio<sup>r</sup> passa a anterior;

    vot<sup>o</sup> passa a voto.

— letras em falta colocam-se entre [ ]

Exemplos: entr passa a entr[e]

— duplas grafias

Mantêm-se, de acordo com as especificidades próprias:

Exemplos: ijr<sup>m</sup>ão passa a iirmão;

    imiigo, igreja mantêm-se.

— desenvolvimento de abreviaturas (assinalado em *itálico*)

Não se considera abreviatura a vogal ou o ditongo nasal assinalado com til.

O til coloca-se sempre na primeira vogal, independentemente da vogal em que ocorra.

Exemplos: grã fica desta forma, mesmo que ocorram oscilações com gram;  
huũ passa a hũu;  
huã passa a hũa.

— estabelecimento de fronteira de palavra, sem apóstrofo

Segue-se a regra preposição + pronome não se separa; preposição + nome separa-se:

Exemplos: qual quer passa a qualquer; a hi passa a ahi (hoje aí);  
doutra, mantêm-se doutra;  
darmas passa a d armas.

Mantêm-se casos existentes no texto: d'elles.

— colocação de clíticos

Devem separar-se os pronomes, sem hífen:

Exemplos: fazella passa a faze lla;  
Diruoloeu passa a Dir vo lo eu;  
dissesse (pretérito perfeito) passa a disse sse;  
anichilállos passa a anichilá llos;  
poenlhe passa a poen lhe.

— acentuação

Mantém-se o acento gráfico apenas na sílaba tónica em que hoje se acentua.

Mantém-se, ou introduz-se, nos casos de ambiguidade morfológica: é/e (caso em que e passa a é)

Os restantes casos presentes no texto são abandonados.

— uso de ç

Mantém-se quando exista (antes de e ou i). Acrescenta-se em casos como começo que passa a começo.

— transcrição de i/j / e u/v

Faz-se segundo os valores vocálico ou consonântico da ocorrência.

Exemplos: jmagem passa a imagem; igreja passa a igreja;  
vso passa a uso; louuo passa a louvo.

— uso de y

Mantém-se sempre que tenha valor vocálico ou semivocálico; passa a j sempre que apresente valor consonântico.



Exemplos: Rey, pay, mym, ymagem mantêm-se  
Yerusalem passa a Jerusalem

- introdução de maiúsculas  
Em princípio de frase e nomes próprios.
- introdução de muito pouca pontuação (intervenção reduzida ao mínimo).  
Exemplos: Coloca-se ponto final inexistente numa frase.  
Substituem-se os dois pontos por vírgula (dada a divergência de funções do sinal nas duas épocas)  
Na dúvida, não se acrescenta pontuação.
- correção de erros evidentes (com forma abandonada em nota)  
Exemplo: letras trocadas, palavras repetidas  
Coloca-se antes de ] a forma escolhida e depois de ] a que se abandonou: se] se se

Às normas de transcrição gerais, acrescem as seguintes opções particulares, relativas aos presentes textos:

- Foram introduzidos parágrafos, que o texto não continha;
- Assinala-se a mudança de fólio entre barras oblíquas, marcando o rosto com r e o verso com v;
- Foram introduzidos dois pontos após o nome de cada interlocutor, antecedendo a respetiva fala;
- Usa-se o asterisco (\*) após a palavra como remissão para o glossário.
- Usa-se † para marcar texto de leitura impossível (testemunho A);
- Mantém-se muita da pontuação contida no texto, mas substitui-se, suprime-se, ou acrescenta-se alguma outra diferente da existente no manuscrito. Em alguns casos introduz-se a vírgula, o ponto final e o ponto de exclamação;
- Mantém-se alguma acentuação existente no manuscrito (há, hé, dará, ...), abandona-se outra (géração, géra, gánhar, déz, cór, pozérdes, andár, fás, gualdrápa, empécer, mór, dár, vés, pregar, dór, féz,...), altera-se em poucos casos (vé>vê, três>três, ...) e acrescenta-se em so> só e vem>vêm.

No aparato crítico:

- dá-se conta de variantes substantivas, omitindo as que representam apenas variação ortográfica (pera vs. para; baxos vs. baixos, etc);
- são indicadas as variantes entre testemunhos, quando divergentes do texto-base;

- são registadas opções de leitura quando diferentes das encontradas no texto-base (designadamente correção de erros);
- anotam-se palavras canceladas, ou a impossibilidade de as ler.

A presente edição é ainda complementada por um glossário (vide palavras assinaladas com um asterisco na edição crítica) e por um índice de nomes próprios onde se procura apresentar algumas figuras atualmente menos conhecidas, bem como esclarecer diversas alusões existentes nos colóquios agora editados.

# Colóquio primeiro

Edição de Margarida Santos Alpalhão



**Interlocutores<sup>1</sup>**  
Fidalgo e Escudeiro<sup>2</sup>

Fidalgo: Donde vem o meu Senhor de borzeguins\* amarelos mais alfanados\*<sup>3</sup> *que* hum potro ruço pōbo\*<sup>4</sup>?

Escudeiro: Ah, *Senhor*, pera que hé zombar dos vossos? Venho vos ver que há mil annos *que* o não fis.

Fidalgo: Ora bem que diz la Plinio, que novas há pello Mundo?

Escudeiro: Correo o Xarife [a<sup>5</sup>] Çafim<sup>6</sup> e matou cem lanças.

Fidalgo: Foi algum fidalgo antre elles?

Escudeiro: Não, tudo erão cavaleiros.

Fidalgo: Maior hé logo o tom que a perda<sup>7</sup>, cousa hé *que* pouco custa; necessario hé *pera* o Reyno aver menos escudeiros.

---

<sup>1</sup> Interlocutores] *Falta em G e C. E Iterlocutores*

<sup>2</sup> Fidalgo e Escudeiro] *G Colloquio q̄ tem hum fidalgo com hum escudeiro. C Pratica q̄ ten hũ fidaLgo Con hũ esCudeiro*

<sup>3</sup> alfanados] *A alfenado*

<sup>4</sup> borzeguins amarelos mais alfanados *que* hum potro ruço pōbo] *G botinhas tam justas e mais mais picadas q̄ hum rosto doente de bexigas. C botinhas tão justas e mais mais picadas que rosto de doente de bexigas*

<sup>5</sup> a] *Falta em P e E. Lemos segundo A, G e C.*

<sup>6</sup> Çafim] *G C tagere*

<sup>7</sup> perda] *A pedra*

*Escudeiro*: Não parecia assi a El Rey D. João quando todo o pezo e<sup>8</sup> sua vida<sup>9</sup> e estado confiava em suas mãos<sup>10</sup>.

*Fidalgo*: Que certeza! Quão de longe vosso pay vos terá pregado isso trás o lar? *Pera* que depois o conteis a vossos *filhos* e vossos *filhos* a vossos netos e assi irá de geração em geração até o dia do Juizo<sup>11</sup>. E cada hum quando o contar há de allegar<sup>12</sup> com seus avoos<sup>13</sup>, trazendo o melhor decorado que o Pater Noster<sup>14</sup>. E se vier á mão tambem allegareis com o desastre<sup>15</sup> de Touro<sup>16</sup>, e em fim nunca [nenhũ<sup>17</sup>] lhe deo<sup>18</sup> hum cavallo na força da batalha<sup>19</sup>.

*Escudeiro*: Não sei de cavallo *que* o não averia<sup>20</sup> mister\*, mas sei de algũs que deixarão a vida no campo *que* erão de maior preço e destes achareis vós muitos. E fidalgos não sei quantos<sup>21</sup>.

*Fidalgo*: Pois bem, ãtendes<sup>22</sup> por onesto, *que* o sangue de hum fidalgo, criado *pera* cousas grandes se aventure por qualquer<sup>23</sup>? Ou parece vos cousa justa *que* a dignidade<sup>24</sup> da Fidalguia se venda tão barato como a humanidade vossa? /294v/ Lança vos homem diante por *que* nos perigos<sup>25</sup> sejais escudo dos nobres, se venceis

---

<sup>8</sup> e] *P* de. *Falta em E. Lemos segundo A, G e C.*

<sup>9</sup> vida] *C* valia

<sup>10</sup> todo o pezo e sua vida e estado confiava em suas mãos.] *E* dizia, que só elles sustentauão este Reyno.

<sup>11</sup> dia do Juizo] *P* ~~fin~~ dia do Judizo *G* dia de Juizo

<sup>12</sup> há de allegar] *A C* alegara *G* alegaraa

<sup>13</sup> E cada hum quando o contar há de allegar com seus avoos] *C* Cada ves que o contais

<sup>14</sup> o Pater Noster] *C* aaue maria

<sup>15</sup> desastre] *P* ~~condistable~~ desastre

<sup>16</sup> de Touro] *G* do touro. E de Toro. *Falta em C.*

<sup>17</sup> nenhũ] *Falta em P e E. Lemos segundo A e G.*

<sup>18</sup> deo] *G E* derão

<sup>19</sup> E se vier á mão ... e em fim nunca [nenhũ] lhe deo hum cavallo na força da batalha] *C* enfim he como n<sup>a</sup> guerra hũ cavallo

<sup>20</sup> averia] *C* averey

<sup>21</sup> muitos. E fidalgos não sei quantos] *A* muitos fidalgos, e não sei quantos. *C* m<sup>tos</sup>. E de fidalgos não sey quantos.

<sup>22</sup> Pois bem, ãtendes] *E* Pois bẽ? & tendes *C* Bemtendes

<sup>23</sup> por qualquer] *Falta em G.*

<sup>24</sup> dignidade] *G* divindade *C* devindade

<sup>25</sup> nos perigos] *C* nas peleyas

a virtude d'elles o causa; Se vos vencem não se perde *muito* nisso, pois está claro *que* segundo a natureza gera de vós outros mais do necessario, em três dias comereis tudo<sup>26</sup> como traça<sup>27</sup>. Em fim tendes os spiritos grossos<sup>28</sup>, praticais\* como sentis. E se vier á mão assi como o dizeis o credes. E esta ignorancia vos fas dinos de menos culpa.

*Escudeiro*: Encareceis me tanto ser<sup>29</sup> fidalgo, fazeis me tamanhos beocos\* com isso *que* cuido *que*<sup>30</sup> vivo errado. E por isso, queria<sup>31</sup> saber de vós donde vem a Fidalguia.

*Fidalgo*: Quem se possesse ã disputa comvosco, *que* certeza querer<sup>32</sup> afirmar e deffender *que* todos somos hũs, e *pera* provar esta tenção, trareis<sup>33</sup> mais doutores na testa, do *que* há estrellas no Ceo<sup>34</sup>.

*Escudeiro*: Não cureis de affeitar\*<sup>35</sup> razões nem dar cor a palavras. Pergunto: donde vem a Fidalguia?

*Fidalgo*: Dir vo lo ey<sup>36</sup> com condição *que* não cureis de velhices, nem vos lembre *que* todos somos *filhos* de Adam e Eva, *que* este hé hum couto a *que* vos logo acolheis, e té isto tendes de baxos<sup>37</sup>.

*Escudeiro*: Não vos escudeis d'antemão<sup>38</sup>, nem vos sangreis em saude, respondei me ao *que* vos digo *que* bem sey onde<sup>39</sup> vou.

---

<sup>26</sup> se venceis a virtude d'elles o causa; Se vos vencem não se perde muito nisso, pois está claro *que* segundo a natureza gera de vós outros mais do necessario, em três dias comereis tudo] *C* e enfim comeis

<sup>27</sup> como traça] *A* como a traça. *À margem, por mão diversa*: esperitos

<sup>28</sup> Em fim tendes os spiritos grossos] *C* tendes o sentido fraco

<sup>29</sup> ser] *C* o ser

<sup>30</sup> cuido *que*] *Falta em C*.

<sup>31</sup> queria] *C* quizera

<sup>32</sup> querer] *A, G e C* quererdes

<sup>33</sup> trareis] *C* pareceis

<sup>34</sup> do *que* há estrellas no Ceo] *C* do ã estrellas no ceo.

<sup>35</sup> cureis de affeitar] *A G* curemos de enfeitar *C* Cudemos de emfeitar

<sup>36</sup> Dir vo lo ey] *C* Diruosey

<sup>37</sup> e té isto tendes de baxos] *Falta em C*.

<sup>38</sup> escudeis d'antemão] *G* escuseis dãtemam *C* escuseis diante

<sup>39</sup> onde] *C* aonde

*Fidalgo*: Assi que<sup>40</sup> quereis *que* vos diga donde<sup>41</sup> vem a Fidalguia; sabeis que vem dos Reis; e se não olhay os brasões das linhagēs antigas<sup>42</sup> e vereis donde procedem.

*Escudeiro*: E os Reys donde procedem<sup>43</sup>?

*Fidalgo*: Seedo\* vireis à Trĩdade<sup>44</sup>, muday a prática de meu concelho, *que* se esse<sup>45</sup> caminho levais, asinha\* vos dará o vao\* pella orelha.

*Escudeiro*: Já sei *que* receais o fim deste negoceo, e defendei lo<sup>46</sup> com escusas. Donde vindes de lá vimos. E porem<sup>47</sup> a Fidalguia *que* os antigos chamarão nobreza, era nome de prehemencia tamanha *que* a quem ficava de pay a filho<sup>48</sup> por duas cousas se alcançava<sup>49</sup>, ou per obras immortaes dignas de Fama e Gloria<sup>50</sup>, ou por vida caleficada\* em virtudes<sup>51</sup>. E em<sup>52</sup> quem estas ou cada hũa d'ellas não tinha, não tão somente carecia do nome de seus passados\*, mas ainda ficava tido por infame. E vós agora quereis que a Nobreza vos fique per herança e patrimonio, não curando das calidades com *que* se deve de alcançar, ou com *que* se deve conservar<sup>53</sup>. E<sup>54</sup> o peccador<sup>55</sup> do Escudeiro *que* do<sup>56</sup> berço começou a merecê lla seguindo os proprios passos e obras por onde se há de merecer e ganhar, porque não teve quem representasse suas obras, ou lhe foi a ventura tão adversa *que* morreo em seu officio, não quereis *que* se falle n'elle. E se viveo ficarão lhe<sup>57</sup>

---

<sup>40</sup> que] *Falta em C.*

<sup>41</sup> donde] *E de donde*

<sup>42</sup> os brasões das linhagēs antigas] *C os das linhagem antiga*

<sup>43</sup> procedem] *C vierão*

<sup>44</sup> Seedo vireis à Trĩdade] *P Seedo vipeio à Tpĩdade. Falta em A. Lemos por G, E e C.*

<sup>45</sup> esse] *C este*

<sup>46</sup> e defendei lo] *A defendello*

<sup>47</sup> E porem] *G, E Porem Falta em C.*

<sup>48</sup> que os antigos chamarão nobreza, era nome de prehemencia tamanha que a quem ficava de pay a filho] *C no outro tempo vinha*

<sup>49</sup> cousas se alcançava] *C man<sup>ras</sup>*

<sup>50</sup> obras immortaes dignas de Fama e Gloria] *C herdancia de merce*

<sup>51</sup> vida caleficada em virtudes] *C obras q̃ cada hũ fazia*

<sup>52</sup> em] *Falta em E.*

<sup>53</sup> E em quem estas ou cada hũa d'ellas não tinha ... se deve conservar] *C mas agora aproveitaisuos das obras alheas e as faseis vosas*

<sup>54</sup> E] *G em C mas*

<sup>55</sup> peccador] *C pobre*

<sup>56</sup> do] *C desde o*

<sup>57</sup> ficarão lhe] *A ficarlheão. Falta em C.*



os perigos por galardão e o nome por<sup>58</sup> vituperio. E quando *Deus* queria daqui se fazião<sup>59</sup> os Duques e os<sup>60</sup> outros estados de *que* os Reynos estão cheos, porque<sup>61</sup> as obras /295r/ de hũ Escudeiro, se tinhão merecimentos<sup>62</sup>, não lhe tiravão seu preço murmurações de fidalgos nem elles querião usar d'isso, antes com a autoridade de suas pessoas autorizavão com palavras as obras de quem as tinhas tais que lhe não falecia\* mais que quem as representasse. O que agora não vemos em nenhũ<sup>63</sup> de vós, se não<sup>64</sup> occupados de enveja dos feitos alheos trabalhais per anichilá los\*, e se por caso algũa hora os louvais hé cõ tal som que não passa de dez mil de tença\*<sup>65</sup>. E *pera* prova disso olhay que neste nosso<sup>66</sup> Portugal a cousa com *que* mais injuria cuidais\* que fazeis a hũ homem hé com<sup>67</sup> chamar lhe<sup>68</sup> escudeiro. E<sup>69</sup> até nisto empeceis a vós mesmos<sup>70</sup>, porque já não há algum *que*<sup>71</sup> se não chame fidalgo<sup>72</sup>. Em fim queria vos ver de vantagem\* dos outros homẽs, sofridos nos accidentes, esforçados nos perigos, pacientes cos<sup>73</sup> menores, moderados nas palavras *pera* vos cõfessar<sup>74</sup> parte do *que* sustentais. Mas como quer que tudo isto<sup>75</sup> tendes ao revés\*, vede em *que* se perde mais, se na humanidade do<sup>76</sup> *que* estas qualidades tem, ou daquelles<sup>77</sup> *que* as não seguem<sup>78</sup>.

<sup>58</sup> o nome por] *E* &. *Falta em C.*

<sup>59</sup> se fazião] *A* se sahião. *Falta em C.*

<sup>60</sup> os] *Falta em E.*

<sup>61</sup> estão cheos, porque] *A* são cheios. E porq̃. *Falta em C.*

<sup>62</sup> merecimentos] *A G* merecim<sup>o</sup>. *Falta em C.*

<sup>63</sup> nenhũ] *P* ~~en~~ hũ, com nen *entrelinhado sobre palavra cancelada.* *Falta em C.*

<sup>64</sup> se não] *G* e não. *Falta em C.*

<sup>65</sup> começou a merecê lla seguindo os proprios passos ... dez mil de tença] *C* faz obras honradas e os aniquilais vos outros com as vossas sentenças e murmurações

<sup>66</sup> *pera* prova disso olhay que neste nosso] *C* a proua disto q̃ neste vosso

<sup>67</sup> hé com] *Falta em C.*

<sup>68</sup> chamar lhe] *A* chamardelhe

<sup>69</sup> *E*] *Falta em A, G e C.*

<sup>70</sup> empeceis a vós mesmos] *C* empesais a Vos mesmo

<sup>71</sup> algum *que*] *A* nenhũ q̃ *G e C* quem

<sup>72</sup> *E* *pera* prova disso olhay ... se não chame fidalgo] *C* e a proua disto q̃ neste vosso portugal a causa cõ q̃ mais enjuria cudais q̃ faseis a hũ homẽ chamarlhe escudeiro, atee nisto empesais a vos mesmo, porq̃ já não ha quem não se chame fidalgo.

<sup>73</sup> cos] *A, G e E* com os *Falta em C.*

<sup>74</sup> vos cõfessar] *G* q̃ uos confessase

<sup>75</sup> isto] *Falta em G e C.*

<sup>76</sup> do] *A G* dos *Falta em C.*

<sup>77</sup> daquelles] *A* naquelles *Falta em C.*

<sup>78</sup> Em fim queria vos ver de vantagem dos outros homẽs, sofridos ... não seguem] *Falta em C.*

*Fidalgo*: Quem me desse achar hum escudeiro desviado de orador! Ou<sup>79</sup> *que* não soubesse três dedos de latim. E se algum d'aqui escapa, achai lo tão lido<sup>80</sup> *que* sabe<sup>81</sup> Petrarca de cor, nenhũa Chronica lhe escapa<sup>82</sup>. E quando as passãõ, qualquer feito de escudeiro *que* vê<sup>83</sup> á sua vontade, poen lhe maosinha na margem<sup>84</sup> por *que* fique bẽ cotado<sup>85</sup>. E vão dar n'elle cada ves que o buscarem<sup>86</sup>. Mas esta culpa hé dos Chronistas *que* querem encher papel com cousas bem escusadas<sup>87</sup>. Hora vede se com tais doutores vos pozerdes em palavras, quem irá de baxo? Estou em ponto de vos dizer e confessar *que* fallais<sup>88</sup> bem. E não poderá *Deus*<sup>89</sup> comvosco. Porem porque vos não vades assi, dezei me hũa cousa. Como estais com mulla panda<sup>\*90</sup>, pernas compridas, calças de malinas\*, capa aberta, cabelo louro e crespo<sup>91</sup>, passear no terreiro?

*Escudeiro*<sup>92</sup>: Bem me parecera, se isso andara<sup>93</sup> sempre em seu lugar, mas hũ<sup>94</sup> tempo trazeis o<sup>95</sup> capello\* no toutiço\*, outro tempo nos quadris<sup>96</sup>; hũs dias quereis o cabelo copado\* e corredio, outros dias louro e crespo<sup>97</sup>. E agora porque de Tunes vierão

---

<sup>79</sup> hum escudeiro desviado de orador! Ou] *C* escudr<sup>92</sup>,

<sup>80</sup> achai lo tão lido] *C* achaloeis tão ledó

<sup>81</sup> sabe] *E* sabem *C* cabe

<sup>82</sup> nenhũa Chronica lhe escapa] *C* nenhũ Coronista lhe foige

<sup>83</sup> vê] *E* vem

<sup>84</sup> E quando as passãõ, qualquer feito de escudeiro que vê á sua vontade, poen lhe maosinha na margem] *C* e se passa algũ ponde escudeiro pois he mansinha amargue

<sup>85</sup> cotado] *P* cotado *G* cotada *Falta em C*.

<sup>86</sup> por que fique bẽ cotado. E vão dar n'elle cada ves que o buscarem] *C* e cada ves q̃ o abrem logo dam no ponto

<sup>87</sup> Mas esta culpa hé dos Chronistas que querem encher papel com cousas bem escusadas] *C* mas perdoe d's aos coronistas q̃ querem encher papel cõ cousas bem escusadas *Falta em C* o restante texto desta fala.

<sup>88</sup> fallais] *A* falareis

<sup>89</sup> *Deus*] *E* ninguẽ

<sup>90</sup> panda] *A* parida

<sup>91</sup> calças de malinas, capa aberta, cabelo louro e crespo] *G* calças de raxa, imperiais, capa aberta, espada ate esta

<sup>92</sup> *Escudeiro*] *A* †

<sup>93</sup> isso andara] *A* isso andasse *G* isto andasse *C* isto andara

<sup>94</sup> hũ] *C* nenhũ

<sup>95</sup> o] *Falta em G*.

<sup>96</sup> outro tempo nos quadris] *A* e outro tempo nos quadris *G* outro tempo pelos ombros *C* e outro nos hombros

<sup>97</sup> o cabelo copado e corredio, outros dias louro e crespo] *A* o cabelo copado e corredio outros louro

quatro trosquiados\* quiseste lo ser todos<sup>98</sup>. Ouvistes dizer *que* no campo avia capas e pelotes\* curtos, de sorte<sup>99</sup> *que* descobris quanto tendes<sup>100</sup>. Quereis vos vestir na paz do trajó<sup>101</sup> *que* se fes pera a guerra, de *maneira que* pellas mudanças do vestir<sup>102</sup> ninguém sabe de que terra sois. Andais á gineta\* com o *que* se fes pera a brida\*<sup>103</sup>. E com isto<sup>104</sup> chamais vos inventores de costumes<sup>105</sup>, podendo melhor caber inventores de necidades\*<sup>106</sup>.

*Fidalgo*: Ainda *que* possa escusar<sup>107</sup> defender me com palavras, porque não cuideis *que* fallais bem /295v/ dar vos ei a<sup>108</sup> desculpa. Sabeis quem<sup>109</sup> dana o Mundo, quem<sup>110</sup> fas fazer essas novidades? A piquice\* de vós outros, que se Foão quis fazer hũ<sup>111</sup> capus curto, não ouve mais escudeiro no Reyno *que* o trouxesse<sup>112</sup> comprido, de *maneira que* nenhum trajó se pode costumar *que* o vós outros não useis, e por esta<sup>113</sup> razão usamos de cousas novas, pera ver se cansareis. Que hum dos maiores trabalhos *que*

---

e crespo G ã vos dem os cabos da espada no giolho, outros dias trazeila tam cosida com vosco ã parece ã lhe quereis dar de mamar C e traseis a espada nos juelhos, e as vezes parese ã lhe quereis dar de mamar

<sup>98</sup> E agora porque de Tunes vierão quatro trosquiados quiseste lo ser todos] A Aguora pã de tu[†] vieram quatro trosquiados quisestello ser todos G E porã estes dias passados as traziam aqui em hũs ganchos que pareciam das egoas castas do Jffante, não auja ja quem trouxesse talabartes C E isto he porã nestes tempos atraz as traseis nenhũ ferro no talabarte

<sup>99</sup> pelotes curtos, de sorte] A pelotes curtos [†]curtos de sorte G pelotes curtos, trazeilos muito curtos de sorte *Falta a frase completa em em C.*

<sup>100</sup> tendes] A ten[†]*Falta em C.*

<sup>101</sup> Quereis vos vestir na paz do trajó] A [†] na paz do trajó G quereisvos vestir na paz do C e quereis trazer no paço o

<sup>102</sup> vestir] G C vestido

<sup>103</sup> Andais á gineta com o que se fes pera a brida] *Falta em C.*

<sup>104</sup> E com isto] C e assim

<sup>105</sup> costumes] C vestidos

<sup>106</sup> necidades] G E necessidades C nessecidades

<sup>107</sup> escusar] *Falta em C.*

<sup>108</sup> bem dar vos ei a] A bem daruoshei disso a G bem, daruoshey essa E sem vos dar essa C bem daruosey mas

<sup>109</sup> quem] C o ã

<sup>110</sup> quem] C eoã

<sup>111</sup> A piquice de vós outros, que se Foão quis fazer hũ] C he porã de vos outros se fião fez

<sup>112</sup> ouve mais escudeiro no Reyno *que* o trouxesse] E ouue mais escudeiros no Reino *que* o trouxessem C ha no Reyno, quem o traga

<sup>113</sup> esta] *Falta em C.*

sinto nesta vida e assi o devem de sentir todos, hé antre o povo comum não se fazer differença de Escudeiros a<sup>114</sup> fidalgos. E<sup>115</sup> perdoe Deus a El Rey nosso Senhor que elle tem a<sup>116</sup> culpa d'isto, pois<sup>117</sup> vos não manda trazer hum escrito na testa que<sup>118</sup> declare Escudeiro.

Escudeiro: Já consenteria que praguejasse d'elles quem<sup>119</sup> os podesse<sup>120</sup> ter de seu, mas a estes não lhe lembra porque se não doem desta chaga. Outros que andão no mesmo lote, estes são os que se temem, que são hũs fidalgos mestiços, d'antre lobo e cão que vivem sempre<sup>121</sup> em quinta, e quando vêm á Rua nova<sup>122</sup>, parecem<sup>123</sup> envergonhados, metendo a vista por elmo de muito embuçados\*, a<sup>124</sup> calma<sup>125</sup> muito grande, gualdrapa\* de três mudas como gavião, furada por mais lugares que hum crivo de Alentejo e fas<sup>126</sup> cortezia com a cabeça por se não descompor<sup>127</sup> e anda de amores com qualquer molher solteira, vota<sup>128</sup> a Deus que leva nas mãos quantas Damas há no paço, de<sup>129</sup> discreto e galante. Este tal dar lhe eis licença<sup>130</sup> que possa<sup>131</sup> zombar?

---

<sup>114</sup> a] A e

<sup>115</sup> de maneira que nenhum trajo se pode costumar ... fazer differença de Escudeiros a fidalgos. E] C e assim mais trayos de marta ã senão conhece o escudeyro, e por iso se muda de trajos, para ver se cansais, mas

<sup>116</sup> a] Falta em E.

<sup>117</sup> nosso Senhor que elle tem a culpa d'isto pois] C ã

<sup>118</sup> que] C e ã

<sup>119</sup> quem] C ã

<sup>120</sup> podesse] A G pode

<sup>121</sup> de seu, mas a estes não lhe lembra porque se não doem ... d'antre lobo e cão que vivem sempre] C mas hũs ã uem de bastardos de en douro e minho e Viver toda a sua vida

<sup>122</sup> vêm á Rua nova] C vão a sidade

<sup>123</sup> parecem] P parecem uem E parece vem C parese ã uem Lemos por A e G.

<sup>124</sup> envergonhados, metendo a vista por elmo de muito embuçados, a] C em quachados no manteo e có mais

<sup>125</sup> calma] G E P C lama Lemos por A.

<sup>126</sup> muito grande, gualdrapa de três ... crivo de Alentejo e fas] C ã por justica fazem a

<sup>127</sup> descompor] G descobrir C descubrirem

<sup>128</sup> vota] E bota

<sup>129</sup> de] A †

<sup>130</sup> lhe eis licença] A †

<sup>131</sup> e anda de amores com qualquer molher solteira, vota ... Este tal dar lhe eis licença que possa] C estes são os ã se queimão e se podem ter nesta conta descudeiros e ã posão

*Fidalgo*: Esse<sup>132</sup> tal lancem no<sup>133</sup> aos liões, emcampem\* no aos<sup>134</sup> escudeiros, decerão a elle como<sup>135</sup> pardais sobre mocho.

Escudeiro: Mas quantos<sup>136</sup> há de vós outros em quem<sup>137</sup> isto pode caber se quisesses conhecer vos<sup>138</sup>?

*Fidalgo*<sup>139</sup>: Mas quamanho\*<sup>140</sup> perigo hé tomar se homem cõ hum escudeiro refinado, que se abruquella\* por<sup>141</sup> todas as partes<sup>142</sup> *que* por nenhũa o achareis em descuberto. Já sei que sois tão provido que<sup>143</sup> tendes sempre na pousada marmellada de arrobe\*, pera convidar os amigos, e dizeis *que* não ajão nojo *que* a<sup>144</sup> fes molher muito limpa e elles limpão a caixa *que* parece varrida á vassoura. Que gostozza cousa seria [poder<sup>145</sup>], por hum buraco de *que* não tivesses<sup>146</sup> sospeita, ver<sup>147</sup> hũa roda de vós outros. Que certeza<sup>148</sup> gastardes o tempo e<sup>149</sup> a prática\* á custa da Fidalguia e achardes *que* hũa loba aberta com rabo muito<sup>150</sup> comprido, e chapeo Albanes na cabeça, não dis hum com o outro. E sustentardes *que* hũs chapins\* de meas capelladas\*<sup>151</sup> *que* chamavão<sup>152</sup>

---

<sup>132</sup> Esse] *G* Este *C* A este

<sup>133</sup> no] *A* o

<sup>134</sup> emcampem no aos] *G* câpeenos os *com s final cancelado*.

<sup>135</sup> emcampem no aos escudeiros, decerão a elle como] *C* emassenno os escudeiros e serão a elle mais ã

<sup>136</sup> quantos] *C* de quantos

<sup>137</sup> em quem] *C* aã

<sup>138</sup> caber se quisesses conhecer vos] *C* caber e se quizer vos conhecer

<sup>139</sup> *Esta fala do Fidalgo e a seguinte do Escudeiro faltam em C.*

<sup>140</sup> quamanho] *E* quanto

<sup>141</sup> abruquella por] *A* aburquella de *G* abroquella de

<sup>142</sup> partes] *E* partes de maneira

<sup>143</sup> que] *P* que ã *em que o segundo surge cancelado*.

<sup>144</sup> a] *P* o *Lemos por A G e E*.

<sup>145</sup> poder] *Falta em P e E. Lemos por A e G.*

<sup>146</sup> tivesses] *E* tiuesse

<sup>147</sup> ver] *A* de uer

<sup>148</sup> certeza] *G* he certeza

<sup>149</sup> e] *A* em

<sup>150</sup> rabo muito] *A* rabo muy *G* hum rabo muito

<sup>151</sup> capelladas] *G* cappellas das

<sup>152</sup> chamavão] *A* chamão

Alcorques\* era o melhor trajo do Mundo e<sup>153</sup> *que* foi erro deixar se de costumar. Estas parvoices não posso eu sofrer. Nem ver moços<sup>154</sup> da cámara com roupões emprestados<sup>155</sup> na pousada pella sesta, passear<sup>156</sup> o dia todo. E<sup>157</sup> se tem hũa só cadeira occupa a cõ<sup>158</sup> o vestido e chama lhe Guarda roupa, e por derradeiro assoão se na aba do pellote\*, no paço roção se comvosco, conversão vos de por força e çafão vo la<sup>159</sup> capa. E o peor daqui hé<sup>160</sup> *que* sahis logo daqui<sup>161</sup> cheirando a escudeiro, de sorte *que* não podeis ir ás Damas té *que* vos não tresladeis\* /296r/ em outro trajo, ou vos não desenvioleis\*<sup>162</sup> como Adro.

*Escudeiro*: Bem me parece *que* defendeis<sup>163</sup> vossa roupa á custa alhea, mas quero ver<sup>164</sup> *que* desculpa me dareis a ser divino<sup>165</sup> mais do necessário, enfeitardes vos de Sol a Sol, lançando versos<sup>166</sup> polla boca menos escandidos<sup>167</sup> *que* os de Tullio<sup>168</sup>. Curais o carão, prezais vos de perfumados e *quem* o assi não faz avei lo por grosseiro. E sobretudo<sup>169</sup> há algũs *que* se allugão *pera* banquetes. Zombais de toda a<sup>170</sup> Relé\*. E por derradeiro leva vos<sup>171</sup> de bem despostos qualquer Francelho\* *que* tem unhas brancas.

---

<sup>153</sup> e] *Falta em A.*

<sup>154</sup> moços] E moço

<sup>155</sup> emprestados] G emprasados

<sup>156</sup> passear] E passando

<sup>157</sup> E] *Falta em A.*

<sup>158</sup> occupa a cõ] A occupaa G occupala

<sup>159</sup> çafão vo la] G safamuos a

<sup>160</sup> daqui hé] A ã he G E he

<sup>161</sup> daqui] *Falta em A.*

<sup>162</sup> desenvioleis] P desinuloleis G desinuioleis *Lemos por A e E.*

<sup>163</sup> defendeis] E defendais

<sup>164</sup> ver] A †

<sup>165</sup> divino] G deujdo

<sup>166</sup> lançando versos] G lâçardes mais sonetos

<sup>167</sup> escandidos] E escondidos

<sup>168</sup> menos escandidos *que* os de Tullio] G ã garcilaso de la e menos rimados ã os seus

<sup>169</sup> sobretudo] E com tudo

<sup>170</sup> a] *Falta em A.*

<sup>171</sup> leva vos] A louuãouos G louuauos

Fidalgo: Ponde vos em razões com<sup>172</sup> hum<sup>173</sup> escudeiro gramatico e vereis onde is<sup>174</sup> ter, que são o proprio<sup>175</sup> origem dos anexins<sup>176</sup> e sabem mais dichos\*<sup>177</sup> que o grão Simão<sup>178</sup> da Silveira, e os mais adoecem de Fernão Cardozo, e com isto<sup>179</sup> são tão dados á conversação que vos abração na rua havendo dous dias que vos não virão. E já isto sofreria<sup>180</sup> se não<sup>181</sup> quisessem faze llo em toda a parte<sup>182</sup>, de sorte que lhe não fallece\*<sup>183</sup> se não andar<sup>184</sup> aos touros comvosco, jugar as<sup>185</sup> canas e entrar em outros autos reservados á fidalguia. Se his á carreira, achai los lá, não podeis dar<sup>186</sup> passo que não embiqueis cõ escudeiro<sup>187</sup>. Cuidais que a passareis bem, elles passão na<sup>188</sup> melhor. E<sup>189</sup> daqui veo não aver já quem as<sup>190</sup> corra e correrem a quem o faz, e tẽ llo por cousa baixa<sup>191</sup>. Em qualquer cousa de perigo, passão no como se o não ouvesse. São imigos da vida porque perdem pouco nella, e por isso não lhe dá nada perdê lla. Vós tende lla<sup>192</sup> vossa em mais, de modo que necessariamente hão de ganhar honra cõvosco á vossa custa. Se fazeis a barba á carvalha\*, fazem na da mesma sorte,

---

<sup>172</sup> com] *P* palavra ou sílaba cancelada, ilegível, antes de com.

<sup>173</sup> em razões com hum] *C* a pratica cõ

<sup>174</sup> onde is] *C* adonde ydes

<sup>175</sup> o proprio] *A G C* a propria

<sup>176</sup> dos anexins] *C* damesis

<sup>177</sup> dichos] *A* johos

<sup>178</sup> Simão] *A G* fernam

<sup>179</sup> e sabem mais dichos ... Fernão Cardozo, e com isto] *Falta em C.*

<sup>180</sup> isto sofreria] *C* isso sessofrera

<sup>181</sup> não] *C* o não

<sup>182</sup> llo em toda a parte] *C* em toda a parte de Corte

<sup>183</sup> de sorte que lhe não falece] *C* ã ja lhe não falta

<sup>184</sup> andar] *C* yrem

<sup>185</sup> jugar as] *C* e se entraís nas

<sup>186</sup> e entrar em outros autos reservados á fidalguia. Se his á carreira, achai los lá, não podeis dar] *C* cuides a Carreiras ou outros autos Reservados a fidalguia, de man<sup>ra</sup> ã não dáis

<sup>187</sup> cõ escudeiro] *C* em escudeiros

<sup>188</sup> Cuidais que a passareis bem, elles passão na] *C* Cudais ã passiais bem e eles paseão

<sup>189</sup> E] *Falta em C.*

<sup>190</sup> já quem as] *C* quem a

<sup>191</sup> e correrem a quem o faz, e tẽ llo por cousa baixa] *C* e quem a Corre tenno por cousa bayxa. *O restante texto da fala falta em C.*

<sup>192</sup> tende lla] *E* tendes a

e daqui vem desacustumar se já. E tirar o gosto aos homẽs e fazer dar por hũa mulla cem crusados\*, porque aqui não chega Rui de Sande.

*Escudeiro*<sup>193</sup>: Folgo que me confessais<sup>194</sup> ser esse o derradeiro remedio de vossa salvação e tambem folgo que nelle vos salvais<sup>195</sup> bem poucos, que não repartio a Fortuna tão largo com muitos de vós<sup>196</sup> outros, *que* vos não desse mais de soberba e ufanía<sup>197</sup>, *que* d'outros bẽns temporaes<sup>198</sup>. E por isso á mingoa d'esses cem crusados\* algũs irão embuçados\* ao Paço. Em fim sois gente feita a<sup>199</sup> vosso proveito, aveis brigas hũs com outros, concluen se em palavras, tudo se desfaz em offerecimentos de parte a parte, logo sois amigos. Se vos anoja\* hum escudeiro, alli executais vossas iras, alli<sup>200</sup> aveis que vos vay<sup>201</sup> a honra *que*<sup>202</sup> no al\* não vos vay<sup>203</sup> nada. E não olhais *que* hé isto grande<sup>204</sup> sinal de fraqueza, porque não estimais cair<sup>205</sup> nella, nem cuidais *que* sois Fidalgo, se não em quanto tendes sopposto\* a<sup>206</sup> Escudeiro. Parece vos *que* são<sup>207</sup> algum tanto mais abaxo ou vós outros mais acima. E disto vos contentais. Prouvesse a *Deus que* não tivesses este sopposto\*, veríamos *que*<sup>208</sup> ficaveis ou de que vos contentáveis; tamanha dor tendes de suas obras, que quando com as vossas lhe não podeis empecer\*, empeces lhe cõ /296v/ desdem, praticai las<sup>209</sup> com desprezo, e com aquillo cuidais que lhe fazeis guerra. Se hum Escudeiro hé musico, outro<sup>210</sup>

---

<sup>193</sup> *Esta fala do Escudeiro e a seguinte do Fidalgo faltam em C.*

<sup>194</sup> confessais] *E* confesseis

<sup>195</sup> salvais] *E* salueis

<sup>196</sup> de vós] *A* devos de vos

<sup>197</sup> ufanía] *A* fantasia

<sup>198</sup> outros, *que* vos... bẽns temporaes] *Falta em G.*

<sup>199</sup> a] *G* ao

<sup>200</sup> alli] *E* & ali

<sup>201</sup> vay] *A* val

<sup>202</sup> *que*] *E* &

<sup>203</sup> vay] *A* val

<sup>204</sup> isto grande] *G* este gram

<sup>205</sup> não estimais cair] *G* a não estimais não cahis

<sup>206</sup> a] *P E* ao. *Lemos por A e G.*

<sup>207</sup> são] *A* sois

<sup>208</sup> veríamos *que*] *A* veríamos o que *G* viramos quem

<sup>209</sup> las] *G* lhas

<sup>210</sup> outro] *G* o outro



cavalgador, e<sup>211</sup> algũs discretos, manhosos<sup>212</sup>, galantes, ou têm<sup>213</sup> algũas manhas per que se devão estimar, não há<sup>214</sup> paciencia que vos ensine a sofre llo. Queixais vos da Natureza, *que* repartio<sup>215</sup> mal suas graças, e aveis *que* nos outros homẽs são perdidas [e *que* postas em vós outros serião de todo ganhadas<sup>216</sup>]. Se entendeis que vos entendem sofrei llo *muito* peor, quereis<sup>217</sup> que tenham os spiritos grossos, e os intendimentos ignorantes. E<sup>218</sup> já que não pode ser, quereis lhe prender os pensamentos *que* não possam julgar de vós segundo vossas inclinações.

*Fidalgo*: E<sup>219</sup> achais que n'isso não temos *muita* razão? Há hy maior<sup>220</sup> mal, ou pode ser mor desgosto, que aver homem<sup>221</sup> de cuidar *que*<sup>222</sup> o *que* Fidalgos fallão de segredo<sup>223</sup>, queirão Escudeiros estar perafusando\* na praça e<sup>224</sup> com suas suptilezas hirem<sup>225</sup> sempre dar no certo? E daqui veo ás<sup>226</sup> Regateiras terem certas prophecias pella comonicação *que* têm<sup>227</sup> com elles. Então não vos contentais de parar aqui, mas pondes o risco mais alto. E quereis ser tão sutis que trancendais<sup>228</sup> os pensamentos alheos; tratais do<sup>229</sup> que passa no concelho, quem fallara melhor n'elle, alli tirais Foão e<sup>230</sup>

---

<sup>211</sup> e] *Falta em A.*

<sup>212</sup> manhosos] *G e manhosos*

<sup>213</sup> têm] *P e E tem A q̃ tem*

<sup>214</sup> há] *A hahi*

<sup>215</sup> repartio] *A G reparte*

<sup>216</sup> [e *que* ...ganhadas] *Falta em P e E. Lemos por A e G.*

<sup>217</sup> quereis] *A Que quereis*

<sup>218</sup> E] *Falta em A.*

<sup>219</sup> E] *Falta em A.*

<sup>220</sup> hy maior] *G ahi moor*

<sup>221</sup> homem] *Falta em G.*

<sup>222</sup> de cuidar *que*] *A que*

<sup>223</sup> Fidalgos fallão de segredo] *G fidalgos de segredo tratã*

<sup>224</sup> e] *Falta em A.*

<sup>225</sup> hirem] *A e irem*

<sup>226</sup> ás] *E as*

<sup>227</sup> têm] *E tem*

<sup>228</sup> trancendais] *G trazendo E traulcendeis*

<sup>229</sup> do] *A no*

<sup>230</sup> e] *A e achais G e achar*

que se pode<sup>231</sup> escusar outro Foão. E que Foão algũas calidades tem, mas<sup>232</sup> que nas cousas da guerra não pode ser bom juis. Outro<sup>233</sup> dizeis *que* falla bem<sup>234</sup> porem que hé mais eloquente *que* discreto. E que algũs andam de fora engeitados<sup>235</sup> *que* serião mais *pera* isso *que* os de dentro. E por derradeiro affirmais *que* se ElRey se aconselhasse cõ escudeiro[s]<sup>236</sup> seria cousas<sup>237</sup> do Ceo. Achais *que* a guerra cõ França seria proveitosa, e necessaria, e que a desvia quem a teme, assi<sup>238</sup> tratais hũs com outros da<sup>239</sup> governança do Reyno como se fosseis partes n'elle<sup>240</sup>. Revolveis todos os Estados, quereis correger o Mundo cuidando que sois gente<sup>241</sup>. Se vos acucalais\*<sup>242</sup> sete ou oito, hé a setença tanta á custa da Fidalguia *que* nunca accabais<sup>243</sup> em al\*, tomais hum candieiro de azeite, no meo, e sobre meo alqueire\* de castanhas assadas, té que não dais com a matula\* em seco e vos não deixa ás escuras, não deixais a prática\*.

*Escudeiro*: Ora vedes<sup>244</sup>, isso era<sup>245</sup> o que vos dizia, que de sentirdes que vos sentimos vos não fica paciencia, quereis ter as obras á vossa vontade, e não quereis *que* vo las grozem\*, quereis vos soberanos em tudo, e de aver quem o estranhe não o podeis consentir<sup>246</sup>. Tomais por inimigo o ferro de hũa lança, como se vos fizesse por quê<sup>247</sup>. Os que isto mais têm, são os que se criarão<sup>248</sup> entre elles. E quanto<sup>249</sup> mais chegados

---

<sup>231</sup> pode] P podes *com s cancelado*.

<sup>232</sup> mas] G mais

<sup>233</sup> pode ser bom juis. Outro] G A outro

<sup>234</sup> bem] G mais digo bem

<sup>235</sup> engeitados] G encitados

<sup>236</sup> escudeiro[s] P Escudr<sup>o</sup> *Lemos por A, G e E*.

<sup>237</sup> cousas] A E cousa

<sup>238</sup> assi] A G assy ã

<sup>239</sup> da] A na

<sup>240</sup> partes n'elle] G parte nella

<sup>241</sup> assi tratais hũs com outros da governança do Reyno ... cuidando que sois gente] *Falta em E*.

<sup>242</sup> acucalais] G acogulais

<sup>243</sup> accabais] A falais

<sup>244</sup> vedes] *Falta em G e C*.

<sup>245</sup> era] G he

<sup>246</sup> e de aver quem o estranhe não o podeis consentir] A e ha de aver quẽ o não estranhe? não o podeis consentir.

<sup>247</sup> quereis vos soberanos em tudo ... como se vos fizesse por quê] *Falta em C*.

<sup>248</sup> criarão] A crião G criam

<sup>249</sup> mais têm, são os que se criarão entre elles. E quanto] C sentem mais são os

a Escudeiros lhes<sup>250</sup> parece<sup>251</sup> que são, mais os<sup>252</sup> vedes praguejar<sup>253</sup>; queixão se do que lhe doe<sup>254</sup>, *que* isto<sup>255</sup> hé natural<sup>256</sup> de qualquer doença. Aos Princeses e *Senhores* e algũs<sup>257</sup> Fidalgos tão<sup>258</sup> nobres, a que este receio não /297r/ chega, vê los eis mais desviados desta dor. Agazalhão nos<sup>259</sup> comsigo<sup>260</sup>, favorecem nos<sup>261</sup> no que podem, porque se não temem do que vós outros vos temeis. E daqui<sup>262</sup> vem algũs *Senhores* deste Reyno praguejarem de Escudeiros, porque andão todos de hum<sup>263</sup> lote<sup>264</sup>. E mais quero *que* saibais, e com isto me despido<sup>265</sup>, que este nome de Escudeiro só os Princeses<sup>266</sup> usão d'elle, que cos<sup>267</sup> mais são companheiros. E d'aqui se fizerão elles, *que* hoje em dia se costuma em muitas partes. E<sup>268</sup> nesta nossa Espanha e<sup>269</sup> espicialmente em<sup>270</sup> Castella, os irmãos acompanhar, e servir<sup>271</sup> seus irmãos, e<sup>272</sup>

---

<sup>250</sup> lhes] *A* lhe

<sup>251</sup> parece] *G* parecem

<sup>252</sup> os] *G* e os

<sup>253</sup> lhes parece que são, mais os vedes praguejar] *C* e cudão q̄ são mais e asim

<sup>254</sup> do que lhe doe] *E* daqueles de q̄ se doem

<sup>255</sup> *que* isto] *C* q̄ isto q̄ isto

<sup>256</sup> natural] *A* o natural

<sup>257</sup> Aos Princeses e *Senhores* e algũs] *G* Os pricipes e os sôres e os *C* os princepes e os s<sup>os</sup> dos

<sup>258</sup> tão] *E* que são

<sup>259</sup> nos] *P E G e C* uos *Lemos segundo A.*

<sup>260</sup> comsigo] *E* com fogo

<sup>261</sup> nos] *P E G e C* uos *Lemos segundo A.*

<sup>262</sup> daqui] *P* q̄ daqui, *com q̄ cancelado.*

<sup>263</sup> porque andão todos de hum] *A* andando todos em hum *G* andando todos num

<sup>264</sup> porque se não temem do que ... todos de hum lote] *E* porque se não temem do que ... todos de hum cote. *Falta em C.*

<sup>265</sup> me despido] *C* côlno

<sup>266</sup> Princeses] *E* Reys, & Princeses

<sup>267</sup> cos] *A* os *E* com os *G e C* cõ os

<sup>268</sup> *E*] *Falta em C.*

<sup>269</sup> *e*] *Falta em G.*

<sup>270</sup> e espicialmente em] *C* principal mente en

<sup>271</sup> acompanhar, e servir] *G* acompanhar, e seruirem *C* acõpanharem eservirem a

<sup>272</sup> *e*] *Falta em A.*

hũs parentes outros parentes, e serem mantidos d'elles<sup>273</sup>. E d'aqui se vay de pay a *filho* e de *filho* a neto, arredando se<sup>274</sup> parentesco<sup>275</sup>, e ficão<sup>276</sup> lhe em Escudeiros nascendo<sup>277</sup> todos de hũ tronco. E muitas vezes os mais afinados<sup>278</sup> em sangue<sup>279</sup> vêm acompanhar outros de menos<sup>280</sup> qualidade, porque tiverão mais que elles. Se<sup>281</sup> não costumais de ler gastai o tempo n'isso e achareis o *que* vos digo<sup>282</sup>.

*Fidalgo*: Esse hé o demo de que<sup>283</sup> me quexo, que vos não queria tão legistas, *que* até o ler vos avia de ser defeso\* por *que*<sup>284</sup> não soubesseis tanto, e já que ahy não há lei que o tolha\*<sup>285</sup>, haviéis<sup>286</sup> de ter alçada ate Amadis<sup>287</sup> e não [hir<sup>288</sup>] mais por diante<sup>289</sup>. Que não he bem que saibais quais são os<sup>290</sup> Fidalgos deste tempo *que*<sup>291</sup> procederão<sup>292</sup> da origem Real e quais procedem de Escudeiros.

*Escudeiro*: Ou de Azemeis\*, ou<sup>293</sup> christãos\* novos<sup>294</sup>.

---

<sup>273</sup> outros parentes, e serem mantidos d'elles] C aos outros

<sup>274</sup> se] A G E o

<sup>275</sup> de *filho* a neto, arredando se parentesco] C a neto, afastando os parentesco

<sup>276</sup> ficão] A fica E ficando C ficarem

<sup>277</sup> nascendo] A ~~d~~ nacendo, com d cancelado. C procedendo

<sup>278</sup> afinados] G C assinalados

<sup>279</sup> em sangue] A em seu sangue *Falta em C*.

<sup>280</sup> menos] A G menor

<sup>281</sup> Se] A E se

<sup>282</sup> em sangue vêm acompanhar outros ... e achareis o que vos digo] C vé a servir aos menores, e he isso porq̃ tem mais dinheiro.

<sup>283</sup> que] C quem

<sup>284</sup> por *que*] A q̃ G C para q̃

<sup>285</sup> e já que ahy não há lei que o tolha] *Falta em C*.

<sup>286</sup> haviéis] A E aueis G haueis

<sup>287</sup> ate Amadis] G ate Madiz *Falta em C*.

<sup>288</sup> hir] *Falta em P e E. Lemos por A e G e C*.

<sup>289</sup> por diante] C adiate

<sup>290</sup> quais são os] A quantos G quaes C quais

<sup>291</sup> *que*] *Falta em A*.

<sup>292</sup> deste tempo *que* procederão] C procedem

<sup>293</sup> Ou de Azemeis, ou] G ou de azemeis, ou C Ou dizeis de

<sup>294</sup> Ou de Azemeis, ou christãos novos] E Ou azemeis, ou doutras piores raças.

Fidalgo: Nem<sup>295</sup> se avia de sofrer *que* as Chronicas<sup>296</sup> onde se as Obras Reaes imprimem<sup>297</sup> se escrevessem de vossas mãos e<sup>298</sup> ainda vos digo [mais<sup>299</sup>] *que* os Chronistas havião<sup>300</sup> de ser de sangue tão apurado que nenhũa raça lhe ficasse de Escudeiro, que d'aqui vem escreverem<sup>301</sup> em seu favor<sup>302</sup>. E se por caso alem<sup>303</sup>, ou na guerra de Castella lhe fezerão<sup>304</sup> fazer<sup>305</sup> algum feito, gastão n'elle todo hum quaderno<sup>306</sup>, como<sup>307</sup> na Chronica d'elRey dom Afonso o<sup>308</sup> do Sallado, está hum<sup>309</sup> Gonçalo Roiz Ribeiro e<sup>310</sup> outro Foão que em Castella venceu os torneos<sup>311</sup> na Corte, e matou o Lusão<sup>312</sup> de Foão, que<sup>313</sup> entre os Castelhanos tinha o cume das armas. E isto com mais brosladuras\*<sup>314</sup> que hum caparazão\*, ornando o<sup>315</sup> com taes palavras que por força o fazem ficar grande<sup>316</sup>. Então<sup>317</sup> vós outros quereis ter vida, quereis ler.

---

<sup>295</sup> Nem] A Não

<sup>296</sup> Chronicas] C choronizias Reais

<sup>297</sup> imprimem] C imprimisem

<sup>298</sup> e] *Falta em A.*

<sup>299</sup> [mais]] *Falta em P e C. Lemos por A e G.*

<sup>300</sup> havião] G C deuião

<sup>301</sup> escreverem] C a escrever

<sup>302</sup> Nem se avia de sofrer *que* as Chronicas ... escreverem em seu favor] *Falta em E.*

<sup>303</sup> alem] P ~~alem~~ lem, com llem *cancelado*. G algum E algum escudeiro alem

<sup>304</sup> fezerão] G viram

<sup>305</sup> alem, ou na guerra de Castella lhe fezerão fazer] C lhe viraõ fazer na guerra de Castella

<sup>306</sup> lhe fezerão fazer algum feito, gastão n'elle todo hum quaderno] E fez algum feito sinalado gastais com elle todo o tempo

<sup>307</sup> como] C como se uiio

<sup>308</sup> o] *Falta em A G e C.*

<sup>309</sup> hum] C a hũ

<sup>310</sup> e] *Falta em C.*

<sup>311</sup> torneos] C torneio

<sup>312</sup> Lusão] A buasam G Louçam

<sup>313</sup> que] A G e

<sup>314</sup> brosladuras] A bicos ladaros

<sup>315</sup> ornando o] A ornado G ~~ornando~~ com d *cancelado*.

<sup>316</sup> como na Chronica d'elRey dom Afonso o do Sallado, está ... com taes palavras que por força o fazem ficar grande] *Falta em E.*

<sup>317</sup> Então] E & então

Se achais algũ feito<sup>318</sup> de Fidalgos passais por elle<sup>319</sup> á redea solta. Se<sup>320</sup> chegais a hum<sup>321</sup> destoutros<sup>322</sup> fazeis pausa, dobrais<sup>323</sup> a folha<sup>324</sup>, ajuntais a vizinhança. Não vos fallece\* se não<sup>325</sup> fazer bolsa\* *pera* ser mais hũs por outros do *que* são os christãos\* novos. Achais<sup>326</sup> hum João Afonso que matou três mouros /297v/ em campo, ou outro João<sup>327</sup> Esteves<sup>328</sup> *que* axorou\* hũa fusta\* entre Cepta e Gibaltar<sup>329</sup>, ou<sup>330</sup> hum João Pacheco *que* em Castella prendeo o Arcebispo de Toledo, tomais os oculos<sup>331</sup> na mão, e<sup>332</sup> em ves de o ler<sup>333</sup> aos circunstantes, pregais lho<sup>334</sup>. E então<sup>335</sup> achais que daquelles se fez a Casa de Benavente, o Marquezado de Vilhena<sup>336</sup>, o<sup>337</sup> Ducado de Albuquerque<sup>338</sup>, e doutro bastardo<sup>339</sup> o<sup>340</sup> de Medina Sidonia, *que* em honra procede *muitos* ou quasi todos<sup>341</sup>, e em<sup>342</sup> Italia o Condado de Pero Navarro. Trazeis ao<sup>343</sup>

---

<sup>318</sup> e matou o Lusão ... quereis ler. Se achais algũ feito] *C* e achais algũ gosto

<sup>319</sup> elle] *A* elles

<sup>320</sup> Se] *C* e

<sup>321</sup> hum] *A C* algum *G* alguem

<sup>322</sup> destoutros] *C* dos uosos

<sup>323</sup> dobrais] *P* drobrais *Lemos por A, G, E e C.*

<sup>324</sup> a folha] *C* falla

<sup>325</sup> fallece se não] *C* falta mais q̃

<sup>326</sup> *pera* ser mais hũs por outros do *que* são os christãos novos. Achais] *C* e sois hũs p<sup>a</sup> os outros como judeus, e se achais

<sup>327</sup> ou outro João] *A* hum a<sup>o</sup>

<sup>328</sup> Afonso que matou três mouros em campo, ou outro João Esteves] *G* Afonso Esteues *C* joaõ Afonso esteues

<sup>329</sup> Gibaltar] *A* Gibraltar *G* gibraltar

<sup>330</sup> ou] *A* e

<sup>331</sup> oculos] *C* rolos

<sup>332</sup> e] *Falta em A.*

<sup>333</sup> em ves de o ler] *G* em vez de dardes *Falta em C.*

<sup>334</sup> lho] *G* lhos *C* lhe

<sup>335</sup> E então] *P* e entaõ q̃ *A* então

<sup>336</sup> o Marquezado de Vilhena] *G* O marques *C* ou marques

<sup>337</sup> o] *C* ou

<sup>338</sup> Albuquerque] *C* alenquer

<sup>339</sup> doutro bastardo] *C* doutros Bastardos

<sup>340</sup> o] *Falta em G e C.*

<sup>341</sup> todos] *G* a todos *E* todas

<sup>342</sup> *muitos* ou quasi todos, e em] *C* a m<sup>to</sup> de

<sup>343</sup> ao] *G* a

bailo\*<sup>344</sup> Antonio de Leiva *que* de pobre Escudeiro veo a tamanho nome, e tão alta veneração. Não vos<sup>345</sup> esquece o<sup>346</sup> Senhor La[r]cão<sup>347</sup> *que* de soldado chegou a quinze<sup>348</sup> contos de renda. E Andre Doria *que* tambem de pouco veo a muito<sup>349</sup>. E<sup>350</sup> achais *que* de Cosmo de Medices se fizerão muitos Princepes em Italia, e *que* os mais<sup>351</sup> dos Summos Pontifices<sup>352</sup> *que* depois<sup>353</sup> governarão a Igreja de Deus forão e procederão d'elle<sup>354</sup>. E *que*<sup>355</sup> do mesmo tronco sahio Alexandro<sup>356</sup> *primeiro*<sup>357</sup> Duque de Florença, genro do Emperador [e *que* finalmente delle procedem oje Reis christãos<sup>358</sup>], e *que* o grão Mestre *que* agora hé em França, e o Almirante<sup>359</sup> chegarão por suas obras a tamanhos estados, sendo á pouco tão pobres escudeiros. Até<sup>360</sup> o Conde Dom Nuno Alveres<sup>361</sup> *que* deixou o Estado<sup>362</sup> de Bragança, quereis<sup>363</sup> *que* tivesse hum<sup>364</sup> quarto disso. E dais por prova d'isso<sup>365</sup> a capella dos Corvos<sup>366</sup> *que* está em Evoramonte<sup>367</sup>, feita por João *Gonçalvez* Barbadão seu avô. E *que*<sup>368</sup> por esta razão

---

<sup>344</sup> ao bailo] *C* a bailla a

<sup>345</sup> vos] *C* me

<sup>346</sup> o] *C* do

<sup>347</sup> La[r]cão] *P A* lacaõ *G* Larcam *E* Alarcão *Lemos segundo C*.

<sup>348</sup> quinze] *C* quinhentos

<sup>349</sup> de pouco veo a muito] *C* veo de proseo a muito

<sup>350</sup> E] *Falta em A*.

<sup>351</sup> mais] *A* m<sup>tos</sup>

<sup>352</sup> dos Summos Pontifices] *C* do summo pontificy

<sup>353</sup> depois] *Falta em C*.

<sup>354</sup> forão e procederão d'elle] *A* delle procederão *G* procederam delle *C* procederaõ delle

<sup>355</sup> *que*] *Falta em G e C*.

<sup>356</sup> Alexandro] *G C* Alexandre

<sup>357</sup> *primeiro*] *P* p<sup>hr</sup>º *com l* cancelado.

<sup>358</sup> [e *que* finalmente delle procedem oje Reis christãos] *Falta em P G E e C. Lemos segundo A*.

<sup>359</sup> Almirante] *E* Almirante daquele Reyno

<sup>360</sup> e *que* finalmente delle procedem ... sendo á pouco tão pobres escudeiros. Até] *C* e atee

<sup>361</sup> Dom Nuno Alveres] *A* Nuno alürz p<sup>ra</sup>

<sup>362</sup> o Estado] *C* a casa

<sup>363</sup> quereis] *C* querereis

<sup>364</sup> hum] *G* algum *C* algun

<sup>365</sup> d'isso] *Falta em G*.

<sup>366</sup> Corvos] *G C* cornos

<sup>367</sup> Evoramonte] *C* euora

<sup>368</sup> E *que*] *Falta em A*.

há hy muitos *que* se desprezão de Pereiras<sup>369</sup>. Então<sup>370</sup> daqui provais *que* a mais da Fidalguia procede de Escudeiros, e a menos de Reys e não vos lembra que tem isto outros descontos *que* vos eu<sup>371</sup> não quero dar por não gastar mal o tempo. Sei vos dizer *que* se vos não tirarem o ler *que* não averá quem vos sofrá, e se pera regimento\* da Republica hé forçado *que* algũs<sup>372</sup> escrevão, consinto *que*<sup>373</sup> *pera* tabaliães os dexem aprender<sup>374</sup>.

Escudeiro: Não hé muito que vos peze de nós escrevermos<sup>375</sup> tam bem, pois o vós fazeis tão<sup>376</sup> mal, *que* até não saber bem escrever<sup>377</sup> is achar<sup>378</sup> que hé Fidalguia, e não aveis dó d'ella em a querer autorizar com aquillo<sup>379</sup> *que* em toda a pessoa hé tacha\*, mas quisera *que* a troco de quantos Princepes me nomeais *que*<sup>380</sup> se fizerão de Escudeiros, *que* desseis<sup>381</sup> hum par<sup>382</sup> *que* se fisessem<sup>383</sup> de Fidalgos<sup>384</sup>, e com tudo pois o que eu tinha<sup>385</sup> *pera* dizer por mim, o<sup>386</sup> dissestes vós *primeiro*, não tenho que vos responda<sup>387</sup>, senão agradecer vo lo.

---

<sup>369</sup> Até o Conde Dom Nuno Alveres que deixou o Estado ... Barbadão seu avô. E que por esta razão há hy muitos que se desprezão de Pereiras] *E E* não parais aqui, que ate neste Reyno pondez tacha a algũas casas illustres delle, *Falta em C a última frase.*

<sup>370</sup> Então] *G* e *ẽ*tao *E* & então *C* e entao

<sup>371</sup> eu] *Falta em C.*

<sup>372</sup> algũs] *C* algũ

<sup>373</sup> consinto *que*] *C* de cõtino

<sup>374</sup> Sei vos dizer que se vos não tirarem ... *pera* tabaliães os dexem aprender] *Falta em E.*

<sup>375</sup> escrevermos] *E* lermos, & escreuermos

<sup>376</sup> fazeis tão] *A* fazei[†]am

<sup>377</sup> escrever] *E* ler, & escreuer

<sup>378</sup> is achar] *A* his a [†]*C* Achais

<sup>379</sup> aquillo] *A* aquillo em

<sup>380</sup> *que*] *Falta em A.*

<sup>381</sup> desseis] *A* dissésseis *G* deis

<sup>382</sup> par] *Falta em G.*

<sup>383</sup> fisessem] *G* fizesse

<sup>384</sup> hé tacha, mas quisera que a troco ... se fisessem de Fidalgos] *C* esta mal

<sup>385</sup> tinha] *C* tenho

<sup>386</sup> por mim, o] *Falta em G e C.*

<sup>387</sup> responda] *G C* dizer



Fidalgo: Ora fallemos em al<sup>388</sup>, tende ahy o<sup>389</sup> ponto, já sei que sois elegante, tendes<sup>390</sup> boa eloquencia, por isso mudemos a prática\*. Hé horas<sup>391</sup> de cavalgar, tenho a mula á porta. Moço, toma esse rabo! E<sup>392</sup> perdoai me<sup>393</sup> que vou diante. Que vos custou esse<sup>394</sup> cavallo?

Escudeiro: Cincoenta<sup>395</sup> crusados\*.

Fidalgo: Que certeza lançar se<sup>396</sup> /298r/ bem, pôr se<sup>397</sup> sobre as pernas, parar á<sup>398</sup> risca, fazer misuras\* e<sup>399</sup> estar em ponto de<sup>400</sup> saltar por amor d'elRey de França, como cachorro<sup>401</sup> de cego. Ora, *Senhor*<sup>402</sup>, isto hé já terreiro<sup>403</sup>, ve[e]m nos as Damas, passeai<sup>404</sup> com outrem. E<sup>405</sup> perdoai me esta discortezia e<sup>406</sup> em casa fazei me<sup>407</sup> o que quiserdes.

Fim.

---

<sup>388</sup> em al] C de outra cousa

<sup>389</sup> tende ahy o] A tende hi G atee hy C ate quy

<sup>390</sup> tendes] C entendes

<sup>391</sup> Hé horas] G E He hora C e he ora

<sup>392</sup> E] *Falta em A.*

<sup>393</sup> me] *Falta em C.*

<sup>394</sup> esse] C o

<sup>395</sup> Cincoenta] C quinhentos

<sup>396</sup> lançar se] C lansa ce

<sup>397</sup> se] G sy C isso

<sup>398</sup> parar á] C pará a

<sup>399</sup> e] *Falta em A.*

<sup>400</sup> fazer misuras e estar em ponto de] *Falta em C.*

<sup>401</sup> amor d'elRey de França, como cachorro] C elRey de frança e para pollo arco como perro

<sup>402</sup> *Senhor]* *Falta em C.*

<sup>403</sup> terreiro] G C sereno

<sup>404</sup> passeai] C pasear

<sup>405</sup> E] *Falta em A.*

<sup>406</sup> me esta discortezia e] C q̄ estou de preca

<sup>407</sup> fazei me] C farey



# Colóquio segundo

Edição de Ana Sofia Laranjinha



Dialogo. 2º. Interlocutores  
Cavaleiro e Doutor<sup>1</sup>

*Cavaleiro*: Beijo as mãos a *Vossa Mercê*.

*Doutor*: As suas<sup>2</sup>; que manda, *Senhor*<sup>3</sup>?

*Cavaleiro*: Sente se *Vossa Mercê* que eu venho mais de vagar.

*Doutor*: Veja o que<sup>4</sup> quer, *Senhor*, que eu estou hum pouco occupado.

*Cavaleiro*<sup>5</sup>: Ora, *Senhor*. Sente se por ma fazer e ouça me que não quero mais de duas palavras.

*Doutor*: *Senhor*<sup>6</sup>, cubra que eu estou bem, assi em pé lhe ouvirei o que mandar e ir se há logo.

*Cavaleiro*: De maneira que quereis *que* falle em pé.

*Doutor*: *Senhor*, si.

---

<sup>1</sup> Dialogo. 2º. Interlocutores | Cavaleiro e Doutor] ~~P Colloquio de Caualeiro e Doutor pelo mesmo Autor~~ Adota-se a forma entrelinhada pela mesma mão a tinta diferente. A Colloquio feito por Francisco? de Moraes de hum cavalleiro e hum letrado G Colloquio de hũ cavaleiro cõ hũ doutor en que disputão sobre quais tem mais merecimento, se as armas, se as Letras E DIALOGO SEGVNDO. Interlocutores Caualleiro, & Doutor

<sup>2</sup> suas] A de *Vossa Mercê*

<sup>3</sup> *Senhor*] P Sro

<sup>4</sup> Veja o que] G Veja que

<sup>5</sup> Acrescentado na entrelinha superior pela mesma mão.

<sup>6</sup> *Senhor*] Falta em G.

*Cavaleiro*: Nisto se enxerga que não há leis<sup>7</sup> que ensinem cortezias, e bem fora<sup>8</sup> que ouvera algũa que mandara que hum Doutor depois de vinte annos de Sena trilhara o Paço três ou quatro, *pera* saber o uzo d'ellas. Mas anda a cousa de sorte que<sup>9</sup> por ellas lhe entregão<sup>10</sup> o Mando e encarnão se\* de *maneira*<sup>11</sup> que quando se ve[e]m<sup>12</sup> mudados, não conhecem Rey nem Roque\*.

*Doutor*: Parece me isso mais modo de briga *que* de negoceo. Hora agora vos assentai, e dir vos ei<sup>13</sup> que cousa hé ministro<sup>14</sup> da Justiça, que cuido *que* o<sup>15</sup> não sabeis. Moço, dá quá hũa cadeira. Dizei me, *Senhor*, quem vos parece que tem mais merecimentos<sup>16</sup> ante a *Magestade* Real, a Fidalgui[a] ociosa exercitada em<sup>17</sup> vaidades ou aquelles que por sua discrição e letras sustentão o Reyno en<sup>18</sup> tranquillidade e paz, e<sup>19</sup> ministrão Justiça igualmente, não dexão perecer<sup>20</sup> os pequenos, sometem os grandes ao uso de razão<sup>21</sup>, castigão os errados, absolvem os inocentes, punem<sup>22</sup> todo<sup>23</sup> genero de maleficios<sup>24</sup>, por onde devem de ser<sup>25</sup> avidos por mais de<sup>26</sup> homẽs, pois segundo sentença do Philosopho castigar os maos hé galardão que se dá a bons<sup>27</sup>. Finalmente são esteios do Reyno, *que* mediante seu regimento e obras, o Rey fica temido dos maos

---

<sup>7</sup> há leis] *AG* ha hi leis

<sup>8</sup> bem fora] *G* boom fora

<sup>9</sup> que] *P* que ~~sem el~~

<sup>10</sup> por ellas lhe entregão] *A* a elles se lhe entrega

<sup>11</sup> encarnão se de *maneira*] *A* encarna se de maneira nelle

<sup>12</sup> se ve[e]m] *G* vem

<sup>13</sup> dir vos ei] *P* dir uos ei (doutor)

<sup>14</sup> ministro] *A* doctor ministro *G* doutor ministro

<sup>15</sup> que cuido *que* o] *G* que o

<sup>16</sup> merecimentos] *G* merecimento

<sup>17</sup> em] *E* com

<sup>18</sup> en] *A* em sua

<sup>19</sup> paz, e] *G* paz

<sup>20</sup> perecer] *E* padecer

<sup>21</sup> uso de razão] *P* vso de ~~e~~-razão *AG* jugo da razão *E* vso da razão

<sup>22</sup> punem] *P* castigão

<sup>23</sup> todo] *GE* todo o

<sup>24</sup> maleficios] *P* ~~beneficios~~-maleficios

<sup>25</sup> devem de ser] *G* devem ser

<sup>26</sup> de] *G* *que*

<sup>27</sup> a bons] *P* aos bons *G* aos bõos &

e amado<sup>28</sup> dos bõos, e o seu estado pacifico e quieto, com gloria triumphante dos outros, em cujos Reynos a Justiça menos se guarda<sup>29</sup> ou as letras menos<sup>30</sup> se estimão.

*Cavaleiro*: Bem vem o Senhor Doutor e cuidará<sup>31</sup> que mata a braza\*, bem estou com essas razões se as obras as seguissem, mas quantas e quantas vezes condenais os inocentes e absolveis<sup>32</sup> os culpados. E então se vos quer culpar alguém /298v/ lá tendes razões\* coradas com que tudo fazeis chão. Em fim sois tintureiros, dais a cor como quereis e se se vos queixa alguém<sup>33</sup>, dizeis lhe<sup>34</sup>: «queixai vos de Bartolo que a sua ley vos condena».

*Doutor*: Pois homem hé esse cuja autoridade se guarda em qualquer parte.

*Cavaleiro*: Verdade hé, mas se El Rey de Fez poem cerco a Marzagão, suas leis não o descercão<sup>35</sup>, ainda *que* sejam sustentadas com alvarás da Relação, verificados por todo o Senado da Meza da Suplicação.

*Doutor*: Pois<sup>36</sup> isso hé fora de<sup>37</sup> jurdição\* e carece<sup>38</sup> do intendimento de nossa lingoagem, e d'ahi vem não os<sup>39</sup> guardarem. Mas comtudo falemos á bem de feito qual<sup>40</sup> vos parece de mais merecimento<sup>41</sup> ante Seu Rey, aquelles *que* por armas vão conquistar o alheo, ou os outros *que* sem ellas sustentão o Reyno em perpetua concordia, e por pura discrição, sem derramamento de<sup>42</sup> sangue, se deffendem dos imigos, são chamados pays da Patria?

---

<sup>28</sup> e amado] *G* amado

<sup>29</sup> a Justiça menos se guarda] *P* menos a Justiça se guarda

<sup>30</sup> menos] *PG* pouco

<sup>31</sup> cuidará] *A* cudara *E* cudara

<sup>32</sup> e absolveis] *AG* por absolver

<sup>33</sup> alguém] *G* algum

<sup>34</sup> dizeis lhe] *G* dizeis

<sup>35</sup> o descercão] *G* no desercarão

<sup>36</sup> pois] *E* por

<sup>37</sup> de] *G* da

<sup>38</sup> carece] *P* carecem *Lemos por A e G*

<sup>39</sup> os] *G* nos

<sup>40</sup> qual] *G* quem

<sup>41</sup> merecimento] *G* ãtendimento, digo merecimento

<sup>42</sup> derramamento de] *A* derramar nenhũ *G* derramar

*Cavaleiro*: Perguntem no aos Africanos e vereis o *que* respondem, que gastão seus patrimonios em acudir a qualquer afronta e se o assi não fizessem já o Mulei Abrahé viera<sup>43</sup> jantar com elles mais de dous pares de veses. Estes me parecem a mim dignos de mais<sup>44</sup> *mercê* e honra, pois por deffensa<sup>45</sup> da Pátria e serviço do<sup>46</sup> seu Principe, offerecem as vidas á morte e trazem [os corpos<sup>47</sup>] assinados das armas de seus imigos e as mãos calejadas de pelejar.

*Doutor*: Até nisso<sup>48</sup> me confessais ventajem, e sabeis como? Naquisto vos dir[e]<sup>49</sup>. Confesso *que* esses pellejão, mas quem os fás pellejar senão o Regimento das letras esparzido nas Provincias, *que* a virtude não hé perfeita em quanto o fim da execução não chega. Quero vos<sup>50</sup> dizer *que* os animos desviados<sup>51</sup> de si<sup>52</sup> mesmos, hũs quererião ir, outros queririão ficar, mas aqui suprem os Ministros da Justiça presidentes nos lugares, *que* a causa virtuosa<sup>53</sup>, ou ao menos necessaria fazem pôr<sup>54</sup> em execução. E não sei porque<sup>55</sup> a vitoria não hé antes destes *que* a fazem alcançar<sup>56</sup>, *que* dos outros *que* a alcanção, pois está claro *que* a disquirição\* de hũs fês ganhar a fama aos outros<sup>57</sup>.

*Cavaleiro*: Bem aviado estaria quem com palavras esperasse vencer vos. Hũa *mercê* me fizesse *Deus* e morresse logo *que* visse hum batalhão<sup>58</sup> de Turcos e hũ<sup>59</sup> de Doutores, pera ver como passavão. O Conde do Redondo com duzentas lanças desbaratou dous<sup>60</sup> mil e nenhũ dos imigos sabia letras, *que* se todos forão letrados

---

<sup>43</sup> o Mulei Abrahé viera] *A* Mule Abray viera *G* os mouros vierão

<sup>44</sup> dignos de mais] *G* dignos de maior

<sup>45</sup> deffensa] *A* defensão

<sup>46</sup> do] *AG* de

<sup>47</sup> os corpos]] *Falta em P. Lemos por A e G*

<sup>48</sup> nisso] *G* nisto

<sup>49</sup> que vos dir[e]] *P* uos dir *Fim de linha ilegível. Lemos por A e G*

<sup>50</sup> quero vos] *G* quero

<sup>51</sup> desviados] *AG* desguiados

<sup>52</sup> si] *P* sis *Lemos por A, G e E.*

<sup>53</sup> virtuosa] *E* venturosa

<sup>54</sup> fazem pôr] *G* faz poer

<sup>55</sup> porque] *P* ~~que~~ porque

<sup>56</sup> que a fazem alcançar] *Falta em E.*

<sup>57</sup> a fama aos outros] *AG* fama aos outros *E* a fama a outros

<sup>58</sup> batalhão] *E* baralhão

<sup>59</sup> hũ] *AG* outro

<sup>60</sup> dous] *E* duas



pundera<sup>61</sup> desbaratar cem mil e o feito não fora grande. Em fim Hanibal cõ cento e tantos mil homẽs<sup>62</sup> passou os Alpes; se entre eles assertarão de ir três Doutores nunca os passara; lá derão tantas razões e sustentadas cõ [tanta<sup>63</sup>] autoridade, *que* fizerão o perigo certo e a batalha<sup>64</sup> duvidosa. O caso hé *que* por elles se disse: «Razona bien del Arnes mas vistalo quién quiziere<sup>65</sup>». Duas calidades de homẽs acho<sup>66</sup> *que* matão mais homẽs *que* quantas guerras civis<sup>67</sup> /299/ se podem levantar: Doutores e Phisicos, cada hũ por sua via, qualquer genero destes hé mais perigozo na paz *que* os inimigos na guerra, *porque* dos hũs deffendeis vos e aos outros entregais vos, e então aonde cuidais *que* achais<sup>68</sup> remedio pera a vida achais a condenação d'ella<sup>69</sup>.

*Doutor*: Vejo vos tão ufano de cuidar *que* fallais bem *que* isso me fás soltar as redeas á pratica\*<sup>70</sup>, *que*<sup>71</sup> eu não quizera per não injuriar as letras; *que* não podem ellas receber mais detrimento *que* dar<sup>72</sup> vos azo a cuidar *que* disputais. Sabeis quamanho\* hé o preço<sup>73</sup> de hũ letrado virtuoso, jubilado no mandar, *que* não tem comparação. Hũ de vós outros, se pelleja, pelleja por si só, mas o Doutor *que* governa, pelleja por todo o povo<sup>74</sup>. E daqui veo aos<sup>75</sup> Athenienses estimarem mais o concelho de Solon *que* a[s] vitorias<sup>76</sup> de Themistocles<sup>77</sup>, *porque* a hũa ainda *que* glorioza teve o fim acelerado<sup>78</sup>, e o outro ainda *que*<sup>79</sup> de menos fama aproveitará perpetuamente. Maior

---

<sup>61</sup> pundera] G poderão

<sup>62</sup> homẽs] AG homẽs darmas

<sup>63</sup> [tanta] *Ilegível (fim de linha). Lemos por A, G e E.*

<sup>64</sup> batalha] AG passagem

<sup>65</sup> mas vistalo quién quiziere] A e vista o quen quiser G mas vistelo. Quen quiser

<sup>66</sup> de homẽs acho] A de homẽs achão G dome a dio

<sup>67</sup> civis] A cruéis

<sup>68</sup> achais] AG buscais

<sup>69</sup> d'ella] *O texto do manuscrito A termina aqui.*

<sup>70</sup> pratica] E prarica

<sup>71</sup> *que*] G cousa *que*

<sup>72</sup> dar] G a dar

<sup>73</sup> preço] G pezo

<sup>74</sup> por todo o povo] G por vos outros E per todo o povo

<sup>75</sup> veo aos] G deo os

<sup>76</sup> a[s] vitorias] G a victoria

<sup>77</sup> Themistocles] G Themistodes

<sup>78</sup> acelerado] G ascreando

<sup>79</sup> ainda *que*] G posto *que*

gloria merece Catão por desterrar com sua sabedoria os vícios de Roma que Scipião pello vencimento de Carthago. Olhay os Antigos se fazião mais memoria de hum philosopho só *que* de trinta capitães juntos. Pois se errarão, nas obras lho sentireis.

*Cavaleiro*: Já sei que por demais são razões: estas são as armas cõ *que* sempre pellejastes, e por isso não hé  *muito* que vençais quem<sup>80</sup> se dellas não aproveita. Mas faço vos hũa aposta: se vos virdes em hum campo razo cercado de mil<sup>81</sup> mouros, que vistais as couraças\* ás avessas<sup>82</sup> e<sup>83</sup> *que* não saibais de *que* metal são as laminas, e *que* vos não tire Baldo as borbeletas de ante os<sup>84</sup> olhos. Ah, *Senhor* Doutor, que nunca vos vistes com cem bombardas\* grossas assestadas\*<sup>85</sup> nesses peitos e as faces amarellas como cera, a<sup>86</sup> chamar pella Virgem Maria e não achar quem vos acuda e<sup>87</sup> ter a Salvação no fugir, desemparar vos<sup>88</sup> a vista de todo, ouvir<sup>89</sup> gritar *que* racha<sup>90</sup> os Ceos e achais os pés peados\* e travados. Quão longe de vós então lembrar Codigo\*, Digesto\* nem outros<sup>91</sup>, escusados na paz *pera* fazer guerra a  *muitos* *que* a não merecem. Pellejais nas audiencias onde sois superiores, quereis vos tratados como gente sagrada, e pondes<sup>92</sup> o mesmo nome á meza onde condenais.

*Doutor*: Ja vejo *que* estais mais perto de Orador *que* de outra cousa; agora ei por bem empregado meu tempo<sup>93</sup> em vos responder. Se quando aqui entrastes vos tratei com menos cortezia do *que* essa oratoria merece, perdoai me, *que* não cuidei *que* ereis mais que fidalgo ou cavaleiro. E com tudo não saindo do preposito, quero que saibais *que* os medos *que* propondes menos medo farão em hũ doutor *que* em outro qualquer homem. E quereis ver a razão? Senti o que vos disser. Quem tem o juizo

---

<sup>80</sup> quem] G a quem

<sup>81</sup> mil] G dez mil

<sup>82</sup> as avessas] G aas azavessas

<sup>83</sup> e] *Falta em G.*

<sup>84</sup> de ante os] G dante os E de diante dos

<sup>85</sup> assestadas] E assentadas

<sup>86</sup> a] *Falta em G. E &*

<sup>87</sup> e] *Falta em G.*

<sup>88</sup> vos] ~~os~~ uos (~~a-na~~ *entrelinha superior*) G desemparar vo la

<sup>89</sup> de todo, ouvir] G de todo o ouvir

<sup>90</sup> racha] G rache

<sup>91</sup> outros] G outros textos

<sup>92</sup> e pondes] G pondo

<sup>93</sup> tempo] G tempo gastado

claro pera conhecer o medo<sup>94</sup> antes que se veja nelle, supoem<sup>95</sup> *que* há de passá lo<sup>96</sup>, e daqui vem ir já tão acautelado que quando o temor chega<sup>97</sup> [o] acha<sup>98</sup> tão apercebido *que* se não enxerga nelle, e os outros em quem se isto não acha, nace lhe de não conciderar<sup>99</sup> as cousas antes *que* ellas aconteção. Assi que por aqui<sup>100</sup> vos provo *que* de necessidade hũ<sup>101</sup> *muito* bom<sup>102</sup> letrado há de ser bom<sup>103</sup> cavaleiro.

*Cavaleiro*: Ha, domine doutor, como repicais\* em salvo! *Que* boa razão me dais se naquelle tempo /299v/ ouvesse<sup>104</sup> razão algũa. Ora quero *que* saibais *que* duas cousas aproveitão no perigo de que tratamos pera o esperar melhor. A hũa e mais principal hé ter o coração animoso, a outra, o costume da pelleja<sup>105</sup>: que o exercicio<sup>106</sup> fás perder o medo, e daqui veo<sup>107</sup> *muitos* per uso serem valentes. Mas quem isto nunca vio não pode ser bom juis do que podera<sup>108</sup> fazer, e por isso se disse *que* o cego nunca julgou<sup>109</sup> bem de cores: gabai vos de bom letrado<sup>110</sup> e deixai estar as armas *pera* quem as exercita.

*Doutor*: Bem se parece *que* nunca lestes quantos Philosophos já forão capitães, e<sup>111</sup> estes pella calidade Philosophal se esperava *que* vencessem ajudando se das armas, porque com a sciencia alcançavão o porvir e antre<sup>112</sup> a esperança dos perigos discernião o menor e conjecturavão os meios *pera* poder<sup>113</sup> alcançar a vitoria e depois

---

<sup>94</sup> medo] *E* modo

<sup>95</sup> supoem] *G* propoem

<sup>96</sup> passa lo] *P* passa(*rasura ilegível*)lo

<sup>97</sup> chega] *G* lhe chega

<sup>98</sup> [o] acha] *Lemos por E.*

<sup>99</sup> nace lhe de não conciderar] *G* nascelhes de não cõsiderarem

<sup>100</sup> por aqui] *G* (por aqui) para que

<sup>101</sup> hũ] *E* o

<sup>102</sup> *muito* bom] *G* boom

<sup>103</sup> bom] *E* muito bõ

<sup>104</sup> ouvesse] *G* ouve

<sup>105</sup> costume da pelleja] *G* exercicio de pelejar

<sup>106</sup> exercicio] *G* costume

<sup>107</sup> veo] *E* vejo

<sup>108</sup> podera] *P* poderá

<sup>109</sup> nunca julgou] *G* não julga

<sup>110</sup> letrado] *P* letrados

<sup>111</sup> e] *Falta em G e E.*

<sup>112</sup> antre] *E* ante

<sup>113</sup> *pera* poder] *E* pata poder

de ter pervisto o *que* podia acontecer, executavão<sup>114</sup> com as armas o *que* as letras determinavão.

Cavaleiro: E quem tolhe *que* esses tais *primeiro que* soubessem letras exercytassem as armas?

Doutor: Tambem pode ser *que primeiro*<sup>115</sup> de exercitar as armas soubessem<sup>116</sup> letras.

Cavaleiro: Isso não confesso eu<sup>117</sup> e sabeis, *Senhor*, porquê? Porque<sup>118</sup> o natural de letrados hé ver o perigo ao longe e quem o vê hé forçado *que* o tema, e onde o temor encarna, o cometimento hé incerto, e daqui veo o Exemplo de «quem não comete\* não vence». Guarde vos *Deus* de animo robusto e<sup>119</sup> costumado a passar medos *que* este tal comete o impossivel e *pera* deixar de o<sup>120</sup> fazer<sup>121</sup> não acha<sup>122</sup> nenhũa escusa. E vós outros ainda *pera* não cometer o possivel tendes alegações<sup>123</sup> com *que* esperais salvar vos ou ficar com menos culpa.

Doutor: Olhay como vindes baxo *que* cuidando *que* acertais dais no vosso mesmo<sup>124</sup> escudo: *que* direis a quantos barões illustres<sup>125</sup> ouve em Roma, letrados por excelencia, por cuja valentia e esforço<sup>126</sup> se someteo ao Jugo Romano toda a redondeza do Mundo, pois por certo ainda *que* nas armas fossem estremados, se a Sabedoria não florecera tanto nelles<sup>127</sup> não he de crer *que* a bem aventurança de Roma chegara a tanto<sup>128</sup> extremo, *que* nunca vimos nem se lê *que* onde<sup>129</sup> o concelho das letras falece, a fortaleza das armas pode<sup>130</sup> permanecer muito.

---

<sup>114</sup> executavão] *G* exercitavão

<sup>115</sup> *primeiro*] *G* âtes

<sup>116</sup> soubessem] *G* soubessem primeiro

<sup>117</sup> eu] *P* eu *rasura ilegível*

<sup>118</sup> porquê? Porque] *E* porque

<sup>119</sup> e] *Falta em G.*

<sup>120</sup> *pera* deixar de o] *E* para o deixar de

<sup>121</sup> fazer] *P* fazer *rasura ilegível*

<sup>122</sup> acha] *G* sabe

<sup>123</sup> alegações] *G* allegacias

<sup>124</sup> no vosso mesmo] *G* no mesmo

<sup>125</sup> illustres] *G* illustrissimos

<sup>126</sup> valentia e esforço] *G* victoria e fortaleza

<sup>127</sup> nelles] *P* nelles *rasura ilegível*

<sup>128</sup> tanto] *G* tamanho

<sup>129</sup> *que* onde] *G* onde

<sup>130</sup> pode] *P* poder

Cavaleiro: Ouvistes vós a Cantiga do<sup>131</sup> «Enganado andais Fernando»? Pois esta vos canto eu em resposta disto tudo<sup>132</sup>. Cuidareis, domine doutor, *que* me tendes derribado<sup>133</sup>; quero *que* saibais *que* agora estou mais em pé, e quero vos render. Camillo e<sup>134</sup> Marcello<sup>135</sup>, *que* fizeram feitos grandes, se<sup>136</sup> os quiserão escrever nem por isso assenteis *que* logo<sup>137</sup> erão Doutores, *que* se o forão, escreverão feitos alheios *porque* de si, quanto<sup>138</sup> na<sup>139</sup> gloria das armas, tiveram mal *que* dizer. Se me dizeis *que* escreveo Cesar seus *Comentarios*, eu assi vo lo confesso. Se *porque* foi em latim quereis *que* fosse Doutor, estais enganado, *que* esta era a sua propria<sup>140</sup> lingoa e escreveo seus feitos nella, como eu farei na nossa o *que* vir fazer a alguem. Em fim, se Cesar fora o *que* vós quereis *que* fosse nem<sup>141</sup> entrara com Amiclas<sup>142</sup> na barca, nem tão pouco Alexandre bebera o vaso de Philippe<sup>143</sup>, nem Judas /300/ Machabeo se metera no trabuco, nem outros por conseguinte fizeram feitos memoriães<sup>144</sup> *que* vós não achareis<sup>145</sup> em Homero, Plutarco, Tito Livio, e outros desta qualidade *que* em ler gastarão seu tempo. Se dizeis *que* as letras região os Romãos. tambem hé bulra\*<sup>146</sup>: *que* mais certo hé *que* se<sup>147</sup> governavão pellos costumes antigos, deixados de seus maiores cuja origem vinha mais de pastores robustos *que* de homens dados a letras. E pella experiencia do passado se sostinhão no<sup>148</sup> presente, e provião no provir<sup>149</sup>;

---

<sup>131</sup> do] G de

<sup>132</sup> disto tudo.] G disso. Todo

<sup>133</sup> derribado] G derrubado

<sup>134</sup> e] *Acrescentado na entrelinha superior com seta na entrelinha inferior*

<sup>135</sup> Camillo e Marcello] G Camillo Marcello e outros

<sup>136</sup> se] G inda *que*

<sup>137</sup> logo] G de todo

<sup>138</sup> quanto] E quantos

<sup>139</sup> na] G aa

<sup>140</sup> esta era a sua propria] G essa era sua propria E essa era a sua próprias

<sup>141</sup> nem] G não

<sup>142</sup> Amiclas] E Amidas

<sup>143</sup> Philippe] G filippo

<sup>144</sup> memoriães] G memoraveis

<sup>145</sup> vós não achareis] P E *que* vos achais *Lemos por G*

<sup>146</sup> bulra] E bulta

<sup>147</sup> se] *Falta em G e E.*

<sup>148</sup> no] E do

<sup>149</sup> no provir] G o por vir

que até Tullio, que nas letras foi unico e<sup>150</sup> na paz governou por excelencia, olhai na guerra<sup>151</sup> que mostras deo de si. Em fim sabej<sup>152</sup>, que tão contrarias são as armas das letras, e dos juizos mui aparelhados a ellas, quanto o hé<sup>153</sup> a guerra da paz. E porem deixando cousas de longe digo, *Senhor* Doutor, que nunca vistes o rosto ao Xarife, que se lho virdes meter vos eis num çapato. Estudais na pousada, metido em berneo\* e pellica\* do carnás\* pera dentro, [fugareiro antre as pernas, cõ prego lançado nelle para que gaste a humidade delle, digo do carvão, não gere a dor de cabeça, carapuça de orelhas com botão de baixo da barba e trinta arratês\* de carapuças de linho por dentro<sup>154</sup>] e temeis vos do sereno\* e sobre tudo rapais\* as unhas e estais condenando. Guarde vos *Deus* de ver capilhar\*<sup>155</sup> no campo, bandeiras despregadas, touca muito foteada\*<sup>156</sup>, azaguaia\* comprida, com fains\* mais agudos e<sup>157</sup> reluzentes que espelhos<sup>158</sup>, e o perro\* que a brande<sup>159</sup> junta lhe<sup>160</sup> o conto cõ a ponta<sup>161</sup>, apegais vos ás comas\*, ourinai\* pela<sup>162</sup> cella, e ouxalá parasse aqui a cousa. E<sup>163</sup> se escapais com vossa honra vindes ao Reyno, entraes em requerimento e primeiro vedes a<sup>164</sup> fim á vida que ao despacho. Tenho me eu com vosco que passais a vossa quieta: as discordias alheas são causa de vosso assossego e por derradeiro sepultais vos em Alvallade com mais ameas que os officiaes da Casa da India. E com isto beijo as mãos a *Vossa Mercê* sem esperar mais talho\*, que<sup>165</sup> bem sei que por razões ei sempre de ir debaxo.

## Finis

---

<sup>150</sup> e] *Falta em G.*

<sup>151</sup> na guerra] *Falta em G.*

<sup>152</sup> Em fim sabej] *P Em fim G Em fim sabej E & emfim. Lemos por G.*

<sup>153</sup> quanto o hé] *G quãto he*

<sup>154</sup> [fugareiro ... dentro]] *Falta em P e E. Lemos por G.*

<sup>155</sup> capilhar] *G capitão*

<sup>156</sup> touca muito foteada] *E touqua muito forcado*

<sup>157</sup> agudos e] *Falta em G.*

<sup>158</sup> que espelhos] *G que os espelhos*

<sup>159</sup> a brande] *G a abrande E o brande*

<sup>160</sup> junta lhe] *G ajũtar lhe*

<sup>161</sup> a ponta] *G o ferro*

<sup>162</sup> pela] *G pola*

<sup>163</sup> E] *G que*

<sup>164</sup> a] *G o*

<sup>165</sup> que] *q rasura ilegível*

# Colóquio terceiro

Edição de Isabel Barros Dias





Dialogo 3.º Interlocutores<sup>1</sup>  
hũa Regateira e hum moço da Estribeira.

*Regateira:* Mano, meu anjo, boa seja a vossa vinda; *que* foi de vós onde andastes *que* tais cabelinhos criastes?

*Moço:* Minha *Senhora*, bejo vossas mãos mil vezes. Folgo tanto de vós como a sombra no verão<sup>2</sup>. Fui por correo a Frandes detivi me lá mil annos; quisera vos escrever mas nunca tive por quem.

*Regateira:* Quantas cartas vos mandei e *que* saudades ião nellas. Creio *que* vo las não derão.

*Moço:* Nunca vi nenhũa desejando as como a vida.

*Regateira:* Pois digo vos que erão as melhores do mundo. Fui ao Pelourinho velho e fes mas Burgos o pequinino *que* crede leva as lampas\* a todos. Pela *primeira* lhe dei cinco *reais*\*. Depois me fes outra<sup>3</sup> por dés *que* levava já mil magoas. Quando veio a de vintem\* ouvereis já dó de mim, escrita de hũa banda e da outra com tinta mais negra *que* hum azeviche\*, *que* era *pera* mover\* as pedras.

*Moço:* Bem hé *que*<sup>4</sup> /300v/ seja isso assi *pera* me pagar a má vida *que* me destes no tempo *que* vos amava. Quando me lembra fas me tamanha saudade que não sei como são vivo. Ia me *muitas* veses á Ribeira ou na praça de Almeirim, parece me *que* o vejo agora, via vos entre as outras parecies *Senhora* dellas vestida de flardinha\*<sup>5</sup> azul com refegos *muito* altos, mantilha tirada da amostra do pano, cingidouro\* de

---

<sup>1</sup> Dialogo 3.º Interlocutores] ~~Coloquio entre.~~ Adota-se a forma entrelinhada pela mesma mão a tinta diferente.

<sup>2</sup> como a sombra no verão] ~~ver quanto folgades com a sombra.~~ Adota-se a forma entrelinhada pela mesma mão a tinta diferente. A frase cancelada é de leitura duvidosa.

<sup>3</sup> outra] outras.

<sup>4</sup> *que*] *q̃* se. Surge seia no verso do fólio em forma plena.

<sup>5</sup> flardinha] flardinha. Adota-se a forma entrelinhada pela mesma mão.

cataçol\*, com maçanetas nos cabos\*, colarzinho de bufaro\*, tomado por diante com fita de seda encarnada, camisa de gorgueira\* lavrada\* de preto. Vossas botinas muito justas com vossos alquorques\* que parece *que* não punheis pé no chão. Eu cõ isto finava me! Chovia se Deus dava agoa e eu estava em corpo\* com calças de guardalate\* branco e barguilha debruada de veludo preto, çapatinhos abrochados\*, a lama perto do artelho. E por me não conhecerem embuçava\* me cõ a manga do pelote\*. Se levantaiveis os olhos pi[s]cava vo lo esquerdo que no dereito nunca tive geito. Olhaveis pera outra parte cõ hum repouso *que* me desbaratava de todo.

*Regateira*: Isso era por dissimular que o bem *que* vos eu queria não era dessa maneira, meu mano. Eu na Ribeira era servida de *muitos* nunca nenhum assi me attarracou\* como vós. Via vos tão airoso tanto da minha arte *que* me mataveis. Trasiéis vossos barretinhos pretos lançados a hũa banda com golpe dado ao viés\* e tomado com fita azul, e pontinhas de latão mourisco esmaltadas de branco que matava a braza\*. Camiza de colarinhos altos lavrada\* de pardo e com mais coelhinhos do *que* há na coutada de Almeirim e sobre tudo tão atacado<sup>6</sup> *que* não punheis pé<sup>7</sup> no chão pro[e]jão\* me<sup>8</sup> os pés e mãos por saltar em vós, depois forsava o desejo por me não averdes por desonesta<sup>9</sup>.

Moço: Não sei como isso era, ou como vos eu parecia mas sei *que* nada me aproveitava, bebia os ventos por vós vieis me morrer dissimulaveis meu mal, como quem lhe não doia. Ó quantas e quantas vezes! Accabado o sino\* vos fui espreitar á porta (isto era em Almeirim) tinheis a casa de rama se vos lembra e por guarda á porta hũa esteira de tabua, fis mil buraquinhos nella, e ainda o não confessei. Por alli vos olhava, via vos andar por casa concertando\* as cousas della, em mangas de camisa, cos braços arrigaçados, pretos e cabelludos (cousa *que* me não parece mal porque a carne da molher crede *que* há de ser avelutada\*)<sup>10</sup>. Somma de manilhas\* de prata nelles<sup>11</sup> davão hũas nas outras e fazião hum som qua fora, *que* máo anno pera quantas nesparas\* vem de<sup>12</sup> Flandres<sup>13</sup>. Trazieis hũa mantilla amarella a redor de vós sem

---

<sup>6</sup> atacado] altacado.

<sup>7</sup> pé] *E* o pè.

<sup>8</sup> pro[e]jão me] proião me.

<sup>9</sup> por saltar em vós, depois forsava o desejo por me não averdes por desonesta] *E* por saltar dalegria.

<sup>10</sup> em mangas de camisa, cos braços arrigaçados, pretos e cabelludos (cousa *que* me não parece mal porque a carne da molher crede *que* há de ser avelutada)] *E* & nos braços.

<sup>11</sup> nelles] *falta em E*.

<sup>12</sup> de] de ~~fora~~.

<sup>13</sup> quantas nesparas vem de Flandres] *E* quãtos instrumentos musicos ha.

outra cousa, as mamas soltas e dependuradas tão fermosas e grandes *que* era *pera* aleijar mil homês<sup>14</sup> /301r/ punheis vos a lavar as pernas com agua de cano e cantaveis «La flor de la mi cara». Se com aquillo lavareis os cabellos fariei los muito bons<sup>15</sup> *que* isto só tinheis máo. Hei vos de fallar verdade. Hora vede quem isto via *que* tal teria o coração? Fazia frio se o *Deus* dava no mundo e eu estar, chovia e eu estar, dava mea noite e eu estar: assi *que* sempre estava té *que* vos hieis deitar. E ás veses *que*<sup>16</sup> ouvia alguem la dentro e isto me fazia triste.

*Regateira*: Pois mano, quem quer bem, de hũa sombra se lhe fas hum homem, de mui pequeninas cousas cria sospeitas mui grandes, *que* *Deus* sabe quanto sempre trabalhei pella fama e não por mingua\* de servidores *que* sempre fui requerida\* de quantos compradores\* ouve na Corte<sup>17</sup>. Parece *que* estava guardada *pera* vos *que* té então ninguem teve tal ditta\*.

*Moço*: Enganado estou eu logo *que* me parecia *que* vos não ouvera com toda vossa honra<sup>18</sup>.

*Regateira*: Hum erro passara já por mim, ouve me hu homem mas este *primeiro* me recebeo\* tres veses e inda assi estive *pera* o não ver e assi me recebeo a quarta<sup>19</sup>.

*Moço*: Como *Senhora* e casada sois vos?

*Regateira*: Não me entendeis, digo vos, *que* me recebeo<sup>20</sup> quatro veses mas eu nunca fui casada, *que* depois me engeitou\*<sup>21</sup> oito, e *porque* isto foi em dobro<sup>22</sup> ficou o casamento em vão.

*Moço*: Agora me descansastes *que* estava já meo morto.

*Regateira*: Mano, não me tenhais vós por tal; a vos só amo a vos só quero a vos só

---

<sup>14</sup> a redor de vós sem outra cousa, as mamas soltas e dependuradas tão fermosas e grandes *que* era *pera* aleijar mil homês] *E* ã vos daua muita graça.

<sup>15</sup> as pernas com agua de cano e cantaveis «La flor de la mi cara». Se com aquillo lavareis os cabellos fariei los muito bons] *E* o rosto faziei lo muito bõ.

<sup>16</sup> *que*] *falta em E*.

<sup>17</sup> na Corte] *E* na corte para casarem comigo.

<sup>18</sup> *que* vos não ouvera com toda vossa honra] *E* outra cousa.

<sup>19</sup> me recebeo tres veses e inda assi estive *pera* o não ver e assi me recebeo a quarta] *E* me prometeo tres vezes de casar comigo, & ainda asi estiue *pera* o não ver.

<sup>20</sup> me recebeo] *E* mo prometeo.

<sup>21</sup> engeitou] engeitou ~~em~~.

<sup>22</sup> oito, e *porque* isto foi em dobro] *E* &.

tenho na vontade e ainda está por nascer a quem eu desse lenço de Bretanha de setenta *reais*\* a vara\*. Lavrado\*<sup>23</sup> pellos cantos com molhos de sétas de verde e encarnado<sup>24</sup> como dei a vós e no meio o meu coração atravessado com muitas *que* asi trazia eu o meu<sup>25</sup>.

Moço: Minha *Senhora* isso tirastes vos de hũa carta *que* vos eu mandei *que* levava outro<sup>26</sup> ao pé dessa mesma *maneira* e começava a trova\*, «Lá vai este mal ferido<sup>27</sup>».

*Regateira*: Há, má cousa, *que* essa carta me destruiu e me roubou minha liberdade, vinha co tanta magoa, trazia tantas saudades *que* me fes perder de todo, mostrei a a quantas Regateiras avia na Ribeira, todas a gabarão e guardarão o treslado\* *pera*<sup>28</sup> se aproveitarem della algũa hora: pois crede *que* quem isto melhor entender *que* ellas *que* lhe há de suar o topete\*, então me acabei de entregar<sup>29</sup>. /301v/ Fui me *pera* casa caei a, comecei a concerta lla, assentar cada cousa em seu lugar porque me chamasseis de recado\*; fis<sup>30</sup> a cama, lancei cobertor de papa\*, novo da peça<sup>31</sup> de tresentos e sessenta *reais*\* assi me valha a verdade, com travißeiro lavrado\* de vermelho, almofadinha de frouxel\*, porque vi *que* ereis mimoso, enxergão\* de palha de baxo *pera* ficar mais molle, e *pera* dormirdes a sesta, tanho\* de Santarem; com almofadinha de guadameci\*, porque hé fria. Então minha escovinha dependurada em seu prego, rabo de boi com pentem metido nelle, espelho da outra parte cõ toalha de redor *pera* alimpardes o rosto. Minha cantareira\* alva\* como a neve e toalhas vermelhas como sangue postas nellas, pucaro de Estremòs pedrado por dentro com serpinha\* no meo feita do mesmo barro, e porque era antigo dei lhe

---

<sup>23</sup> Lavrado] Laurado ã.

<sup>24</sup> e encarnado] ~~e encarnado pello meo~~. Adota-se a forma entrelinhada pela mesma mão.

<sup>25</sup> ] E & toalha de olãda para alimpardes o rosto, ã como determinaua receberuos por marido, me esmeraua ã tudo, tẽdo minha cãtareira alua como a neve, & talhas vermelhas como sangue postas nella: pucaro de estremos pedrado por dentro cõ serpinha no meo, feita do mesmo barro, & porã era antigo deilhe hũa cẽrada parecia casi nouo, e tudo cuberto cõ seus mãdis de Guine listrados de muitas cores por a mor do po, pratelleiro espanado com seus bacios vidrados, & Malega de Flandres penduradas per cordel, da outra parte redoma azul chea de agoa de frol /32r/ para vos borifar a cabeceira da cama, papel de São Antonio, & ramo de palma bento entre elle, & a parede por vos não dar olhado. *Passagem deslocada*.

<sup>26</sup> ] E coração.

<sup>27</sup> ferido] E feridio.

<sup>28</sup> *pera*] p<sup>a</sup> quando.

<sup>29</sup> entregar] E resolver em casar comvosco.

<sup>30</sup> fis] E fuy.

<sup>31</sup> peça] peça ã.

hũa cenrada\*, parecia quasi novo e tudo cuberto por cima cõ seus mandis\* de Guiné, listrados de muitas cores, por amor\* do pó, prateleiro espanado, com seus bacios vidrados e malega de Flandres pendurados por cordel. Da outra parte redoma azul chea de agua de flor *pera* vos borrfifar. Á cabeceira da cama papel de S. Antonio e ramo de palma bento, entre elle e a parede por vos não dar olhado\*<sup>32</sup>. Então agua de louro *pera* os pés, cortiça *pera* debaxo pellos não pordes no chão, decoada\* *pera* a cabeça; e rapei\* as unhas por vos não fazer mal quando vo la lavasse, carapussa de emprensar\*, lavrada\* de pontinhos, perfumada cõ alecrim, açucareiro vidrado cõ alfazema, caixa de me[r]malada de modronhos\* *pera* pellas menhãs e tudo a ponto por *que* a nada podesseis pôr tacha\*.

*Moço*: Pois eu quando me vi comvosco tremia como verga, não sabia *que* fizesse, punha os olhos em vós, tornava os logo a tirar, não ousava de vos<sup>33</sup> ver, queria travar\* da roupa, avia medo de<sup>34</sup> anojar\* vos, tornava me a ar[r]epender: boa vontade tinha eu mas crede *que* não ousava. /302r/ E quis minha boa dita\* *que* estando nestes medos lançastes mão te mim e então me despegei<sup>35</sup>.

*Regateira*: Eu ardia, não pude dissimular tanto e vi vos estar medroso, ouve dó de vós, não me pareceo bem *que* ficasseis moço. Ora minha vida, he tempo de recolher, estareis cansado, lá praticaremos\* no passado, vamo nos *pera* a pousada passar o tempo em palavras avendo tanto *que* vos não vi<sup>36</sup>.

Fim

---

<sup>32</sup> cõ toalha de redor *pera* alimpardes o rosto. Minha cantareira alva como a neve e toalhas vermelhas como sangue postas nellas, pucaro de Estremòs pedrado por dentro com serpinha no meo feita do mesmo barro, e *porque* era antigo dei lhe hũa cenrada, parecia quasi novo e tudo cuberto por cima cõ seus mandis de Guiné, listrados de muitas cores, por amor do pó, prateleiro espanado, com seus bacios vidrados e malega de Flandres pendurados por cordel. Da outra parte redoma azul chea de agua de flor *pera* vos borrfifar. Á cabeceira da cama papel de S. Antonio e ramo de palma bento, entre elle e a parede por vos não dar olhado] *E* para vos verdes, &.

<sup>33</sup> vos] uos ~~vos~~.

<sup>34</sup> de] de de.

<sup>35</sup> Pois eu quando me vi comvosco tremia como verga, não sabia *que* fizesse punha os olhos em vós, tornava os logo a tirar não ousava de vos ver queria travar da roupa avia medo de anojar vos tornava me a ar[r]epender: boa vontade tinha eu mas crede *que* não ousava. /302r/ E quis minha boa dita *que* estando nestes medos lançastes mão te mim e então me despegei] *E* Ora minha senhora he tẽpo de recolher, estou cansado, la praticaremos na pousada pois há tanto *que* vos não vi.

<sup>36</sup> *Regateira*: Eu ardia, não pude dissimular tanto e vi vos estar medroso, ouve dó de vós não me pareceo bem *que* ficasseis moço. Ora minha vida he tempo de recolher, estareis cansado, lá praticaremos no passado, vamo nos *pera* a pousada passar o tempo em palavras avendo tanto *que* vos não vi.] *falta em E*.



## Glossário

- abrochados (cf. abrochar) – ligar ou prender com um broche ou pregadeira, abotoar, afivelar.
- abruquella (cf. abroquelar) – tapar ou proteger com broquel, com escudo.
- acucalais (ou acuculais) (cf. acucular) – acogular, amontoar, encher.
- affeitar (cf. afeitar) – arranjar, embelezar.
- al – mais, restante; outra coisa.
- alquorques (ou alcorque) – tipo de calçado, espécie de sandália com sola de cortiça.
- alfanado – tingido de vermelho, com alfena.
- alqueire – medida antiga, variável, principalmente para cereais (13,8 l. em Lisboa), mas também para azeite (c. 8 l.); recipiente quadrado para medir cereais.
- alva – branca.
- amor (por a. de) – por causa de.
- anichilá llos (cf. aniquilar) – liquidar, matar.
- anojar – aborrecer.
- arnês (de peito, de braços ou de pernas) – conjunto formado por placas de chapa metálica polida que anuncia a armadura completa.
- arrobe – xarope obtido com a redução de vinho de mosto, servindo para beber ou para temperar outros vinhos; um doce, feito com vários frutos e temperado com mosto.
- arratês (cf. arrátel) – antiga unidade de medida de peso portuguesa.
- asinha – depressa.
- assestar – apontar, ou dirigir o tiro da peça de artilharia, ou de qualquer arma, a determinada parte.
- attarracou (cf. atarracar) – perturbar, confundir, enlear.
- avelutada (ou aveludada) – que tem felpo, que tem pelo fino.
- aventagem – vantagem.
- axorou (cf. axorar) – desbaratar.
- azaguaia (do verb. azzagaya) – lança curta de arremesso, ferrada com paus ou ossos de animais usada por Mouros, Cafres e outros povos de África, qualquer lança

de arremesso.

azemeis (cf. azemel) – o mesmo que besta, azêmola; o que guia azêmolas, almocreve;  
ant.: traidor, homem desleal.

azeviche – de cor preta muito escura.

bailo – baile.

barbola – mil. ant. acha ou maça de armas usada antigamente pela cavalaria.

beocos (ou biocos) – gesto afetado de pretensa modéstia.

berneo – pano fino de cor escarlate, da Hibernia; capa longa, barata e grosseira.

bolsa (fazer) – bolseiro, depositário; o que «faz bolsa», i. é, arrecada o dinheiro.

bombarda – antiga peça de artilharia que se assemelhava ao morteiro e que lançava grandes pelouros de pedra; boca-de-fogo primitiva.

borzeguins – bota mourisca, ou meia grossa com sola fina de couro, bota até meia perna, fechada com atacador, botim de cano.

braza (matar a b.) – fig. apagar o fogo, terminar com uma discussão acalorada.

brida (montar à b.) – opõe-se a montar à gineta; cavalgar com estribos longos e pernas esticadas.

brosladuras – bordados.

bufaro – búfalo, couro de búfalo.

bulra – burla, engano, fraude.

cabos – pontas.

caleficada – qualificada ou enobrecida.

cantareira – móvel de cozinha onde se colocavam os cântaros da água.

caparazão (ou caprazam) – espécie de gualdrapa, com roupas quadradas e forro forte.

çapato (ou sapato) (meter-se num s.) – fig. esconder-se; equivalente à expressão «meter-se num buraco».

capelladas – correias do chapim, de couro ou veludo.

capello (ou capelo) – parte do hábito de alguns religiosos que cobre o pescoço e parte da cabeça; chapéu cardinalício.

capilhar (do cast. capellar) – ant. veste mourisca que se usava em funções como justas, jogos de canas, etc.

carnás – parte da pele que está junto à carne, por oposição à *flor* da pele, ou seja, ao exterior da pele.

carvalha (barba à c.) – não foi possível encontrar um significado exato para a expressão. Será provavelmente uma metáfora do autor, em analogia com a forma da copa da árvore denominada carvalha, geralmente redonda e ampla. Porque a expressão é opaca, em alguns manuscritos é substituída por “barba à marquêsota”, que designa uma barba muito bem cuidadas, provavelmente com um toque depreciativo na medida em que remetia para homens que dariam mais



atenção às preocupações estéticas em detrimento da valentia.  
cataçol (ou catasol) – tecido fino e lustroso com cambiantes.  
cenrada – água onde se ferveu cinza e que servia para lavar coisas gordurosas, barrela.  
chapim – calçado feminino, com várias camadas de cortiça para aumentar a estatura da mulher.  
christãos novos – filho ou neto de judeus convertidos aos cristianismo.  
cingidouro – faixa de tecido que serve de cinto.  
código – código; coleção ou compilação de leis, regulamentos, preceitos.  
comas – crinas de cavalo.  
comete («quem não comete não vence») – provérbio que significa que para vencer é preciso ousar.  
compradores (compradores da Corte) – aqueles que vão todos os dias à Ribeira ou à feira, comparar o necessário para uma casa (no caso, alguém que faz compras em nome da Corte, ou para a Corte).  
concertando (cf. consertar) – arrumar, ajustar, combinar, harmonizar, compor, ornar.  
copado (cabelo) – que tem copa grande, volumosa; diz-se de uma vela panda, enfunada; convexo.  
corpo (estar em corpo) – estar desagasalhado (cf. a expressão «estar de corpo bem feito» ).  
couraças – resguardo de metal para o busto que usavam os antigos guerreiros.  
cruzado (ou crusado) – moeda de grande valor, no século XVI, quando cunhada em ouro.  
cuidais (cf. cuidar) – pensar, julgar.  
dana (cf. danar) – estragar, condenar.  
decoada – água fervida com cinza e coada, que serve para lavar roupa, barrela.  
defeso – proibido.  
desenvioleis (cf. desenviolar) – purificar o que estava violado ou profanado, expiar.  
dicho – dito.  
digesto – compilação das decisões dos mais célebres jurisconsultos romanos, de Augusto a Justiniano.  
disquirição – discrição, qualidade de quem é discreto, sensato.  
ditta (ou dita) – sorte, fortuna.  
embuçados / embuçava me – coberto de emboço; disfarçado, dissimulado – p. exemplo cobrindo a cara com uma aba da capa.  
emcampem (cf. encampar) – abandonar, desfazer-se de.  
empecer – prejudicar, causar dano.  
emprensar (carapuça de emprensar) – espécie de chapéu para fazer assentar o cabelo.

encarnão se (cf. encarnar-se ) – Aferrar-se, agarrar-se com afinco a alguma coisa.  
engeitou (cf. engeitar) – rejeitar, enjeitar, recusar, desprezar, abandonar.  
enxergão – saco grande, geralmente cheio com palha que se colocava nas camas, por baixo do colchão.  
fallece, falecia (cf. falecer) – faltar.  
fains (cf. faim) – ferro aguçado de lança ou de outra arma de cabo; espadim.  
flardinha (ou fraldilha) – avental de couro; cf. fralda – parte inferior da camisa ou de outra peça de vestuário, orla, ourela; vestimenta, veste, saia.  
forqueado – bifurcado.  
fota – toucado mourisco, turbante, faixa de tecido que serve para enrolar na cabeça a modo de turbante.  
foteado (cf. fotear) – que tem a forma de fota ou turbante.  
francelho – ave de rapina de pequeno porte; fig: tagarela; indivíduo que revela sinais de influência francesa nos hábitos ou na linguagem.  
frouxel – as penas mais macias das aves, penugem; tecido ou forro de material macio, coisa macia.  
fusta – barco comprido e de calado achatado, com velas e remos.  
gineta (andar à g.) – cavalgar com estribos curtos e freio adequado.  
gorgueira – peça de traje que ornava o pescoço das mulheres.  
grozem (cf. glosar) – explicar, desenvolver, comentar.  
guadameci – tapeçaria de couro ornamentada (com pintura ou com dourados).  
gualdrapa – pano que se coloca sob ou sobre a sela e ancas da mula ou do cavalo, para ornamentação ou proteção do cavaleiro.  
guardalate – tipo de tecido grosseiro.  
jurdição – jurisdição.  
lampas (levar as l.) – levar vantagem, ser superior.  
lavrada – bordada.  
malinas (calças de m.) – renda muito fina fabricada em Malinas, na Bélgica.  
mandis (cf. mandil) – pano grosseiro que tanto pode servir para fazer roupa e aventais como ainda rodilhas e esfregões para a limpeza.  
manilhas – pulseiras; argolas com que se prendiam as mãos dos criminosos.  
matula – pop. torcida, mecha de candeeiro.  
mingoa (ou míngua) – carência, escassez.  
mister (haver m. de) – haver necessidade, ser preciso.  
misuras – medidas, vérias.  
modronhos (ou medronho) – fruto vermelho que serve para fazer licor e doce.  
mover – comover.  
mudas – as mudas das aves de rapina correspondem às mudanças de penas, geral-

mente anuais.

necidades – coisas néscias, ou seja, tonteiras.

nesparas (ou nêsporas) – campainhas sem badalos que os bufarinheiros ou vendedores ambulantes de bugigangas tocavam, batendo-as umas contra as outras.

olhado (mau olhado) – azar, feitiço, quebranto.

ourinais (cf. urinar) – verter urina.

panda – cast. animal volumoso e lento.

papa (cobertor de papa) – manta de lã, muito quente.

passados – antepassados.

peados – amarrados.

pellica – pele fina de animal, curtida e usada no fabrico de luvas e calçado fino; regionalmente pode significar um casacão grande de pele de ovelha, espécie de samarra. A expressão «em pelica» significa nu.

pellote – espécie de sobretudo, forrado, ou não, de peles.

perafusando (ou parafusando) (na praça) – fig: cogitar, matutar, ruminar, especular, meditar.

perro – cast. cão.

piquice – pequice, tolice, loucura.

pombo (ruço p.) – cor da pelagem de montada com colorido preto, branco e avermelhado, sabino.

prática – conversa, debate.

praticaremos, praticais (cf. praticar) – conversar.

preheminência – preeminência, superioridade.

pro[e]jão (cf. proejar) – aproar, dirigir-se para, navegar com rumo.

quamanho – tamanho; tão grande.

rapei / rapais (cf. rapar) (as unhas) – cortar e arranjar as unhas.

rasa – certo tipo de pano de lã, com diferentes espécies.

razões coradas – razões aparentemente boas, válidas.

razona («Razona bien del Arnes mas vistalo quién quiziere») – provérbio que significa que é fácil falar, mas difícil lidar com as situações.

reais – unidade monetária portuguesa corrente na época de Francisco de Moraes.

recado (dar recado) – cumprir cabalmente (cf. a expressão «dar conta do recado»); recato, recolhimento, modéstia.

receber – tomar, aceitar, acolher.

regimento – regulamento / documento que governa algo.

relé (ou ralé) – arraia miúda, escumalha.

repicais (em salvo) – segundo Bluteau (tomo VII, 462): «Repicar em salvo. He adagio, que (segundo me dizem) val o mesmo que *Tanger a fogo antes de arder*, & respon-

de a sangrar em saude (Ficar em seco, repicar em *Salvo*. Lobo, *Corte na Aldea*. Dial. 3. pag. 99)».

requerida (ser requerida) – ser solicitada, pretendida.

revés (ao r.) – ao contrário.

Roque (Rey nem R.) – situação difícil ou confusa. A expressão assenta na designação de duas peças do jogo de xadrez, o Rei e o Roque ou Torre.

ruço – pardo claro, grisalho.

seedo vireis à Tríade – expressão pouco clara, mas que provavelmente significa que o interlocutor está a ver a estratégia do adversário e, por isso, não adianta seguir com a conversa por aquele rumo. A expressão poderá ser mais recente porque não ocorre no manuscrito A, que é um dos mais antigos.

sereno – ar noturno, brisa noturna primaveril.

serpinha – ornato em forma de pequena serpente (no caso formado pelas pedrinhas incrustadas no barro).

sino (acabado o sino) – depois do recolher, depois do toque do sino que determinava o recolher, a seguir ao cair da noite.

sopposto (ou suposto) – apresentado como verdadeiro, pretendido.

tacha (pôr tacha) – pôr defeito.

talho (cf. talhar) – corte, cortar.

tanho – esteira de tábuas, assento, esteira de junco ou palha.

tença – pensão, remuneração por serviços prestados.

tolha (cf. tolher) – impedir, proibir.

topete – cabeça, parte do cabelo eriçado na frente da cabeça, poupa; «suar o topete» – suar da testa por causa do muito trabalho ou de alguma aflicção.

toutiço – nuca, alto da cabeça.

travar – prender, agarrar, tomar, segurar, lançar mão.

tresladeis (cf. tresladar) – trocar, mudar.

treslado – cópia.

troquiados – tosquiados, de cabelo rapado.

trova – tipo de composição poética, canção, cantiga, quadra popular.

vao (dar o v. pela orelha) – lugar pouco fundo de um rio ou mar por onde se pode transitar a pé ou a cavalo; travessia, passagem; baixio. A expressão «dar o vao pela orelha» significaria, ironicamente, um lugar onde, em princípio, se passaria a seco, ou quase, mas que, na verdade, teria água quase capaz de submergir e afogar uma pessoa.

vara – unidade de medida de comprimento sensivelmente equivalente a 1,10m.

viés (de viés) – diagonalmente, obliquamente.

vintem – moeda que valia vinte reais.

## Índice de nomes próprios

(o número romano remete para o diálogo e o número árabe para a respetiva página)

Adam – Adão – nome do primeiro homem, de acordo com o Génesis judaico-cristão. (I, p. 63)

Afonso IV (dom) (1291-1357, rei a partir de 1325) – rei português que participou na Batalha do Salado, em Castela. (I, p. 77)

Albuquerque (Ducado de) – designação de uma localidade em Espanha e de uma família importante, com origem na linhagem dos Meneses. O primeiro senhor de Albuquerque foi D. Afonso Teles de Meneses, que morreu em 1230, tendo participado na batalha das Navas de Tolosa (1212). Um descendente, João Afonso Teles de Meneses (m. em 1304), 4<sup>o</sup> senhor de Albuquerque, foi também o primeiro conde de Barcelos, no tempo de D. Dinis. O título nobiliário principal da casa de Albuquerque é o ducado, que foi concedido por Henrique IV de Castela, em 1464, a Beltrán de la Cueva (1435-1492) que, apesar de não ser originário da alta nobreza, chegou a ser um dos homens mais importantes do seu tempo. Beltrán de la Cueva era ainda o suposto pai da princesa Joana, a Beltraneja, oficialmente filha do rei Henrique IV de Castela. (I, p. 78)

Alentejo – Antiga província do sul de Portugal, correspondente aos atuais distritos de Beja, Évora e Portalegre. (I, p. 68)

Alexandre (356-323a.C.) – cognominado o Magno ou o Grande, foi rei dos Macedónios na sequência do assassinato do seu pai, Filipe II, em 336 a.C. Conquistou um império que se estendia dos Balcãs à Índia, e incluía o Egito e o Afeganistão. A alusão que se encontra no segundo colóquio poderá referir-se ao seguinte episódio reportado por Plutarco: num momento em que o soberano estava muito doente e nenhum médico ousava tentar tratá-lo, Alexandre bebe confiante e corajosamente o copo com o remédio preparado pelo médico Filipe da Acarnânia enquanto lhe mostra uma carta caluniosa que recebera avisando-o que se acautelasse do médico pois este teria sido subornado por Dário, rei dos Persas e inimigo de Alexandre, e poderia tentar envenená-lo. (II, p. 93)

- Alexandre I – Alexandre de Médicis (1510-1537), Duque de Florença, casado com Margarida de Parma, filha natural de Carlos V, I de Espanha, foi nomeado Duque, pelo Papa Clemente VII, aquando da criação do Ducado (1532). Foi reconhecido como filho de Lourenço II de Médicis, mas persistem dúvidas sobre a sua paternidade. Sucedeu-lhe Cosme de Médicis. (I, p. 79)
- Almirante (de França) – Para as datas que nos interessam, foram Almirantes de França: Guillaume Gouffier de Bonnivet (1517-1525), Philippe Chabot, conde de Charny (1525-1543) e Claude d’Annebault (1543-1552). (I, p. 79)
- Alvalade – poderá tratar-se dos campos de Alvalade, em Lisboa, que eram campos de treino militar no séc. XVI, usados por D. Sebastião antes da batalha de Alcácer Quibir. (II, p. 94)
- Amadis – Referência ao celeberrimo livro de cavalarias *Amadis de Gaula*, cujo conhecimento na corte portuguesa se encontra documentado, também através do teatro vicentino. A obra terá sido redigida no séc. XIV, porém, a versão mais antiga conhecida foi a composta por Garcia Rodríguez de Montalvo, impressa em 1496, em castelhano. (I, p. 76)
- Amiclas – barqueiro acordado por César para que o faça atravessar o mar e ir ao encontro de Pompeu. O barqueiro faz notar os sinais que pressagiam tempestade e poderão fazer soçobrar a empresa, mas o líder romano reinterpreta favoravelmente esses sinais, constrangendo o barqueiro a uma arriscada viagem noturna. O episódio ocorre na *Farsália* de Lucano (canto V), tendo sido retomado por Juan de Mena (1411-1456) e autores subsequentes no séc. XVI. (II, p. 93)
- Andre Doria ou Andrea Doria (1466-1560) – *condotiere* e almirante genovês, foi capitão-general de Francisco I de França, na década de 1520 (guerras de Itália), mas em 1528 passou a servir Carlos V de Espanha. (I, p. 79)
- Antonio de Leiva – António de Leiva (1480-1536), chefe militar espanhol, tornou-se conhecido pela oposição às tropas francesas de Francisco I, na Batalha de Pavía (1525). Foi o general das tropas espanholas de Carlos V quando, em 1536, se reacendeu a guerra entre França e Castela. Morreu como Príncipe de Ascoli, Marquês de Stela, Conde de Monsa e Grande de Espanha. (I, p. 79)
- Arcebispo de Toledo – O Arcebispo de Toledo referido no colóquio primeiro será Alfonso Carrillo de Acuña (1410-1482 – nomeado arcebispo de Toledo em 1446), descendente de uma família nobre portuguesa, foi diplomata e político influente em Castela, sendo ainda tio de João Pacheco, senhor de Belmonte e marquês de Vilhena. Na guerra da sucessão Castelhana apoiou o partido do rei de Portugal e da princesa Joana, a Beltraneja, contra as pretensões daquela que viria a ser a rainha Isabel I de Castela. (I, p. 78)
- Athenienses – habitantes de Atenas, cidade da Grécia. (II, p. 89)

- Baldo – Baldo de Ubaldis (1324-1400) – conhecido jurisconsulto italiano, discípulo de Bártolo de Sassoferrato, por vezes citados em conjunto. (II, p. 90)
- Barbadão – a alcunha pela qual ficou conhecido o avô de D. Afonso, primeiro duque de Bragança. O Barbadão é designado no primeiro colóquio como sendo João Gonçalves. Desta personagem, também é dito que se chamaria Fernão Esteves (natural de Portel), João Affonso (natural de Veiros) ou ainda Mem ou Mendo da Guarda (castelhano que morou em Veiros). No entanto, o nome que lhe é atribuído com mais frequência é o de Pero ou Pedro Esteves, natural de Veiros, no Alentejo e sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Mileu, na mesma localidade. Segundo as lendas, em virtude do desgosto que teve ao saber dos amores da filha, Inês, com o futuro D. João I, Pero Esteves terá deixado de cortar a barba, o que deu origem à alcunha pela qual ficou conhecido. Trata-se de uma figura sobre quem as informações disponíveis são poucas, de fiabilidade duvidosa e contraditórias: uns dizem que era um nobre rico, outros afirmam que não passava de um homem modesto e honrado, outros ainda, consideram que se trataria de um sapateiro judeu converso. (I, p. 79)
- Bartolo ou Bártolo de Sassoferrato (1314-1357) – conhecido jurisconsulto italiano, mestre de Baldo de Ubaldis, por vezes citados em conjunto. (II, p. 87)
- Benavente (Casa de) – A Casa de Benavente é, uma das grandes casas nobres de Espanha. O condado foi concedido em 1398 pelo rei Henrique III de Castela a João Afonso Pimentel, um senhor de origem portuguesa ao serviço da Coroa de Castela. A elevação a ducado deu-se em 1473, concedida pelo rei Henrique IV de Castela ao 4º conde, Rodrigo Afonso Pimentel e seus descendentes, que passaram a combinar os dois títulos, intitulado-se condes-duques de Benavente. Foram reconhecidos em 1520 pelo imperador Carlos V. Em 1475, no quadro da guerra de sucessão de Castela (entre os partidários de Joana, a Beltraneja, sobrinha e esposa prometida de Afonso V de Portugal, e os que defendiam os direitos de Isabel, meia-irmã do falecido rei Henrique IV de Castela, esposa de Fernando de Aragão), o conde de Benavente Rodrigo Afonso Pimentel combateu contra o rei D. Afonso V em Penafiel (Espanha), tendo sido derrotado e preso pelo rei Português, sendo depois libertado com a condição de não servir mais durante a guerra o rei D. Fernando de Aragão e Castela. (I, p. 78)
- Bragança (Estado de) – Descendentes de D. Afonso (filho ilegítimo de D. João I e de Inês Peres ou Pires), casado com D. Beatriz Pereira de Alvim (filha do Condestável D. Nuno Álvares Pereira). Não só D. Afonso era filho ilegítimo, como também o foram D. João I e D. Nuno Álvares Pereira. O poder da casa de Bragança foi suprimido por D. João II, que executou D. Fernando II, terceiro duque de Bragança, acusado de traição, tendo o seu filho e herdeiro, D. Jaime, então com

4 anos, sido desterrado para Castela. O rei D. Manuel I, tio de D. Jaime de Bragança, permitiu o seu regresso à corte devolvendo-lhe os títulos e as terras do ducado. D. Jaime foi inclusivamente nomeado herdeiro do trono, caso D. Manuel morresse sem descendência. A casa de Bragança tornou-se a mais poderosa do reino, a seguir à casa real. (de onde a expressão «Depois de vós, nós»). (I, p. 79)

Bretanha – região situada na atual França, constitui uma península no extremo NO da França. (III, p. 100)

Çafim – Safim, cidade marroquina da costa Atlântica. Foi uma feitoria portuguesa, entre 1508 e 1541, mantendo ainda hoje algumas marcas da presença portuguesa. (I, p. 61)

Camillo – Marco Furio Camillo (446-365a.C.), famoso político e general romano, apelidado «segundo Rómulo» e «Pai da Pátria» pelos feitos que realizou. Exemplo de heroísmo e devoção em defesa da pátria. (II, p. 93)

capella dos Corvos – Não havendo notícia de uma «capela dos corvos» em Évoramonte, nem qualquer ligação entre o «barbadão» (Vid.) e esta localidade, perfilam-se duas hipóteses para explicar esta alusão que poderá prender-se com algum traço decorativo ou arquitetónico de uma capela de Évoramonte ligada à casa de Bragança. A ser assim, por um lado, poderá tratar-se da Capela-mor da Igreja de S. Pedro, em Évoramonte, que foi erigida no séc. XVI, após o terramoto de 1531, tendo a edificação (concluída em 1577) sido custeada, entre outros, por D. Teotónio de Bragança; por outro lado, poderá tratar-se de alguma capela existente no paço ducal de Évoramonte. Este castelo é uma edificação única, sem precedentes em Portugal, de arquitetura militar, apesar de nunca ter servido de defesa, mas sim como residência de caça dos Duques de Bragança. O seu propósito terá sido o de afirmar a casa de Bragança como a segunda mais poderosa do Reino, veja-se a máxima «Depois de vós, nós» (ou seja, depois da casa Real, a casa de Bragança), o que terá influenciado a planta do edifício, em forma de nós. Este paço, em estilo manuelino tardio, foi edificado sobre um castelo anterior, mandado construir por D. Dinis. A sua construção data de 1531 e 1535, tendo tido como arquitetos os irmãos Francisco e Diogo Arruda, sendo então duques de Bragança D. Jaime I (1479-1532) e, a seguir, seu filho, D. Teodósio I (1505-1563), que terá supervisionado as obras. Segundo lendas, este castelo foi o refúgio de D. Jaime I, que se acantonou na sua Torre de Menagem com receio de castigo ou prisão, depois de ter assassinado a sua esposa no paço de Vila Viçosa por desconfiança de infidelidade. Esta lenda poderá ter suscitado a variante «capela dos cornos» existente em alguns manuscritos do primeiro colóquio de Francisco de Moraes. (I, p. 79)



- Carthago (ou Cartago) – famosa cidade da Antiguidade, na costa setentrional da África, fundada em 814-13 a.C pelos fenícios, destruída primeiro pelos romanos c. 146 a.C, reconstruída pelos romanos e destruída pelos árabes em 698d.C. (II, p. 90)
- Casa da Índia – instituição que tinha por finalidade administrar os negócios ultramarinos, ou seja, o comércio decorrente das navegações. Instalada em Lisboa, junto dos paços reais da Ribeira, era composta por quatro grandes repartições ou mesas: a das drogas (despachava as especiarias), a grande (despachava as pedras preciosas e os tecidos), a das armadas (assentava tripulações) e a da tesouraria (cobrava os direitos). (II, p. 94)
- Catóo – Estadista romano cognominado «O Censor» ou «O Velho» (232a.C.- 149d.C), notabilizado pela sua rude austeridade. (II, p. 90)
- Cepta (ou Ceuta) – cidade da costa setentrional de Marrocos, frente a Gibraltar. Atualmente pertence à Espanha mas foi portuguesa entre 1415-1580 (I, p. 78).
- Cesar (e os seus *Comentarios*) – a passagem alude aos *Comentários* de César, nome por que era conhecida a obra do imperador romano Júlio César, *De Bello Gallico*. (II, p. 93)
- Chronica d'el Rey dom Afonso, o do Sallado – na Batalha do Salado (30 outubro de 1340) participaram o rei Afonso XI de Castela e o rei Afonso IV de Portugal. Assumindo que a alusão se refere ao rei português, tratar-se-á da *Crónica del Rei D. Afonso IV* de Rui de Pina. (I, p. 77)
- Conde do Redondo – o 1º conde foi D. Vasco Coutinho, capitão de Arzila, feito conde por carta de 2-6-1500, pelo rei D. Manuel. A alusão existente no colóquio segundo refere-se provavelmente ao segundo Conde do Redondo, D. João Coutinho, capitão de Arzila entre 1514 e 1524 e depois entre 1529 e 1538, cujos feitos foram celebrados por Bernardo Rodrigues nos seus *Anais de Arzila*. (II, p. 88)
- Cosmo de Medices – Cosme de Médicis (1389-1461), banqueiro e político do século XV, governou Florença de 1429 a 1464. Deu origem a uma família poderosíssima. Foi homem culto e mecenas de artistas. (I, p. 79 )
- Dia do Juizo ou Juízo Final – de acordo com a Bíblia, trata-se do julgamento final, que terá lugar depois da ressurreição dos mortos. (I, p. 62)
- Emperador – Carlos V (1500-1558), foi Rei dos Romanos e Imperador do Sacro Império Romano Germânico, como Carlos V, desde 1519 até 1558 e rei de Espanha, como Carlos I, entre 1516 e 1556. (I, p. 79)
- Eva – nome da primeira mulher, de acordo com o Génesis judaico-cristão (I, p. 63)
- Evoramonte – Évoramonte, localidade do concelho de Estremoz. Fez parte do património da Casa de Bragança. Teve um primeiro foral outorgado por D. Afonso III (em 1248) e um Foral Novo outorgado por D. Manuel I (em 1516). (I, p. 79)

- Fernão Cardozo – Poderá tratar-se do criado do rei (D. João III?), natural de Santarém onde tinha casas, viveu no bairro do Marquês (?) e junto do Duque de Bragança, foi «manteeiro do Rei» e feitor na Mina. Tem obra no *Cancioneiro Geral*. (I, p. 71)
- Fez – Cidade de Marrocos. Em vários momentos foi capital do país. (II, p. 87)
- Foão – Fulano. No caso das alusões existentes a dois «Fulanos» no primeiro colóquio, a referência contextual à *Crónica de D. Afonso IV*, de Rui de Pina, permite identificar o passo onde se relatam os torneios e justas nos quais Gonçalo Rodrigues (ou Roiz) Ribeiro e outros participaram – capítulos XIV a XVI. Gonçalo Ribeiro atravessava Espanha, vindo de França, com dois outros companheiros portugueses, Vasco Eanes Colaço e Fernão Martins de Santarém. Mediram armas com cavaleiros de Castela e Aragão, com destaque para D. Martinho de Lara, um bastardo de alta nobreza, que é derrotado e morre pouco depois do confronto de uma ferida no braço. (I, p. 67, 73, passim)
- Frandes – Atualmente, a Flandres é a região norte da Bélgica. O condado da Flandres existiu de modo independente desde o séc. IX até à época da Revolução Francesa. (III, p. 97)
- Gibraltar – Gibraltar, cidade e fortaleza num rochoso promontório à entrada do Mediterrâneo, no extremo sul da Península Ibérica, muito próximo do Norte de África. (I, p. 78)
- Gonçalo Roiz Ribeiro – de acordo com a *Crónica de D. Afonso IV*, de Rui de Pina, Gonçalo R. Ribeiro foi «bom Caualeyro Portugues» que andou por terras de França e Espanha «procurando, & ganhando honra em feytos darmas» (vid. Foão). (I, p. 77)
- Grão Mestre (de França) – poderá tratar-se de Anne de Montmorency (1493-1567), militar, estadista e diplomata francês que foi Marechal e Condestável de França. (I, p. 79)
- Hanibal – Aníbal (248-183a.C), general cartaginês interveniente nas guerras Púnicas (que opuseram Cartago a Roma) – conhecido como tendo sido um dos melhores estrategas militares da história. Uma das suas façanhas foi ter atacado a Itália pelo norte, depois de ter conseguido passar os Pirenéus e os Alpes com um exército que até incluía elefantes. (II, p. 89)
- Homero – poeta da Grécia antiga a quem tradicionalmente se atribui a composição da *Iliada* e da *Odisseia*. (II, p. 93)
- João (dom) – D. João III (1502-1557 – rei a partir de 1521), filho mais velho de D. Manuel I e de Maria de Aragão e Castela. Francisco de Moraes serviu na sua corte. (I, p. 62)
- João Afonso – Tratando-se de um nome muito comum na época, não foi possível

- encontrar elementos que permitissem identificar o indivíduo específico a quem se faz alusão. (I, p. 78)
- João Esteves – poderá tratar-se do feitor de D. Afonso V na Flandres em meados do séc. XV. Em 1471 ou pouco antes enviou alguns livros ao rei. (I, p. 78)
- João Gonçalves Barbadão – Vid. Barbadão
- João Pacheco – Será Juan Fernández Pacheco y Téllez Girón (1419-1474), descendente de nobres portugueses exilados em Castela depois da batalha de Aljubarrota. Foi senhor de Belmonte, mestre da ordem de Santiago e 1º marquês de Villhena, tendo tido bastante influência na corte castelhana. Foi acusado de ter tido um judeu converso entre os seus antepassados. Era sobrinho de um Arcebispo de Toledo do qual foi umas vezes aliado, outras vezes antagonista. (I, p. 78)
- Judas Machabeo – Judas Macabeu, personagem bíblica, herói do *Antigo Testamento*, foi um guerreiro esforçado que liderou a revolta dos Macabeus, defendendo o seu povo e a religião judaica contra as imposições do Império Selêucida. Em vários romances de cavalaria medievais Judas Macabeu aparece como modelo de cavaleiro bravo e correto. (II, p. 93)
- Larcão (Senhor) – Alarcão, família espanhola com origem nos Cevallos. Em 1177, Fernão Martins de Cevallos distinguiu-se no assalto à vila de Alarcón, recebendo por mercê de Afonso IX a alcaidaria e o senhorio da dita localidade, da qual tomou a designação como apelido. D. Elvira de Mendonça, viúva de Martim de Alarcón, foi dama da infanta D. Maria de Espanha, vindo com ela para Portugal, aquando do seu casamento com D. Manuel I. D. João de Alarcão, filho desta dama, que também veio para Portugal, foi caçador-mor do reino. (I, p. 79)
- Lusão de Foão – Vid. Foão; Lusão = lusitano. (I, p. 77)
- Marcello – Marco Claudio Marcelo (ca. 268a.C-208a.C) general e cônsul romano, oriundo de uma distinta família plebeia, que alcançou grandes vitórias. Na 2ª Guerra Púnica combateu e conseguiu vencer o general cartaginês Aníbal. (II, p. 93)
- Marzagão – Mazagão, cidade costeira de Marrocos, corresponde à atual cidade de El Jadida. Entre o início do séc. XV e meados do séc. XVIII esteve sob domínio português, mantendo ainda uma fortificação de estilo manuelino. (II, p. 87)
- Medina Sidonia (ducado) – título nobiliário concedido em 1445, pelo rei Juan II de Castela, a Juan Alonso Pérez de Guzmán y Suárez de Figueiroa, também conde de Niebla. A concessão deste título foi confirmada em 1460, permitindo a sucessão a filhos ilegítimos. Antes da sua concessão aos Guzmán, Henrique II já tinha concedido este título, em 1380, a Enrique de Castilla y Sousa, filho natural seu e de Juana de Sousa, que morreu sem descendência. (I, p. 78)

- Mulei – título árabe que significa «meu Senhor» e que precede o nome de soberanos e grandes personalidades. (II, p. 88)
- Mulei Abrahé – Mulei Abrahem ou Mawlay Ibrahim (? – 1539), alcaide de Xexuão, poderoso aliado e cunhado do sultão de Fez (da dinastia oatácida). Dirigiu diversas investidas contra as praças portuguesas de Arzila e Tânger, mas firmou alguns acordos com os capitães portugueses, tendo representado o rei de Fez no tratado de paz assinado em 1538. (II, p. 88)
- Nuno Alveres [Pereira] (Conde D.) – Santo Condestável, ou São Nuno de Santa Maria (1360-1431), líder do exército que defendeu a independência de Portugal face a Castela, apoiando o partido daquele que viria a ser o rei D. João I. Foi o estratega responsável por vitórias notáveis, caso da batalha dos Atoleiros e da de Aljubarrota. Era filho natural de D. Álvaro Gonçalves Pereira, Prior da Ordem do Hospital. Casou com Leonor de Alvim, da qual teve 3 filhos, dos quais só Beatriz Pereira de Alvim chegou à idade adulta, tendo casado com D. Afonso, filho natural de D. João I, dando origem à casa de Bragança. (I, p. 79)
- Pereiras – apelido familiar (vid. Nuno Alveres [Pereira]). (I, p. 80)
- Pero Navarro (Conde) – Pedro Navarro (c.1460-1528), foi um nobre navarro, estratega e aventureiro, que se celebrizou nas guerras de Itália e em África, no tempo dos reis Católicos e do Imperador Carlos V. Em 1504 foi-lhe outorgada a vila e o condado de Oliveto, em Itália. (I, p. 78)
- Petrarca – Francesco Petrarca (1304-1374), famoso poeta e humanista italiano. Autor de múltiplos poemas, reunidos no *Cancioneiro* (dedicado a Laura), é ainda considerado o inventor do soneto. (I, p. 66)
- Philippe – Filipe da Acarnânia (séc. IV a.C), médico de Alexandre, o Grande (vid.). (II, p. 93)
- Plínio – Plínio, o Antigo ou o Velho (23?-79), intelectual e militar romano, foi autor da *Historia Natural*. (I, p. 61)
- Plutarco – Lucius Mestrius Plutarchus (c. 46-120d.C) – historiador, ensaísta e filósofo (platónico) grego que se tornou cidadão romano. Foi autor de uns *Moralia*. (II, p. 93)
- Rey (de França) – Os reis de França correspondentes ao reinado de D. João III de Portugal (1502-1557 – rei a partir de 1521) são Francisco I (1494-1547 – rei a partir de 1515) e Henrique II (1519-1559 – rei a partir de 1547). (I, p. 81)
- Relação – tribunal judicial que julgava causas em segunda instância (apelações e agravos). O primeiro Tribunal da Relação foi criado em 1582, na cidade do Porto, com jurisdição sobre várias comarcas circundantes. (II, p. 87)
- Rey de Fez – trata-se provavelmente do soberano da dinastia oatácida Mulei Hamete, (? – 1549?), que sucede a seu pai Mulei Mafamede em 1526 como sultão de Fez

- graças à intervenção de Mulei Abraham, já que o herdeiro natural do trono seria o tio de Mulei Hamete. A queda de Fez em 1549 marca o fim da dinastia oatácida. (II, p. 87)
- Roma – cidade italiana e sede da Igreja Católica Romana. (II, p. 90, 92)
- Rui de Sande – há registo de dois indivíduos com este nome: um contemporâneo de Morais, moço de câmara de D. João III, outro anterior, embaixador no tempo de D. João II e elemento do conselho de D. Manuel I. (I, p. 72)
- Sallado – batalha do Salado – importante confronto entre cristãos e muçulmanos, que teve lugar a 30 de outubro de 1340 no sul da Espanha, junto ao rio com o mesmo nome. Do lado cristão, o rei de Castela Afonso XI foi ajudado pelo rei português (Afonso IV) e por forças de Aragão. Do lado muçulmano estavam Abul-Hassan, rei de Fez e de Marrocos e o emir de Granada Yusef-Abul-Hagiag. As forças muçulmanas eram em muito maior número, mas foram vencidas pelas forças cristãs. (I, p. 77)
- Scipião – Públio Cornélio Cipião Africano (236-183a.C) – General e estadista romano, conhecido por ter derrotado o general cartaginês Aníbal na batalha de Zama, que pôs fim à segunda Guerra Púnica. (II, p. 90)
- Senado da Meza da Suplicação – A expressão parece aglutinar várias instâncias de decisão da época: o Senado da Câmara, a Casa da Suplicação (que era o supremo tribunal do reino português) e a Mesa do Desembargo do Paço (tribunal supremo que ganhou autonomia relativamente à casa da suplicação em 1521). (II, p. 87)
- Simão da Silveira – Há registo de vários indivíduos de nome Simão da Silveira que viveram no século XVI. Tendo em consideração o contexto no qual o nome ocorre, poderá tratar-se de Simão da Silveira, filho do conde de Sortelha, poeta do séc. XVI, com composições no *Cancioneiro Geral* recolhido por Garcia de Resende. (I, p. 71)
- Solon – Sólon (638-558a.C) – poeta, estadista e, sobretudo, legislador ateniense. A ele se deve a noção de «democracia». Governou a cidade de Atenas, tendo-a levado a um período de prosperidade e de pujança relativamente às restantes cidades-estado gregas. Liderou os atenienses em várias batalhas vitoriosas. (II, p. 89)
- Themistocles – Temístocles (c.524-459a.C.) general e político grego natural de Atenas, que governou a cidade. Resistiu, enfrentou e venceu a armada dos Persas, na batalha de Salamina, pondo-os em fuga. Quando incorreu no desagrado dos atenienses encontrou refúgio junto dos persas. No entanto, nunca esqueceu a sua pátria pois, quando foi solicitado para combater contra a Grécia, preferiu suicidar-se. (II, p. 89)
- Tito Livio – Titus Livius (c.59a.C.-17d.C.), historiador romano autor da obra *Ab Urbe*

- condita*, que relata a história de Roma desde a sua fundação até ao séc. Id.C. (II, p. 93)
- Toledo (Arcebispo) – vid. Arcebispo de Toledo.
- Touro – Toro (batalha de). A batalha do Toro ou de Castro Queimado (1-2 de Março de 1476) ocorreu no quadro da guerra da sucessão espanhola, sendo oponentes, de um lado, as tropas portuguesas de D. Afonso V aliadas à facção castelhana que defendia os direitos de Joana a Beltraneja ao trono de Castela, e, do lado oposto, a facção castelhana que defendia os direitos da futura Isabel I e de seu marido, Fernando II de Aragão. Esta batalha marcou um ponto de viragem na guerra, o recuo dos defensores das pretensões da princesa Joana. (I, p. 62)
- Tullio – nome por que era conhecido Cícero — Marcus Tullius Cicero (106-43a.C.) —, político e orador romano, cujo pensamento teve grande influência no Renascimento. A sua obra incide especialmente sobre retórica, filosofia e política. (I, p. 70); (II, p. 94)
- Tunes – cidade da Tunísia situada no golfo de Tunes. (I, p. 66)
- Vilhena (Marquesado de) – O 1º marquês de Vilhena foi João Pacheco (Vid.). O título foi concedido pelo rei D. Juan II de Castela em 1445. (I, p. 78)
- Xarife – título usado por príncipes mouros descendentes de Mafamede. (I, p. 61); (II, p. 94)

# Índice

Apresentação .....	5
<i>Diálogos</i> , ou <i>Colóquios</i> de Francisco de Morais .....	7
1. O autor e a obra .....	7
2. Os três Colóquios, ou Diálogos, de Francisco de Morais .....	8
3. Testemunhos e edições .....	11
4. Descrição codicológica dos testemunhos .....	16
5. Texto-base, variantes e manipulações .....	21
6. Diálogos, ou Colóquios? .....	30
7. A datação dos textos .....	33
8. Os interlocutores .....	37
9. A ação da censura .....	39
Bibliografia .....	49
Normas de transcrição e aparato crítico .....	55
Colóquio Primeiro, ed. Margarida Santos Alpalhão .....	59
Colóquio Segundo, ed. Ana Sofia Laranjinha .....	83
Colóquio Terceiro, ed. Isabel Barros Dias .....	95
Glossário .....	103
Índice de nomes próprios .....	109

